

**UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE**

Arlete Lourenzetto

Processos formativos de professores dos anos iniciais do  
Ensino Fundamental

São Paulo  
2008

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

ARLETE LOURENZETTO

Processos formativos de professores dos anos iniciais do  
Ensino Fundamental

Dissertação apresentada à Universidade Presbiteriana  
Mackenzie, como requisito parcial para a obtenção do  
título de Mestre em Educação, Arte e História da Cultura.

Orientadora: Profa. Dra. Maria da Graça Nicoletti  
Mizukami

São Paulo  
2008

Lourenzetto, Arlete

Processos formativos de professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental / Arlete Lourenzetto. - 2008

180 f. : 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura) –  
Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2008.

Bibliografia: f. 109 – 113

1. Docência 2. Saberes docentes 3. Formação de professores. I. Título

CDU:

**ARLETE LOURENZETTO**

**Processos formativos de professores dos anos iniciais do Ensino  
Fundamental**

Dissertação apresentada à Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação, Arte e História da Cultura.

Aprovada em     de                     de                     2008.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Maria da Graça Nicoletti Mizukami (orientadora)  
Universidade Presbiteriana Mackenzie

---

Profa. Dra. Maria Dalva Silva Pagotto  
Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”

---

Profa. Dra. Petra Sanchez Sanchez  
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Dedico este trabalho aos heróis de toda minha vida – Martins Lourenzetto e Magdalena Chia Lourenzetto – meus pais, por estarem ao meu lado nas horas que chorei e nas horas que sorri, dedicando-me um amor iluminado que me serviu, serve e servirá de exemplo, dispensando-me um carinho especial que me dá forças para enfrentar e superar as intempéries da vida.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, a força que me deu, pois quando o sonho parecia estar se desfazendo, Ele o reconstruiu; quando as forças já estavam acabando, Ele as renovou; quando alguém disse “não vai conseguir”, Ele disse: “Filha, não tenhas medo, estou contigo.”

À Dra. Maria da Graça Nicoletti Mizukami, minha orientadora, a quem devo o resultado desse trabalho, por sua persistência, incentivo e constante acompanhamento, que à luz do conhecimento mostrou-me o caminho a seguir nessa tarefa, com imensurável competência.

Aos professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação do Curso de Educação, Arte e História da Cultura a presteza e solicitude durante o curso.

Ao Dr. Marcos Rizolli, o ombro amigo em todos os momentos, ouvindo-me, estimulando-me.

Aos meus pais Martins Lourenzetto e Magdalena Chia Lourenzetto, por ter-me incutido a fé, a esperança e por trilhar junto comigo esse caminho, sem jamais esmorecer, enfrentando os obstáculos e dizendo-me que sou capaz.

Às minhas irmãs Angela Lourenzeto Santos, Angélica Lourenzetto Camargo e em especial Alice Lourenzetto Roberto, o auxílio, paciência e incentivo, por perdoar a minha ausência em momentos que de mim necessitaram.

Aos queridos sobrinhos Rafael, Marcella, Fernando e Mariana, agradeço a torcida.

Aos cunhados Reginaldo José de Camargo, Luiz Marcos Roberto e Bernardino Santos Filho, pois sempre demonstraram estar do meu lado, acreditando no meu sucesso nessa jornada.

À minha amiga especial Neusa Maria Jorgino de Oliveira: obrigada pela amizade que, gentilmente, você me permitiu desfrutar; obrigada pela energia que, positivamente, muitas batalhas me ajudou a ganhar; pela força que, bravamente, você conseguiu me emprestar e, agradeço ao seu coração todo o carinho que pôde me dar.

À caríssima amiga Júlia de Cássia Pereira do Nascimento, por ter compartilhado dos sonhos, dos medos e dos erros, que tantas vezes a mim se apresentaram e lá estava ela a dizer-me, “conte comigo”.

À amiga Nancy Rabello de Barros Trindade, agradeço o empenho em auxiliar com seu estímulo, sempre presente em todas as etapas deste trabalho.

À amiga Necy de Souza Cerqueira, especialmente a força e o encorajamento a mim dados nessa trajetória.

Aos sujeitos da pesquisa, a paciência e o entusiasmo ao colaborar com este trabalho.

À minha professora tia Alzira, no magistério, pois creio que nela me espelhei para ser a profissional que hoje sou.

À Instituição Superior de Ensino onde foi realizada a pesquisa, principal objeto do trabalho.

À CAPES, a concessão da bolsa parcial que viabilizou o desenvolvimento desta pesquisa.

Ao apoio dado pelo MACKPESQUISA, em virtude deste trabalho ter sido financiado em parte pelo Instituto Presbiteriano Mackenzie, por meio do Fundo Mackenzie de Pesquisa.

Minha gratidão à compreensão carinhosa e paciente de todos que me são caros pelos encontros que não aconteceram, que foram adiados... por continuarem me esperando.

Por fim, agradeço a todos os meus alunos com os quais tenho me encontrado nos últimos anos e que todos os dias me ensinam a arte de educar.



Aprender a ensinar é um processo que continua ao longo da carreira docente e que, não obstante a qualidade do que fizermos nos nossos programas de formação de professores, na melhor das hipóteses só poderemos preparar os professores para começar a ensinar. (ZEICHNER)

## RESUMO

A docência no Brasil passou por vários e distintos momentos históricos, às vezes com peculiaridades próprias do período, que neste trabalho foram descritas com a finalidade de investigar como se constroem os saberes docentes. Este trabalho objetiva investigar como alunos ingressantes no curso de Pedagogia de uma Instituição de Ensino Superior explicitam sua escolha pelo magistério dos anos iniciais. Para tanto é apresentado, inicialmente, um panorama histórico. Como metodologia foi aplicado um questionário para conhecer as expectativas e o processo formativo dos sujeitos, de onde se obtiveram dados que foram analisados à luz da literatura vigente, procurando identificar os tipos de variáveis que os participantes dizem ter influenciado sua escolha profissional. A pesquisa foi desenvolvida em um instituto de educação superior, com a participação de 65 sujeitos, do primeiro ano do curso de Pedagogia, em duas etapas. A formação profissional e os saberes da docência, a metodologia e os resultados são as partes que compõem este estudo analítico-descritivo. Como considerações finais, o trabalho revelou que os futuros professores não têm muito claros os motivos de sua escolha pelo curso ou que os aspectos indicados não constituem propriamente motivos relacionados a uma concepção profissional. A pesquisa revelou também que tais escolhas são oriundas de variáveis, muitas delas externas ao ambiente.

**Palavras-chave:** Docência, saberes docentes, formação de professores, ensino fundamental.

## ABSTRACT

Teaching in Brazil has gone through several and different historical moments, sometimes with peculiarities that were specific of a given period, which, in the present dissertation, are described with the purpose of investigating how the teaching knowledge is constructed. This work aims at investigating how the students starting the Pedagogy course in a Higher Education Institution make explicit their choice for teachership in the initial grades. With this purpose, a historical overview is initially presented. The methodology was the application of a questionnaire in order to know the expectations and the formative process of the subjects, which resulted in data that were analyzed in the light of the effectual literature, seeking to identify the types of variables that the participants claim to have influenced their professional option. The survey was executed in a high education institution, with the participation of 65 subjects studying in the first semester of the Pedagogy course, in two stages. The professional formation and the teaching knowledge, the methodology and the results are the sections that constitute this analytical-descriptive study. By way of final considerations, the work revealed that the future teachers do not hold much clear the reasons for their course choice or that the outpointed aspects do not exactly constitute reasons associated to a professional conception. It has also shown that such choices result from several variables, many of which are external to the environment.

**Key-words:** Teaching, teaching knowledge, teachers' formation, basic education.

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>CAPÍTULO 1 - A FORMAÇÃO PROFISSIONAL E OS SABERES DA DOCÊNCIA.....</b>	<b>15</b>
1.1 PANORAMA HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO NO BRASIL E DA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DO ENSINO FUNDAMENTAL (1º ao 4ºano).....	15
1.2 AS PESQUISAS NA ÁREA.....	46
1.3 OS SABERES DA DOCÊNCIA.....	56
<b>CAPÍTULO 2 - METODOLOGIA.....</b>	<b>66</b>
2.1 O PROBLEMA DA PESQUISA.....	66
2.2 OBJETIVOS DA PESQUISA.....	66
2.3 TIPO DE PESQUISA.....	67
2.4 INSTRUMENTOS DE COLETA.....	67
2.5 CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS.....	69
2.6 CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO FORMADORA.....	70
<b>CAPÍTULO 3 – RESULTADOS .....</b>	<b>74</b>
3.1 OS FUTUROS PROFESSORES - CARACTERÍSTICAS.....	75
3.1.1 Dados Pessoais.....	75
3.1.2 Processo de escolarização.....	80
3.1.3 Escolha profissional.....	90

<b>CAPÍTULO 4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>105</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>109</b>
APÊNDICE I – Instrumento de coleta “Questionário”.....	115
APÊNDICE II – Questionário aplicado .....	118
APÊNDICE III – Grade curricular do 1º ano de Pedagogia .....	180

## Introdução

Ensinar não é uma função vital, porque não tem o fim em si mesmo; a função vital é aprender.

Aristóteles

A partir da minha prática docente como professora do curso de Pedagogia, acompanhando os projetos desenvolvidos em parceria com escolas públicas da região e supervisionando os estágios obrigatórios, surgiu o meu interesse pelo tema “Formação de professores”. Observei que alguns professores traziam consigo certa facilidade em lidar com situações-problemas de sala de aula, enquanto outros demonstravam dificuldade, apresentavam insegurança, estavam angustiados, mas havia um denominador comum: todos carregavam consigo muito entusiasmo.

Essa constatação gerou uma inquietação trazendo perguntas como: *Como sua trajetória escolar influenciou na sua escolha profissional? Quais as expectativas desses alunos em relação ao curso? O que um professor dos anos iniciais do ensino fundamental (1º ao 5º ano) deve saber e deve saber fazer? Que projeção fazem de si mesmos como futuros profissionais?* entre outras, levando-me a investigar acerca dos saberes docentes e a fazer uma pesquisa na área.

Para responder a tais questionamentos, embasei-me na literatura sobre “Formação de Professores”, recorrendo a teóricos como Tardif (2002) *Saberes docentes e formação profissional* (2002); *Difusão da pesquisa educacional entre profissionais do ensino e círculos acadêmicos* (2005) e Zeichner, *Tendências da pesquisa sobre formação de professores nos Estados Unidos* (1998), *A formação reflexiva do professor* (1993) que comungam quanto à importância da prática docente para a pesquisa acadêmica.

Dessa forma, procurei fazer esta pesquisa no *locus*, isto é, na faculdade de Pedagogia, onde futuros professores, por meio de questionário relataram suas emoções, fatores individuais e sociais que podem interferir no seu fazer pedagógico, no processo de aprender e ensinar.

Neste trabalho apresento a condução dos saberes docentes a partir das pesquisas realizadas na área, usando a bibliografia e o trabalho *in locus* com os alunos do curso de Pedagogia, por meio de dados coletados no questionário proposto, obtendo, com isso, manifestações escritas dos professores e uma visão da formação inicial a partir das expectativas, concepções e primeiras aprendizagens da docência.

Para tanto, este relatório de pesquisa está organizado como se segue:

Capítulo 1 – **A formação profissional e os saberes da docência.** Neste capítulo discorro sobre: a) Um panorama histórico da educação no Brasil e da formação do professor do ensino fundamental (1º ao 5º ano); b) Algumas pesquisas na área; c) Um panorama sobre o que a literatura na área educacional vem apontando como “saberes da docência”.

Capítulo 2 – **Metodologia.** Neste capítulo apresento o problema, o objetivo, o tipo de pesquisa, instrumentos de coleta, caracterização dos sujeitos e caracterização da instituição formadora, bem como a sistemática de tratamento e análise dos dados.

Capítulo 3 – **Resultados.** Neste capítulo apresento os resultados obtidos, cotejando-os com a literatura da área.

Encerrando, apresento as considerações finais sobre a investigação realizada, identificando possíveis aspectos relacionados à aprendizagem de saberes necessários à docência. Como os participantes da pesquisa revelam que tais saberes estão relacionados a dimensões individuais, perpassados pela convivência social. Indicam também que a formação inicial e a continuada contribuem para o bom desenvolvimento da aprendizagem docente no

próprio local de trabalho e possivelmente da pesquisa na universidade, tal como nos diz Tardif (2002)

[...] o saber não é uma coisa que flutua no espaço: o saber dos professores é o saber deles e está relacionado com a pessoa e a identidade deles, com a sua experiência de vida e com a sua história profissional, com as suas relações com os alunos em sala de aula e com os outros atores escolares na escola etc. (TARDIF, 2002, p. 11).



## **Capítulo 1. A formação profissional e os saberes da docência**

Neste capítulo apresento um panorama histórico da educação no Brasil e da formação de professores dos anos iniciais do ensino fundamental (1º ao 5º ano),<sup>1</sup> com o objetivo de oferecer subsídios que possibilitem a melhor compreensão de questões atuais relativas à formação do professor. Em seguida, será feita uma análise de como e quando os *focus* relacionados à aprendizagem da docência e aos saberes aparecem nas pesquisas e na literatura educacional brasileira. Finalmente, serão apresentadas algumas concepções de autores sobre os saberes da docência.

### **1.1 Panorama histórico da educação no Brasil e da formação do professor do ensino fundamental (1º ao 5º ano)**

Para caracterizar melhor a história da educação e da formação do professor do ensino fundamental (1º ao 5º ano) no Brasil, fez-se necessário dividi-la em períodos. Esta divisão teve como base períodos que podem ser considerados como os mais marcantes na nossa educação; de acordo com Pilletti (1996), são eles: Período Colonial, Período Imperial, Período da Primeira República, Período da Segunda República, Período do Estado Novo, Período da Nova República, Período do Regime Militar e Período da Abertura Política.

#### **Período Colonial**

Podemos dividir este período em três fases: a Jesuítica, a Pombalina e a Joanina.

---

<sup>1</sup> Prevista na Lei nº 9.394/96, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), e em uma das metas do Ensino Fundamental no Plano Nacional de Educação (PNE) 2001-2011, a ampliação de oito para nove anos objetiva que todas as crianças de seis anos, sem distinção de classe, sejam matriculadas na escola, de acordo com a Lei nº 11.274 de 06 de fevereiro de 2006, com cinco anos no primeiro ciclo.

### *A fase Jesuítica (1549 a 1759)*

Esta fase foi marcada pela interrupção da educação indígena com a vinda dos primeiros jesuítas ao território brasileiro em março de 1549 juntamente com o primeiro governador-geral, Tomé de Souza. Comandados pelo padre Manuel da Nóbrega, quinze dias após a chegada edificaram a primeira escola elementar brasileira, localizada em Salvador, tendo como mestre o Irmão Vicente Rodrigues, que contava com apenas 21 anos de idade. Assim, Irmão Vicente tornou-se o primeiro professor nos moldes europeus, em terras brasileiras, e durante mais de 50 anos dedicou-se ao ensino e à propagação da fé religiosa.

O objetivo prático da ação jesuítica no Novo Mundo era o de recrutamento de fiéis e servidores. Para tanto, dedicaram-se à pregação da fé católica e ao trabalho educativo. A catequese assegurou a conversão da população indígena. Escolas elementares foram criadas para os curumins bem como núcleos missionários no interior das nações indígenas. Os filhos dos colonos também recebiam a mesma educação, o que garantia a sua evangelização. Quanto aos servidores da Ordem, recebiam uma preparação para o exercício do sacerdócio e foi principalmente para eles que se fundaram os colégios, onde se ministrava o ensino das letras, ciências humanas e as ciências teológicas. Também recrutaram homens da camada dominante para engrossar as fileiras dos sacerdotes da Ordem.

Assim, os padres jesuítas ministraram, em princípio, três categorias de ensino no Brasil: a) educação simples, elementar para a população índia e branca em geral (exceto para as mulheres); b) a educação média, para os homens da classe dominante, cuja maioria continuou nos colégios preparando-se para ingressar na classe sacerdotal; e c) a educação superior religiosa só para esta última classe. E os que não seguiam a carreira eclesiástica iam para a Europa com o objetivo de ampliar os estudos, principalmente na Universidade de Coimbra (fundada em 1548 e dirigida igualmente pelos jesuítas), ou na Universidade

Montpellier, na França, onde se formava restrita elite intelectual brasileira, em direito, filosofia ou em medicina.

Quando os jesuítas chegaram ao Brasil não trouxeram somente a religiosidade européia, a moral e os costumes; trouxeram também os métodos pedagógicos. Todas as escolas jesuíticas eram regulamentadas por um documento escrito por Ignácio de Loyola, o *Ratio Studiorum*.<sup>2</sup>

Segundo Romanelli (2007), o ensino que os padres jesuítas ministravam era completamente alheio à realidade da vida da Colônia. Desinteressado, uniforme e neutro, destinado a dar cultura geral básica, sem a preocupação de preparar para o trabalho.

O objetivo principal da presença da Companhia de Jesus no Brasil, que era o de catequese, aos poucos foi cedendo lugar, em importância, à educação da elite.

Foi ela, a educação dada pelos jesuítas, transformada em educação de classe, com as características que tão bem distinguem a aristocracia rural brasileira, que atravessou todo o período colonial e imperial e atingiu o período republicano, sem ter sofrido, em suas bases, qualquer modificação estrutural, mesmo quando a demanda social de educação começou a aumentar, atingindo as camadas mais baixas da população e obrigando a sociedade a ampliar sua oferta escolar (ROMANELLI, 2007, p. 35).

Nesse período, a ascensão na hierarquia social dos colonos ocorria pela propriedade da terra, pelo número de escravos e, sobretudo, pelos graus de bacharel e de Mestres em Artes (dados pelos colégios).

Os jesuítas permaneceram durante duzentos e dez anos como mentores intelectuais e espirituais (1549 a 1759), até a sua expulsão de todas as colônias portuguesas

---

<sup>2</sup> A *Ratio Studiorum* organizou o ensino em classes, horários, programas e instituiu rigorosa disciplina nos colégios, fundada no afeto e compreensão, mais do que em castigos físicos tão do gosto da época. Haveria seis anos de *studia inferiora*, dividido em seis cursos (três de gramática, um de humanidades, um de poesia, um de retórica); mais três anos de *studis superiora* de filosofia (lógica física e ética); um ano de metafísica (matemática superior, psicologia). Após esses anos, estavam previstos uma *repetitio generale* e um período de prática de magistério. Finalmente, mais quatro anos de estudos de teologia. Ver, dentre outros, (MANACORDA, M., p. 219).

por decisão de Sebastião José de Carvalho, o marquês de Pombal, em razão de radicais diferenças de objetivos. Se as escolas da Companhia de Jesus tinham por objetivo servir aos interesses da fé, as de Pombal tinham por objetivo servir aos interesses do Estado.

Ao deixarem o Brasil, os jesuítas tinham 25 residências, 36 missões e 17 colégios e seminários, juntamente com seminários menores e escolas de primeiras letras instaladas em todas as cidades onde havia casas da Companhia de Jesus, de acordo com estudo de Pilletti (1996), que dividiu os períodos já classificados anteriormente, com base na Linha da Vida ou Faixa do Tempo montessoriana, segundo o próprio autor.

### *A fase Pombalina (1760 a 1807)*

Com a expulsão dos jesuítas, o Brasil passou por inúmeras dificuldades no sistema educacional, e com isso desmoronou toda uma estrutura administrativa. A ação pedagógica uniforme, a perfeita transição de um nível escolar para outro e a graduação foram substituídas pela diversificação das disciplinas isoladas. Leigos foram introduzidos no ensino, os chamados mestres-régios, quase sempre despreparados e ignorantes, e os encargos da educação foram assumidos pelo Estado.

A reforma pombalina se deu por meio do Alvará Régio de 28/06/1759, e ao mesmo tempo em que sancionou a expulsão dos jesuítas das terras brasileiras e portuguesas, estabeleceu a reforma dos estudos menores. Com novos métodos, Pombal criou as aulas régias de Latim, Grego e Retórica. Criou também a Diretoria de Estudos, que passou a funcionar após o seu afastamento. Com esta reforma, Pombal introduziu o ensino público em seus domínios.

Porém o Alvará de 1759 não regulamentava as escolas de primeiras letras, e com essa omissão a Reforma só teve início em 1772, quando foram redigidos os estatutos dos

estudos menores, para as comarcas e vilas do Reino. Até 1772, esteve presente a improvisação.

Em 1772, o marquês regulamentou a instrução primária e secundária gratuita e leiga, difundindo aulas de ler, escrever e contar, juntamente com elementos da doutrina cristã, por todas as colônias e o Reino. O ensino público era mantido pelo povo, por meio de um imposto, o qual foi chamado “subsídio literário”.

Essa situação sofreu alterações com a chegada da Família Real ao Brasil em 1808.

### *A fase Joanina (1808 a 1821)*

A presença da Família Real no país a partir de 1808 trouxe consideráveis mudanças, dentre as quais se destacam a criação do Museu Real, do Jardim Botânico, da Biblioteca Pública e da Imprensa Régia. Esta última permitiu que os fatos e as idéias fossem divulgados e discutidos no meio da população letrada.

No quadro educacional, são criados os primeiros cursos superiores na Colônia, porém, eram baseados em aulas avulsas e com um sentido profissional prático. Dentre eles, distinguiram-se a Academia Real da Marinha e a Academia Real Militar (depois transformada em Escola Militar de Aplicação), que formavam engenheiros civis e preparavam a carreira das Armas. Os cursos médico-cirúrgicos do Rio de Janeiro e da Bahia foram as células das nossas primeiras Faculdades de Medicina (ROMANELLI, 2007, p. 38).

Destaca-se ainda, a Missão Cultural Francesa, que possibilitou em 1820 a criação da Real Academia de Desenho, Pintura, Escultura e Arquitetura Civil (transformada depois em Escola Nacional de Belas-Artes).

Nota-se que de todas as iniciativas, o aspecto de suma importância foi o fato de terem se preocupado exclusivamente com o ensino superior, o que acentuou uma tradição que

vinha da Colônia, de proporcionar uma educação para uma elite aristocrática, abandonando totalmente os demais níveis do ensino.

### **Período Imperial (1822 a 1888)**

A preparação de docentes, relacionada com a formação das novas gerações, surge nesse período como expectativa dos governos do Brasil. Porém, isso não quer dizer que tais expectativas representassem prioridade de governo.

Sabe-se que foi dada pouca prioridade ao ensino fundamental, destino final da classe popular, já que o ensino superior foi objeto de cuidado, tanto no Império quanto na República, podendo-se concluir que a importância atribuída a esse nível de ensino fosse pela valorização de seu público, a classe dominante.

Segundo Tanuri (2000), antes que se fundassem escolas específicas para a formação pessoal de docentes, encontram-se as primeiras escolas de ensino mútuo,<sup>3</sup> instaladas a partir de 1820. Havia a preocupação não somente de ensinar as primeiras letras, mas a de preparar docentes, instruindo-os no domínio do método. Esta foi a primeira forma de preparação de professores, exclusivamente prática, sem qualquer base teórica, forma que posteriormente seria adotada pelo estabelecimento de Professores Adjuntos.

---

<sup>3</sup> Instalado no Brasil a partir de 1820, era também conhecido como método lancasteriano ou sistema monitoral. Esse método pregava, dentre outros princípios, que um aluno treinado ou mais adiantado (decúria) deveria ensinar um grupo de dez alunos (decúria), sob a orientação e supervisão de um inspetor. Ou seja, os alunos mais adiantados deveriam ajudar o professor na tarefa de ensino. Essa idéia resolveu, em parte, o problema da falta de professores no início do século XIX no Brasil, pois a escola poderia ter apenas um educador. Esse método, baseado na obra de Joseph Lancaster, entendia também que se deveria repartir os alunos em classes segundo a ordem de seus conhecimentos e que o procedimento educacional de castigo físico deveria acabar, instituindo uma nova forma de pensar a disciplina escolar. Foi implantado oficialmente no Brasil pela Lei de 15 de outubro de 1827, que definia, em linhas gerais, as diretrizes do ensino geral.

O Brasil conhece sua primeira lei de educação em 15 de outubro de 1827, que visava garantir a gratuidade do ensino primário para os considerados cidadãos e em obediência à Constituição.

A lei possuía um caráter nacional e implicava a formação de docentes como incumbência dos poderes gerais. Porém, na prática passou a ser concretizada pelas Províncias como consequência do Ato Adicional de 12 de agosto de 1834, Lei nº. 16. Possuindo apenas 32 artigos, a lei estabelecia algumas mudanças significativas, principalmente no que se referia às atribuições dos Conselhos Gerais de Província. Na verdade, ela extingue os Conselhos Gerais das Províncias e cria, em seu lugar, as Assembléias Legislativas Provinciais com poderes para legislar sobre economia, justiça, educação, entre outros. Desde então, a formação de docentes para atuar no “ensino primário” se dava no âmbito das escolas normais sob a responsabilidade das Províncias (TANURI, 2000).

A primeira Escola Normal brasileira foi criada na Província do Rio de Janeiro, pela Lei nº. 10, de 1835, que determinava:

Haverá na capital da Província uma escola normal para nela se habilitarem as pessoas que se destinarem ao magistério da instrução primária e os professores atualmente existentes que não tiverem adquirido necessária instrução nas escolas de ensino mútuo, na conformidade da Lei de 15/10/1827.

A escola seria regida por um diretor, que exerceria também a função de professor, e teria um currículo que contemplaria a leitura, a escrita pelo método lancasteriano, as quatro operações e proporções, a língua nacional, elementos de geografia e princípios de moral cristã. Era pré-requisito para ingresso ser cidadão brasileiro, ter 18 anos de idade, ter bons costumes e saber ler e escrever. Após quatro anos de funcionamento, ela havia formado apenas 14 alunos, dos quais 11 se dedicaram ao magistério (MOACYR, 1939b, p. 199). Consta em registros que ela teve uma curta duração, sendo suprimida em 1849.

A formação nessas escolas não tinha nenhum método que indicasse uma maior preocupação com a preparação dos professores. Refletia uma tendência geral da época de que o magistério não constituía uma profissão, mas sim uma vocação, necessitando dedicação, aptidão e qualidades morais.

A partir da criação da primeira Escola Normal, lentamente a experiência se repetiu em outras Províncias, sendo criadas instituições parecidas em Minas Gerais, em 1835 e instalada em 1840; na Bahia, em 1836 e instalada em 1841; e em São Paulo, em 1846 e tantas outras.

Algumas características comuns podem ser observadas nas escolas normais: a organização didática era extremamente simples; apenas um ou dois professores ministravam as disciplinas; o curso tinha duração de dois anos e somente no final do período imperial é que veio a estender-se; o currículo era bastante rudimentar; a infra-estrutura disponível, tanto no que se refere ao prédio, quanto na instalação e equipamentos era precária, causando, assim, muitas críticas, segundo Tanuri (2000).

A trajetória das escolas normais, na maioria das províncias, teve um caráter instável e atribulado, submetidas a um processo contínuo de criação e, em pouco tempo, de extinção. Isto se deu, não apenas pelas deficiências didáticas, mas sobretudo pela falta de interesse da população pela profissão docente, acarretada pelo salário miserável que o magistério primário oferecia, pela falta de valorização e ausência de compreensão em torno da necessidade de uma formação específica dos docentes, tendo como consequência a desvalorização da educação do povo, conforme Tanuri (2000).

Diante de tal desprestígio das escolas normais, alguns presidentes de províncias e inspetores de instrução indicam um sistema de inspiração austríaca e holandesa dos “Professores Adjuntos”. Este sistema consistia em admitir aprendizes como auxiliares de professores em exercício, de maneira a prepará-los para o desempenho da profissão docente,



de forma meramente prática, sem qualquer base teórica. Introduzido no Rio de Janeiro pelo Regulamento de 14/12/1849, o sistema persistiu por muito tempo, mesmo após a instalação das escolas normais.

O biênio 1850/1851 não apresenta na literatura registro de alterações na educação brasileira. Surge em 1852 um excerto de Gonçalves Dias, segundo Lima (1969), aconselhando os responsáveis pela educação do Império, a não dar instruções aos “aldeados” por achar perigoso. De novo, há uma lacuna no ano de 1853, mas em 1854 o Decreto 1.331A, de 17/02, cria a Inspeção Geral de Instrução Primária e Secundária, e ainda neste mesmo ano cria-se uma escola normal na Paraíba. De 1855 a 1856 nada consta como mudança ou criação na educação. Entretanto, em 1857 é criado o Colégio de Artes Mecânicas no Rio Grande do Sul, com restrições, uma vez que crianças de cor preta e escravos pretos não podiam ali matricular-se. Na história da educação brasileira entre os anos de 1858 e 1869 registra-se uma etapa sem alterações. E em 1870 acontece a Reforma Paulino de Souza, que dá ao Colégio Pedro II um caráter formativo que não só habilitava os alunos para a vida, mas também para competir com os alunos das escolas particulares como candidatos às Academias.

Ainda segundo Tanuri (2000), a partir de 1870 ocorrem várias transformações de cunho ideológico, cultural e político, causando profunda valorização no setor educacional, acreditando-se que “um país é o que a sua educação o faz ser”. A educação foi vista como essencial ao desenvolvimento social e econômico da nação. Criou-se a Escola Americana, o Colégio Piracicabano (de cunho protestante) e a escola normal no Rio Grande do Sul. Algumas teses começam a surgir, dentre elas a obrigatoriedade de ensino da instrução primária e a liberdade de ensino em todos os níveis.

É nesse contexto de popularização do ensino que as escolas normais passam a obter estabilidade e sucesso. Vários projetos são propostos, evidenciando o seu papel no desenvolvimento quantitativo e qualitativo do ensino primário.

Paralelamente à valorização das escolas normais ocorre também o enriquecimento do seu currículo, ampliação dos requisitos para ingresso e sua abertura ao sexo feminino.

As primeiras escolas normais de Niterói, Bahia, Pernambuco e tantas outras foram destinadas exclusivamente ao público masculino. Somente nos anos finais do Império é que começaram a ser abertas às mulheres, fato que, segundo os historiadores, aconteceu pelo aumento do número de vagas e pelo abandono por parte dos homens. Este fenômeno pode ser explicado também pelo crescimento das escolas obrigatórias. As mulheres, que até o século XIX somente tiveram acesso à educação religiosa ministrada nos conventos, pela Lei de 05 de outubro de 1827, adquiriram o direito à educação, pelo menos em tese (ALMEIDA, 1998).

Segundo Almeida (1998), o repúdio à co-educação e a necessidade de professoras para ministrar aulas em classes femininas, dada a moral vigente que não via com bons olhos professores ensinando meninas, possibilitaram então a abertura de um espaço profissional para as mulheres no ensino.

### **Primeira República (1889 a 1929)**

Almeida, afirma ainda que no fim deste período a feminização da profissão docente em São Paulo era um fato, porém, a ampliação significativa de mulheres nesta profissão reforçou a imagem de que a atividade docente era uma profissão complementar ou de segundo nível.

Com a República, verificam-se inúmeras tentativas de reformular o ensino, que se traduziram em vários projetos de lei que se seguiram por um período de aproximadamente dez anos, os primeiros dos quais refletiam uma acentuada influência positivista. Embora se buscasse estabelecer leis gerais, manteve-se dependência administrativa das escolas primárias e normais das unidades da federação, denominadas, posteriormente, de estados.

De acordo com Tanuri (2000), em 1923 São Paulo era tido como pólo econômico e um dos estados progressistas; por isso pôde expandir seu sistema de ensino primário e normal juntamente com Minas Gerais e Rio de Janeiro, seguindo uma nova corrente de renovação pedagógica que serviu de modelo para outros estados, dentre eles Mato Grosso, Espírito Santo, Santa Catarina, Sergipe, Alagoas e Ceará, por considerar que essa reforma se preocupava com a formação técnico-profissional, valorizando sobremaneira a disciplina Metodologia de Ensino, de onde adviriam as especialidades metodologia da leitura e escrita, do vernáculo, da aritmética, do ensino intuitivo, das ciências naturais, do desenho, da geografia, da música, dos exercícios físicos e dos trabalhos manuais.

A mesma autora cita como exemplo Minas Gerais que, de duas escolas normais com 222 alunos matriculados em 1930, passou para 21 escolas, com 3.892 alunos, das quais 6 eram de segundo grau, ou seja, ofereciam o curso normal de 7 anos, com os cursos de adaptação, o preparatório e o de aplicação, e 15 eram de primeiro grau, com a duração de cinco anos (PEIXOTO, 1983, p. 154). Em 1928 funcionaram 26 escolas normais livres no estado de São Paulo, as quais atingiram 49 unidades em 1930, com 4.017 matrículas, ao lado das dez oficiais já existentes (TANURI, 1979, p. 209). A literatura é esparsa sobre esse período em relação a dados concretos. De 1960 em diante, encontram-se mais facilmente dados a esse respeito, como indica o Censo Escolar de 1964 que mostra que dos 289.865 professores primários em regência de classe em 1964, apenas 161.996, ou seja, 56% tinham realizado curso de formação profissional. Dos 44% de professores leigos, 71,60% tinham apenas curso primário (completo ou incompleto); 13,7%, ginásial (completo ou incompleto); 14,6%, curso colegial (completo ou incompleto) (BRASIL, 1967).

Assim, avanços significativos começam a ocorrer no que se refere ao desenvolvimento das escolas de formação de professores, como o prolongamento da formação básica dos professores em vários estados. No Rio de Janeiro, por exemplo, uma reforma que

foi votada em 1917, aprovou a divisão do curso da Escola Normal em dois ciclos, um preparatório e outro especificamente profissional. Pouco depois, São Paulo introduz um curso de dois anos complementando o primeiro ciclo, imposto como condição para admissão nas suas escolas normais, exemplo que foi sendo seguido por muitas outras unidades da federação.

É notório em todo o país no período da Primeira República, que se estende até 1930, o início do processo de profissionalização do curso normal, principalmente pela inclusão em seu currículo de disciplinas, princípios e práticas de cunho pedagógico inspiradas na Escola Nova,<sup>4</sup> e de uma fundamentação para a compreensão do processo educativo. Segundo Tanuri (2000, p. 72) a literatura pedagógica passa a tratar os problemas educacionais a partir de um ponto de vista técnico e científico.

Também importante para a expansão do Ensino Normal foi a introdução das escolas normais de iniciativa privada e municipal, denominadas livres ou equiparadas, com o objetivo de compensar a escassez de estabelecimentos oficiais na maioria dos estados.

Na realidade, escolas normais particulares já existiam desde o Império, como as instaladas na Província do Maranhão e no Município da Corte, em 1874. Já em São Paulo, a implantação das escolas de iniciativa municipal e privada foi tardia, a partir de 1927, definida como necessária à expansão do ensino primário na zona rural.

---

<sup>4</sup> O movimento chamado Escola Nova esboçou-se no Brasil na década de 1920. O mundo vivia um período de significativo crescimento industrial e de expansão urbana e, nesse contexto, um grupo de intelectuais brasileiros sentiu necessidade de preparar o país para esse desenvolvimento. A educação era por eles percebida como elemento-chave para promover a remodelação requerida. Inspirados nas idéias político-filosóficas de igualdade entre os homens e do direito de todos à educação, esses intelectuais viam num sistema estadual de ensino público, livre e aberto, o único meio efetivo de combater as desigualdades sociais da nação. Denominado de Escola Nova, o movimento ganhou impulso na década de 1930, após a divulgação do Manifesto da Escola Nova (1932). Nesse documento defendia-se a universalização da escola pública, laica e gratuita. Entre os seus signatários destacavam-se: Anísio Teixeira, Fernando Azevedo, Lourenço Filho e Cecília Meireles.

### **Período da Segunda República (1930 a 1936)**

A partir da Revolução de Getúlio Vargas, em 1930, são registradas grandes transformações sociais, políticas, econômicas e educacionais no país, mudanças que vieram a refletir na formação dos professores e, conseqüentemente, em sua atuação.

Dentre as mudanças desse período, a que mais se destaca é a criação do Ministério da Educação e Cultura (MEC), cujo ministro Gustavo Capanema implantou, no governo seguinte, a Universidade do Brasil, o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e o Instituto do Livro. Consumou-se a reforma do ensino secundário, e o ensino profissionalizante recebeu muito estímulo, resultando na criação do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) e do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac). (LIMA E BREMER, 2004). Ampliou-se, consideravelmente o número de escolas de ensino primário, elevando-se também o número de professores a seu serviço, porém sem ainda conseguir atender à totalidade da população infantil em idade escolar.

Nesse processo de transformação os profissionais da educação contribuíram para o movimento de renovação do ensino, por meio de publicações, conferências, debates e cursos; divulgando idéias inovadoras para a formação de uma nova consciência educacional, relacionada ao papel do Estado na educação, à necessidade de expansão da escola pública, ao direito de todos à educação, cujo objetivo era o acesso político e social para satisfazer a necessidade de estabelecer uma política nacional de educação.

A tentativa de se implantar as idéias do movimento da Escola Nova na legislação escolar levou a uma significativa reestruturação da Escola Normal, tendo como considerável destaque a reforma realizada por Anísio Teixeira no Distrito Federal, pelo Decreto 3.810, de 19/03/1932.

Teixeira esclarece que se a Escola Normal for verdadeiramente uma instituição de preparo profissional do mestre, todos os seus cursos deverão possuir um caráter específico que lhes determinará a profissão do magistério (VIDAL, 1995, p. 65 apud TANURI, 2000, p. 73).

Desta forma, o antigo ciclo preparatório da Escola Normal é ampliado e comparado ao ensino secundário federal: curso fundamental, de cinco anos, enquanto o curso profissional, totalmente reformulado, veio a compor a Escola de Professores. Tal reforma transforma a Escola Normal do Distrito Federal em Instituto de Educação, composta de quatro escolas: Escola de Professores, Escola Secundária (com dois cursos, um fundamental com cinco anos, e um preparatório com um), Escola Primária e jardim-de-infância.

Em 1935, a Escola de Professores foi incorporada à Universidade do Distrito Federal, com o nome de Faculdade de Educação, porém, em 1939, com a extinção da Universidade do Distrito Federal, volta a ser integrada ao Instituto de Educação.

Em São Paulo ocorre um movimento semelhante, com a reforma realizada por Fernando de Azevedo, atrelada ao Decreto 5.884, de 21/04/1933. O curso Normal, que era de quatro anos, precedido do complemento de três, passa a ser constituído por um curso de formação profissional de duas séries e a exigir para o ingresso a integralização do curso secundário fundamental, organizado de conformidade com a legislação federal.

Da mesma maneira que no Distrito Federal, a Escola Normal da Capital, com a denominação de Instituto de Educação Caetano de Campos, passa a ministrar em sua Escola de Professores: curso de formação de professores primários, curso de formação pedagógica para professores secundários, bem como cursos de especialização para diretores e inspetores.

Todas as escolas normais, inclusive as livres, ofereciam apenas o curso de formação profissional de professor, de dois anos, além do curso primário de quatro anos e do secundário fundamental, de dois.

Em 1934, o Instituto de Educação foi incorporado à recém-fundada Universidade de São Paulo, desvinculando-se desta em 1938, de acordo com Beisiegel (2003), a partir da criação da Secção de Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

O currículo do curso de formação de professor primário centrava-se prioritariamente nas disciplinas pedagógicas, divididas em três blocos: Educação (psicologia, pedagogia, prática de ensino, história da educação), Biologia Aplicada à Educação (fisiologia e higiene da criança, estudo do crescimento da criança, higiene da escola) e Sociologia (fundamentos da sociologia, sociologia educacional, investigações sociais em nosso meio). E tinha como objetivo excluir o conteúdo de formação geral das escolas normais, que segundo Lelis (1996) consistia na “valorização dos aspectos emocionais e afetivos, dos métodos e técnicas de ensino baseados na psicologia educacional, na interação individual em contraposição ao ensino dito ‘tradicional’, que enfatizava a cultura geral” (LELIS, 1996, p. 43).

Desta forma, a preocupação central do currículo da Escola Normal deslocou-se dos conteúdos do ensino, para os métodos e processos de ensino, valorizando-se as Ciências da Educação. Esse modelo de curso foi adotado progressivamente não só pelas unidades do Distrito Federal e por São Paulo, mas também por outros estados: Paraná, Rio Grande do Sul, Ceará, Bahia, Pernambuco e outros.

Na medida em que a educação ganhava importância como área técnica, diversificavam-se as funções educativas, surgindo cursos específicos à preparação de profissionais para desempenhá-las. Cursos regulares de aperfeiçoamento do magistério e de formação e de administradores escolares apareceram nos primeiros anos da década de 1930, no Distrito Federal e em São Paulo, e posteriormente em outras unidades da Federação, como na Bahia, no Rio Grande do Sul, em Pernambuco, em Minas Gerais e em outros estados.

Surge também em 1939, durante o Estado Novo, o curso de Pedagogia, inicialmente criado na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, pelo Decreto 1.190, de 04/04/1939, visando formar bacharéis para atuar como técnicos de educação e licenciados, destinados à docência nos cursos normais.

Tanuri (2000) afirma que em decorrência dessas mudanças surge nas décadas de 1930 e 1940 uma significativa tendência ruralista, com propostas e iniciativas de adaptação dos currículos da escola primária e normal, com o objetivo de utilizar a escola para reforçar os valores rurais da população brasileira, criando-se, assim, uma consciência agrícola e conseqüentemente proporcionando a fixação do homem ao campo. Nesse sentido, é defendida a criação de escolas normais rurais, com o propósito de preparar professores para lecionar na zona rural. A primeira escola normal rural a ser instalada foi a de Juazeiro, Ceará, em 1934, que tinha como objetivo principal o de transmitir conhecimentos de agronomia e higiene rural; posteriormente também foi instalada em Pernambuco, Bahia, Alagoas, Sergipe e em outros estados.

Na Carta de 1934 é conferida à União a competência de fixar as bases e determinar os quadros da educação nacional, determinando as diretrizes a que deve obedecer a formação física, intelectual e moral da infância e da juventude.

### **Período do Estado Novo (1937 a 1945)**

Conforme esse encaminhamento, a política educacional centralizadora traduziu-se na tentativa de regulamentar minuciosamente em âmbito federal a organização e o funcionamento de todos os tipos de ensino no país, no período de 1942 a 1946, por meio de Leis Orgânicas de Ensino e Decretos-Lei promulgados.



O governo federal, preocupado com a ausência de normas centrais que garantissem uma base comum aos sistemas estaduais de formação de professores, convoca a I Conferência Nacional de Educação em 1941. Num Parecer apresentado pela Comissão de Ensino Normal, foram propostos o estabelecimento de normas que assegurassem a transferência de alunos entre os estabelecimentos oficiais de ensino normal do mesmo tipo ou de tipo equivalente e o registro no Ministério da Educação, dos diplomas dos então professores normalistas por escolas oficiais ou reconhecidas. No mesmo Parecer são encontrados elementos relacionados à política de remuneração do magistério, requerendo regime salarial uniforme, solicitando gratificações e aumento significativo do salário. A Conferência, conforme Tanuri (2000), traz essas inovações que não são tão grandes, mas estabelece um padrão de ensino normal que já vinha sendo adotado em vários estados.

O Curso Normal foi dividido em dois ciclos: o primeiro, que corresponde ao ciclo inicial dos cursos de segundo grau, oferecia o curso de formação de regentes do ensino primário em quatro anos, contemplando, de forma predominante, disciplinas de caráter geral, possuindo apenas disciplinas de formação profissional na série final (Psicologia e Pedagogia) e funcionaria em Escolas Normais Regionais; o segundo ciclo, em dois anos, formaria o mestre primário, possuía algumas disciplinas de caráter geral, introduzidas na série inicial, contemplava todos os Fundamentos da Educação, juntamente com Metodologias e Práticas de Ensino e era ministrado nas Escolas Normais e nos Institutos de Educação. O ingresso nesse curso era proibido para os maiores de 25 anos aos dois ciclos, com a finalidade de contenção, impedindo assim, a qualificação do professorado leigo que ultrapassava esse limite de idade, conforme Tanuri (2000).

Com relação ao segundo ciclo, apenas o secundário dava acesso ao ingresso nos cursos superiores, porém os segundos ciclos dos ramos profissionalizantes só se articulavam com cursos superiores a eles relacionados.

### **Período da Nova República (1946 a 1963)**

A Constituição promulgada em 1946 revê a orientação descentralista e liberal da Carta de 1934, atribuindo aos estados e ao Distrito Federal a competência de organizar os seus sistemas de ensino, respeitadas as diretrizes e bases fixadas pela União. Os estados acabam por conservar a liberdade de atuação para regulamentar o ensino primário e normal. Diante da referida lei, a maioria dos estados reorganiza suas escolas normais, proporcionando em todo o país um padrão semelhante de formação, com exceção de São Paulo e Bahia, que, fugindo ao modelo federal, formaram um sistema que na verdade não possuía diferenças significativas em relação à lei federal, uma vez que São Paulo estabelecia objetivos que já estavam definidos na Lei Orgânica do Ensino Normal, Decreto 8.530 de 02/01/1946. Aqui vale considerar como diferença significativa o impacto causado pela inauguração da Escola Normal Paulista que prometia sanear o ensino de base (MARCÍLIO, 2005) e o caráter missionário dos professores, proposto por Lourenço Filho.

O currículo dos cursos normais públicos ou privados era regido pela legislações estaduais e não distantes dos princípios e diretrizes traçados pela Lei Orgânica:

#### **Primeiro Ano**

Português, Anatomia e Filosofia Humana, Física e Química, Desenho e Artes Aplicadas, Música e Canto, Educação Física, Recreação e Jogos.

### **Segundo Ano**

Biologia e Psicologia Aplicada à Educação, Higiene e Educação Sanitária, Didática da Escola Primária, Desenho e Artes Aplicadas, Música e Canto, Educação Física, Recreação e Jogos.

### **Terceiro Ano**

Psicologia e Sociologia Aplicada à Educação, Elementos de História e Filosofia da Educação, Higiene e Cuidados com a Infância, Didática e Prática da Escola Primária, Desenho e Artes Aplicadas, Música e Canto, Educação Física, Recreação e Jogos. (GOUVEIA, 1970, p. 16).

Segundo os dados da pesquisa de Gouveia (1970), num item do questionário aplicado às normalistas, no fim do ano de 1960, destinado a suscitar críticas e sugestões sobre o curso normal, a resposta mais freqüente foi: “mais prática de ensino”, ante a carência de maiores oportunidades de prática.

Paralelamente à reorganização dos sistemas estaduais, crescia consideravelmente o número de escolas normais, provavelmente pela ampliação da demanda e da criação de cursos noturnos “(...) foram os cursos normais que apresentaram o crescimento mais rápido, dentre todos os tipos de cursos de segundo ciclo na década de 1950-1960” (GOUVEIA, 1970, p. 15).

Segundo essa mesma autora, nos estados onde o crescimento das escolas normais foi abundante, apareceram críticas com relação ao seu funcionamento: falta de articulação entre as cadeiras; despreparo dos ingressantes; regime didático pouco exigente, com relação à

avaliação; a criação de cursos normais noturnos, com o mesmo sistema pedagógico diurno e outros.

O estudo de Gouveia (1970) mostra que somente as estudantes das camadas desfavorecidas social e economicamente pretendiam dedicar-se ao magistério, garantindo a subsistência e ascendendo socialmente. A escola normal também era procurada por jovens que pretendiam freqüentar curso superior logo após sua conclusão.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 4.024 de 20/12/1961 não introduziu modificações significativas no ensino normal, mantendo-se a organização anterior, tanto em termos de duração dos estudos como de divisão em ciclos (dual, de nível ginásial, com quatro séries, no mínimo; e colegial, com três séries, no mínimo). Porém, há de se destacar a equivalência legal de todas as modalidades de ensino médio, a descentralização administrativa e flexibilidade curricular, possibilitando o rompimento da uniformidade dos currículos das escolas normais. As mudanças ocorridas nas escolas normais, com a finalidade de adequar-se à referida lei, limitaram-se em alterar apenas o currículo.

Com relação à elevação do nível dos estudos, começam a aparecer iniciativas favoráveis à formação do professor primário em nível superior. Nesse aspecto, faz-se importante ressaltar que o primeiro Parecer do Conselho Federal de Educação 251/62, referente ao currículo mínimo do curso de Pedagogia, deixa entrever que nele se apoiarão as primeiras tentativas de formação superior de professor primário.

### **Período do Regime Militar (1964 a 1985)**

Já o Parecer 252/69, que modifica o currículo mínimo, vai além, procurando assegurar aos formados em Pedagogia a possibilidade de exercício do magistério primário, até

mesmo para os que freqüentaram os cursos de curta duração, que realizaram estudos de Prática de Ensino Primário e Metodologia.

As preocupações relacionadas aos conteúdos curriculares, à literatura educacional e ao treinamento dos professores, após 1964, são substituídas principalmente por aspectos internos da escola, meios de modernizar a prática docente, para que os objetivos fossem alcançados. Assim, os olhares voltaram-se para o planejamento, a coordenação e controle das atividades, os métodos e técnicas de avaliação e a utilização de novas tecnologias de ensino. A escola deveria ser eficiente e produtiva, visando ao preparo para o trabalho, para o desenvolvimento econômico do país. O sistema educacional passa a ser determinado pelo modelo econômico industrial, com forte predomínio do poder político centralizado no governo. A expansão do ensino segue o mesmo rumo, tendo como principais causas a obrigatoriedade da escolaridade, estabelecida pela faixa etária dos 7 aos 14 anos de idade, e a função de preparar os recursos humanos para o mercado de trabalho em franca expansão e diversificação (MARCÍLIO, 2005).

A Teoria do Capital Humano<sup>5</sup> passa a servir de base para a produção pedagógica durante os anos 70, constituindo assim uma visão tecnicista, cuja inspiração veio das teorias behavioristas da aprendizagem e da abordagem sistêmica do ensino, que definiu uma prática pedagógica altamente controlada e dirigida pelo professor, com atividades mecânicas inseridas numa proposta educacional rígida e passível de ser totalmente programada em detalhes. A supervalorização da tecnologia programada de ensino trouxe conseqüências: a escola se revestiu de uma grande auto-suficiência, reconhecida por ela e por toda a comunidade atingida, criando assim a falsa idéia de que aprender não é algo natural do ser humano, mas que depende exclusivamente de especialistas, acentuando a divisão do trabalho

---

<sup>5</sup> A Teoria do Capital Humano é uma derivação da teoria econômica neoclássica e, ao mesmo tempo, uma atualização do axioma liberal do indivíduo livre, soberano e racional. Seu prestígio é cíclico. Com a crise do modelo taylorista-fordista, ela ressurgiu, associada à redefinição das relações de trabalho na empresa e do papel do sistema educacional.

pedagógico, desenvolvendo-se os serviços de supervisão, introduzindo-se nos cursos de Pedagogia, a partir da implementação do Parecer 252/1969, a formação dos especialistas. Com relação às escolas de ensino normal, notou-se desperdício de recursos e descaracterização profissional. Notava-se também a falta de preparo adequado do professor dessas escolas, já que as Metodologias e a Prática de Ensino Primário não estavam presentes nos currículos dos cursos de Pedagogia até 1969, e muito menos se exigia dos professores dessas disciplinas, em muitos estados, a prática docente nas várias séries do ensino primário. “As escolas normais, e com frequência os próprios Institutos de Educação, vêm funcionando como simples curso a mais, sem maior significação, dentro de um conjunto de cursos médios” (PINHEIRO, 1967, p. 158).

É preciso destacar que no período de vigência da Lei 4.024/61, primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, na reforma de 20/08/68 o governo paulista criou o Decreto 50.133/68, proposto por Fernando de Azevedo, elevando o período de formação dos docentes de três para quatro anos; nos dois primeiros anos era dada uma formação geral comum a todos os cursos de segundo grau, e nos dois últimos, formação pedagógica, organizando uma terceira série diversificada por áreas: artes, ciências administrativas, ciências físicas e biológicas, ciências humanas, letras e educação; e uma quarta série, dedicada às disciplinas específicas profissionalizantes da educação, elevando-se assim a duração dos estudos para os que pretendiam formar-se professor.

Assim permaneceu de 1969 até 1974 quando houve modificações advindas da Deliberação CEE nº 20/74.

Pretendia o reformador reduzir a expansão desordenada de escolas normais e a demanda destes cursos, à medida que ampliava também a oferta de opções de ensino em nível de segundo ciclo. Pretendia, ainda, solucionar o problema da opção precoce e proporcionar

uma consistente cultura de caráter geral, aumentando-se assim a maturidade para o estudo das ciências humanas e pedagógicas.

Com a Lei 5.692, de 11/08/71, a escola normal perde a sua identidade de formação de professorado, transformando-se numa habilitação como muitas outras habilitações profissionais do ensino de segundo grau, a assim chamada Habilitação Específica para o Magistério (HEM). E a formação de professores e especialistas para os cursos normais passa a ser feita nos cursos de Pedagogia. Veja o que diz o Capítulo V, em seu artigo 29, da referida Lei:

Art. 29. A formação de professores e especialista para o ensino de 1º e 2º graus será feita em níveis que se elevem progressivamente, ajustando-se as diferenças culturais de cada região do país, e com orientação que atenda aos objetivos específicos de cada grau, às características das disciplinas, áreas de estudo ou atividades e às fases de desenvolvimento dos educandos.

A Lei determina como formação mínima:

*Art. 30 Exigir-se-á como formação mínima para o exercício do magistério:*

*a) no ensino de 1º grau, da 1ª à 4ª séries, habilitação específica de 2º grau;*

*b) no ensino de 1º grau, da 1ª à 8ª séries, habilitação específica de grau superior, ao nível de graduação, representada por licenciatura de 1º grau, obtida em curso de curta duração;*

*c) em todo o ensino de 1º e 2º graus, habilitação específica obtida em curso superior de graduação correspondente a licenciatura plena.*

*§ 1º Os professores a que se refere a letra “a” poderão lecionar na 5ª e 6ª séries do ensino de 1º grau se a sua habilitação houver sido obtida em quatro séries ou, quando em três, mediante estudos adicionais correspondentes a um ano letivo que incluirão, quando for o caso, formação pedagógica.*

*§ 2º Os professores a que se refere a letra “b” poderão alcançar, no exercício do magistério, a 2ª série do ensino de 2º grau mediante estudos adicionais correspondentes no mínimo a um ano letivo.*

*§ 3º Os estudos adicionais referidos aos parágrafos anteriores poderão ser objeto de aproveitamento em cursos ulteriores.*

Assim, a Lei 5.692/71 dá um novo posicionamento, o da passagem da formação docente do ensino de 2º grau para o ensino superior. Como se vê, essa passagem progressiva seria implementada, inclusive, pelo aproveitamento de estudos e pelo contato com outros profissionais e especialistas.

A grade curricular do novo curso de formação de professores foi aprovada pelo Parecer 45/72, que permitia alcançar os objetivos da Lei 5.692/71, relacionada à habilitação profissional do professor, a qual era constituída de duas partes: a de Educação Geral e a de Formação Especial. A primeira era formada pelo Núcleo Comum, obrigatório em âmbito nacional, cujas disciplinas eram estabelecidas pelo Conselho Federal de Educação e adicionadas dos conteúdos do artigo 7º da Lei: Educação Moral e Cívica (que nas últimas séries do curso seria ministrada com o nome de Organização Social e Política do Brasil), Educação Física, Educação Artística e Programas de Saúde. Já a segunda, estabelecida pelo Conselho Estadual de Educação, era constituída de disciplinas que formariam o docente propriamente dito. São elas: Fundamentos da Educação, Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º Grau e Didática, incluindo Prática de Ensino.

Observando o currículo em vigor, podemos concluir que ele se revela integrado à ideologia dominante, pois apresenta conteúdos visando à adaptação do indivíduo ao meio, distinto dos que o antecederam, por incluir a prática de ensino, sem contribuir para a formação deste como agente de transformação. Também apresenta conteúdos visando ao preparo do indivíduo para o trabalho, presentes na Lei nº 7.044/82.

Em São Paulo, a adaptação do curso de formação de professores mediante a legislação e a tendência educacional do tecnicismo foi aprovada por uma resolução da Secretaria de Estado da Educação, de 21 de janeiro de 1977. Ela homologava a Deliberação CEE nº. 21/76, que estabelecia a Habilitação Específica de 2º Grau para o Magistério, como



passou a ser chamada a Escola Normal (São Paulo – SEE, 1977). Foi mantida a duração do curso em quatro anos.

A deliberação supracitada introduz algumas modificações importantes na formação do professor de 1º grau. Uma delas foi estabelecer que na 4ª série, a grade curricular seria organizada de forma a permitir a opção do aluno pelas áreas: Ensino da 1ª e 2ª séries do 1º Grau, Ensino da 3ª e 4ª séries do 1º Grau ou Magistério na Pré-Escola. Cada uma das habilitações possuía disciplinas próprias a serem adotadas obrigatoriamente pela escola. Ao cursar uma das três áreas oferecidas, estimava-se que além de receber uma habilitação genérica para o Magistério, o aluno estaria preparado para atuar com maior desenvoltura na área de opção.

A mesma deliberação permitia, ainda, que em caso de existência de vagas, os professores habilitados pelas legislações anteriores poderiam se matricular diretamente na 4ª série, cursando mais um ano letivo para regerem aulas nas classes de pré-escola.

A maioria dos cursos de formação de professores implantou a Habilitação dirigida ao ensino pré-escolar, proporcionando também que seus formandos pudessem reger classes nas quatro primeiras séries do ensino de 1º grau.

O governo do regime militar publicou a Lei nº. 7.044 de 18/10/1982, alterando dispositivos da Lei nº. 5.692 de 11/08/71, referentes à profissionalização do ensino de 2º grau. A Lei instituiu a profissionalização obrigatória no ensino de 2º grau. Também extinguiu o Núcleo Comum, ficando o currículo dividido apenas em Parte Comum e Parte Diversificada, sendo esta elaborada pelos Conselhos de Educação e aquela pelo Conselho Federal de Educação. Assim, a Parte Diversificada poderia gerar diferenças de formação do docente, dada a peculiaridade de cada estado.

As Habilitações Específicas para o Magistério começam a receber fortes críticas no que dizem respeito à dicotomia entre teoria e prática, entre conteúdo e método, entre

núcleo comum e parte profissionalizante; falta de articulação entre o processo de formação e a realidade do ensino de 1º grau; debilidade em conteúdos científicos; desprestígio social do curso; formação inadequada dos docentes do curso, muitos eram inexperientes com relação ao ensino de 1º grau; inadequação e insuficiência de materiais didático-pedagógicos; problemas relacionados com a prática de estágio, segundo Tanuri (2000). Este último, apesar da exigência legal e dos discursos da função integradora da Prática de Ensino, deixava a desejar, pois os estágios vinham sendo cumpridos apenas formalmente e se restringiam à observação, inexistindo os de participação e de regência, tão importantes para a formação do docente.

No início da década de 80, com o agravamento das condições de formação do professor em âmbito nacional, juntamente com o enfraquecimento das matrículas da Habilitação Específica do Magistério e a insatisfação relacionada à desvalorização da profissão, formou-se um movimento em âmbito estadual e federal, chamado de “revitalização do ensino normal”. O movimento consistiu de discussões de projetos de estudos, pesquisas e propostas de ação, proporcionando iniciativas de Secretarias Estaduais e do Ministério da Educação no sentido de propor medidas que viessem reverter o quadro então presente.

Em 1982, resultante das discussões, foi proposta a criação do projeto do Centro de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério (CEFAM), elaborado, divulgado e apoiado financeiramente pelo MEC, juntamente com as Secretarias de Educação.

O projeto foi implantado em 1983 no Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Alagoas, Piauí, Pernambuco e Bahia (CAVALCANTE, 1994, p. 59, 76 e 127), com o objetivo de redimensionar a escola normal, ampliando suas funções, transformando-a em Centro de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério.

O Documento<sup>6</sup> que define o projeto ressalta uma preocupação com a nova qualidade do professor, oferecendo as devidas condições à formação de professores com competência técnica e política, de maneira a transformá-lo num centro de formação inicial e continuada para professores de pré-escola e para o ensino das séries iniciais.

O projeto foi implantado nos estados que mostraram interesse e disponibilidade para desenvolvê-lo em parceria com o MEC, com a Secretaria de Ensino do Primeiro e Segundo Grau (SEPS) e com a Coordenadoria do Ensino Regular do 2º Grau (COES). Segundo levantamentos estatísticos, até 1991 somavam-se 152 unidades de CEFAMs, implantados nos vários estados do país, juntamente com 51 unidades no estado de São Paulo, que iniciou a implantação do projeto em 1988.

Na avaliação de Cavalcante (1992), resultados positivos são apontados no sentido de que há saída para a situação existente em relação à organização e funcionamento do currículo dos cursos de formação, mesmo com a existência de dificuldades de implantação e desenvolvimento do projeto, causados pela falta de recursos, descontinuidade administrativa e outros.

O Documento de 1983 não menciona nenhuma orientação relacionada ao estágio, porém faz referência à importância de o curso voltar-se para questões teóricas e práticas da formação. Apesar disso, o estágio proposto no conjunto das modificações do currículo para o CEFAM seria também uma prática inovadora, eliminando a prática burocratizada e superando a dicotomia teoria e prática, problemas estes até então apontados.

Para que os objetivos do projeto fossem realmente alcançados, organizou-se um conjunto de medidas a serem tomadas no sentido de viabilizar o funcionamento, o trabalho e o estudo:

---

<sup>6</sup> Brasil, Ministério da Educação e Cultura – Secretaria de Ensino do Primeiro e Segundo Grau – Coordenadoria do Ensino Regular de 2º Grau (MEC/SEPS/COES). *Centro de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério* – CEFAM. Brasília, 1983 (Mimeografado).

- um coordenador pedagógico para cada unidade de CEFAM;
- seleção de professores em conformidade com as propostas do projeto;
- foram asseguradas bolsas de estudos para garantir o tempo integral dos alunos e seu trabalho de monitoria nas séries iniciais do ensino fundamental;
- recursos técnico-pedagógicos para os professores;
- ampla jornada de trabalho para os professores, incluindo hora-aula, hora-atividade e hora de trabalho pedagógico;
- suporte técnico sistemático (PIMENTA, 2002, p. 133)

Pimenta (2002) afirma que também foram feitas algumas modificações significativas no currículo, proporcionando um equilíbrio de carga horária entre as disciplinas do núcleo comum e as da parte diversificada. Dentre as modificações é enfático o tratamento dos mínimos profissionalizantes como disciplinas autônomas, especialmente as de Fundamentos da Educação, e inclui como componentes curriculares obrigatórios os conteúdos e metodologias de Língua Portuguesa (priorizando a alfabetização), de Estudos Sociais, de Ciências e Matemática. A didática é definida como disciplina articuladora da Metodologia e Prática de Ensino, devendo o estágio ser de observação, participação e de regência, a partir do 2º ano, e será realizado da pré-escola à 4ª série, sendo que na pré-escola não ultrapassará 1/3 do total de horas (300).

Ainda segundo a autora, a carga horária do curso foi ampliada e houve a introdução do enriquecimento curricular, período destinado à recuperação contínua e/ou reforço da aprendizagem dos alunos, à orientação de estudos, que permita ao aluno adquirir autonomia e controle de sua aprendizagem e favorecer o desenvolvimento de projetos e atividades diretamente relacionados ao curso.

Muitos CEFAMs não conseguiram ampliar suas funções para contemplar ações de aperfeiçoamento dos professores e de educação continuada, causando prejuízos ao projeto.

Projetos complementares e paralelos ao CEFAM começaram a ser iniciados pelo MEC a fim de dar continuidade às suas ações, porém não tiveram continuidade. (CAVALCANTE, 1994)

Além disso, uma série de esforços foi feita, tanto no que diz respeito a treinamento em serviço, quanto à adequação da legislação, em âmbito federal e estadual, procurando superar as falhas identificadas a partir da prática.

### **Período da Abertura Política (1986 a 2003)**

Dentre os esforços supracitados, podemos destacar a reforma da HEM, por meio da Deliberação do Conselho Estadual da Educação 30/87 e Resolução da Secretaria da Educação 5/88, que modifica toda a sua estrutura básica em conformidade com algumas medidas consensuais entre os educadores. O curso passa a ser organizado num só bloco, a fim de preparar o professor da pré-escola à 4ª série do 1º grau, procurando resgatar a identidade do curso, explicitando-se a necessidade de contextualizar o ensino e de articular os conteúdos das várias disciplinas. Tais iniciativas também foram tomadas nos cursos do CEFAM, iniciadas em 1988.

Foi realizado em 1983, em Belo Horizonte, o Encontro Nacional do Projeto de Reformulação dos Cursos de Preparação de Recursos Humanos para a Educação, em que os profissionais organizaram e aprovaram um documento, definindo propostas e reivindicações acerca da formação do profissional de ensino das séries iniciais, das várias licenciaturas e dos estágios supervisionados. Ainda no Encontro foi convocada e formada pelo presidente do Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais (INEP) a Comissão Nacional pela

Reformulação dos Cursos de Formação de Educadores (CONARCFE) que em 1990, se transforma na Associação Nacional pela Formação dos Profissionais em Educação (ANFOPE) para participar das discussões.

Após o Encontro, os cursos de Pedagogia, públicos e privados, empenharam-se na redefinição de seus currículos com o objetivo de adaptar-se à preparação do professor para as séries iniciais, buscando articular em experiências inovadoras o compromisso democrático com a competência profissional.

A década de 90, no âmbito da formação de professores para os anos iniciais da escolaridade, revelou uma diversidade de instituições de formação de professores, tanto em nível médio como em nível superior, público ou privado.

A formação do professor deve estar relacionada, se não a todos, a muitos aspectos da vida de seus alunos; e como este texto trata da formação do professor de educação básica nos quatro primeiros anos do Ensino Fundamental, é imprescindível abordar os direitos desse público previstos no Estatuto da Criança e do Adolescente Lei nº. 8.069 de 13/07/1990. Sendo a educação um direito primordial, faz-se necessária a formação de professores de ensino fundamental que atendam às características dos diferentes grupos populacionais, com culturas e histórias próprias. Isso exige uma sólida base de conhecimentos que deveria ser contemplada nos cursos de formação inicial e continuada em diferentes momentos da carreira docente.

Com a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº. 9.394/96, a formação dos profissionais do ensino sofre transformações significativas.

Antes desta lei havia duas maneiras de preparar professores para as séries iniciais: em nível de segundo grau, o chamado magistério, e em curso superior, a licenciatura em Pedagogia. Com a nova LDB essas modalidades são ampliadas. Tornou-se possível a formação em nível médio para atuar na educação infantil e nas quatro séries iniciais do ensino

fundamental; em cursos normais superiores; formação pedagógica para os bacharéis e formação em serviço (educação continuada). A lei estabelece que até 2006, somente serão admitidos professores habilitados em nível superior ou formados por treinamento em serviço. Assim, ela ressalta que o âmbito da formação docente deve ser as universidades e os Institutos de Educação (ISEs). E o local de trabalho dos professores, a escola, com a nova LDB, assume a função de ser espaço de formação docente, num ambiente coletivo de trabalho.

Em função disso, o Decreto Federal nº. 3.276, de 6 de dezembro de 1999, regulamentou as normas para a formação de professores em nível superior para atuar nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

A extinção definitiva da formação de professores em nível médio (o magistério), no Estado de São Paulo foi consolidada pela Resolução SE 119, de 7 de novembro de 2003, publicada no Diário Oficial do dia seguinte. Nela, o secretário de Educação Gabriel Chalita, determinou que o atendimento à demanda do Curso Normal nas escolas estaduais estruturadas em período parcial ou integral será exclusivamente para os alunos que vierem a ser matriculados, em continuidade, em 2004, nos 3º e 4º anos. Assim, a partir de 2006 ficou extinta a formação em nível médio, inclusive o CEFAM.

A partir da LDB, o curso de Pedagogia, que nos últimos anos vinha formando profissionais para a docência, passou a padecer de questionamento quanto à sua identidade, gerando discussões e debates.

Para Libâneo e Pimenta (1999), a Pedagogia deveria estar voltada à reflexão e pesquisa sobre as ciências da educação, propiciando mudanças de atitude na docência.

Como campo de atuação profissional, destinar-se-á preparação de pesquisadores, planejadores, especialistas de avaliação, gestores do sistema e da escola, coordenadores pedagógicos ou de ensino, comunicadores especializados para atividades escolares e extra-escolares, animadores culturais, de especialistas em educação a distância, de educadores de adultos no campo da formação continuada, etc. (LIBÂNEO e PIMENTA, 1999, p. 255).

Com relação à preparação do professor para o magistério superior, a LDB 9.394/96 deixa clara a necessidade de esta ocorrer em nível de pós-graduação, prioritariamente em programas de mestrado e de doutorado. Os Institutos Superiores e Universidades devem conter em seu quadro um terço do corpo docente, com título de mestrado ou de doutorado.

Apesar das inúmeras iniciativas e propostas para a formação do professor das séries iniciais do ensino fundamental, ocorridas nas últimas décadas, estas parecem ainda ser insuficientes no atendimento às necessidades de preparação do docente de qualidade que compreenda as relações que se estabelecem, tendo o compromisso e a competência de, nas suas ações refletir a complexidade da realidade e das mudanças do processo educativo. Esse processo dar-se-á por meio da pesquisa acerca do saber docente, da interação entre a produção acadêmica e a prática na escola.

## **1.2 Pesquisas e formação de professores**

As pesquisas na área de formação de professores têm crescido de forma considerável nas últimas décadas, tanto de forma quantitativa quanto qualitativa.

Conforme estudos de Gatti (2001), em meados da década de 50 o objeto de atenção mais comum nas pesquisas educacionais era a relação entre o sistema escolar e certos aspectos da sociedade. A partir da década de 60 a pesquisa educacional esteve centrada na política científica, que passou a ser definida num contexto de macroplanejamento, direcionando os esforços e financiamentos no conjunto da política desenvolvimentista. Em meados da década de 70 as pesquisas começaram a focalizar mais equitativamente diferentes problemáticas: currículos, caracterizações de redes e recursos educativos, avaliação de



programas, relações entre educação e profissionalização, características de alunos, famílias e ambientes de que provêm, nutrição e aprendizagem, validação e crítica de instrumentos de diagnóstico e avaliação, estratégias de ensino, entre outros.

Na década de 80, as produções institucionais, especialmente as dissertações de mestrado e teses de doutorado, já convergem no tratamento das questões educacionais com base em teorias de inspiração marxista. No final dessa mesma década e durante a década de 90 apareceram grupos sólidos de investigação em alfabetização e linguagem, aprendizagem escolar, formação de professores (grifo meu), ensino e currículos, educação infantil, fundamental e média, educação de jovens e adultos, ensino superior, gestão escolar, avaliação educacional, história da educação, políticas educacionais, trabalho e educação.

Aos poucos, tem-se notado certa preocupação de conhecer de forma minuciosa a maneira como se desenvolve o processo de aprender a ensinar.

Segundo Schulman (apud MIZUKAMI, 2004), boa parte da pesquisa sobre os professores e sua formação tem-se desenvolvido a partir das pesquisas sobre o ensino e o currículo. Ele destaca o programa processo-produto como sendo um dos mais vigorosos e produtivos programas de investigação sobre o ensino durante a década de 70. Analisando os programas de pesquisas desenvolvidos nos Estados Unidos, a pedido da American Educational Research, Schulman (apud MIZUKAMI, 2004) cita vários autores que contribuíram para o desenvolvimento desse programa, dentre os quais estão Mitzel (1950), Dunkin e Bidlen (1974), Gage (1978), Soar e Soar (1979), Brophy (1983), Everton *et al.* (1983) e Brophy e Good (1983). A pergunta central da pesquisa desse programa consistia em: *Como os comportamentos dos professores se relacionavam com as variações nos desempenhos dos alunos?* Teve como preocupação central a busca de generalizações e prescrições, de forma a melhorar a configuração dos cursos de formação de professores, adequando-os para que pudessem ter impactos positivos nas aprendizagens dos alunos. O

objetivo do programa consistiu na análise dos efeitos das ações dos professores e suas performances durante o ensino, sobre a aprendizagem dos alunos. À correlação entre as diferentes performances no ensino denominou-se processos, e as diferenças de aprendizagem dos alunos chamou-se produto.

As investigações do programa tinham suas referências teórico-metodológicas ancoradas na Psicologia. Os comportamentos dos professores eram observados, contados e combinados sem referência às suas intenções, cognições e ignorando o pensamento como elemento central do ensino.

Ainda segundo Mizukami, para Schulman (2004) muito se ganhou com esse tipo de pesquisa, tendo como centro as ações dos professores e dos alunos em ambiente de sala de aula. Tornou evidente que o comportamento do professor poderia ser relacionado ao desempenho do aluno.

Autores como Tardif (2005); Lüdke (2001); Mello (2001); Garcia (1998); Forquin (1993) e Silva (1996) in Aquino (2001); Marcelo (1997); Gatti (2001), André (2001), Zeichner (1998) entre outros, apontam aspectos significativos presentes na pesquisa, tais como: rejeição, manutenção do *status quo*, teoria *versus* prática, preconceito e rigidez na produção e aplicação da pesquisa.

Para Tardif e Zourhlal (2005), a pesquisa do saber docente deve ser realizada pelo professor tanto da formação inicial, quanto da formação continuada. Mas sabemos que há interesses que bloqueiam esse anseio, considerando que os pesquisadores para essa tarefa estão à disposição. Portanto, toda tentativa de romper com essa concepção já estabelecida sofrerá resistência, refletindo aquilo que Huxley (1993 – *Admirável Mundo Novo*) já dizia na ficção. Segundo o autor, há os pensantes e os executantes, tanto que nos textos lidos encontramos o termo *practitioner* para definir aquele que pratica a teoria estudada por outrem. É “quase” consenso para todos os autores o destino da elaboração da pesquisa para o

professor que está na escola em contato permanente com o objeto da pesquisa, isto é, os problemas inerentes ao ensino tal como diz Tardif e Zourhlal (2005): “...as atividades científicas dos pesquisadores acadêmicos parecem, em geral, pouco adaptadas à realidade dos profissionais e muitas vezes passam longe de suas necessidades.” (TARDIF e ZOURHLAL 2005, p. 14).

Para os autores citados a produção da pesquisa-ação enfrenta obstáculos que podem prejudicar seu cunho científico, uma vez que os professores não gozam de uma posição privilegiada no que diz respeito a tempo e disponibilidade, principalmente os que atuam nas séries iniciais do ensino fundamental, pois necessitam de muita energia para desenvolver seu trabalho não sobrando quase tempo para qualquer outra atividade, como registraram Tardif e Zourhlal (2005).

[...] em relação às condições de trabalho, os professores novatos ou em situação precária ou com tarefas divididas, interessam-se menos pelos resultados das pesquisas, pois toda sua energia é dedicada à sobrevivência da profissão (TARDIF e ZOURHLAL 2005, p. 21).

Apesar de haver hegemonia em relação à defesa de que a pesquisa deve ser realizada por aqueles que a executariam, há também quem defende a realização da pesquisa por aqueles que têm todo o aparato para desenvolvê-la, dada:

[...] a importância de que os trabalhos apresentem relevância científica e social, ou seja, estejam inseridos num quadro teórico em que fiquem evidentes suas contribuições ao conhecimento já disponível e a opção por temas engajados na prática social (ANDRÉ, 2001, p. 59).

e, por outro lado há uma defesa, de acordo com Lüdke (2001) de que a pesquisa sendo realizada pura e simplesmente pela academia potencializa a manutenção da ordem vigente, ao dizer que

Pela sua posição, que permite ver de dentro os problemas da prática, e com o domínio dos recursos disponíveis para a pesquisa, a investigação do professor-pesquisador pode representar uma ameaça ao status quo da pesquisa educacional, envolvendo assim questões de poder, além das questões metodológicas enfrentadas pelos defensores das abordagens qualitativas, hoje já correntemente aceitas pela comunidade educacional (LÜDKE, 2005).

A rejeição pela pesquisa elaborada pelo acadêmico encontra apoio no discurso de que o professor e o aluno devem ser agentes de sua própria história, o que comunga com a idéia de muitos autores na defesa da pesquisa feita pelo professor-pesquisador. Há autores que defendem a pesquisa realizada pela universidade e aplicada pela escola, mas encontramos na literatura autores que demonstram por meio de pesquisa que há um fosso entre a universidade e a escola, uma vez que as pesquisas realizadas pela primeira estão divorciadas das necessidades práticas da segunda, que deverá executá-las, como diz Gatti:

[...] há inegavelmente uma porosidade entre o que se produz nas instâncias acadêmicas e o que se passa nas gestões e ações nos sistemas de ensino, mas os caminhos que medeiam essa inter-relação não são simples nem imediatos (GATTI, 2001, p. 77).

Muitos aspectos foram descritos para ilustrar essa contradição entre o prático e o acadêmico, que *a priori* parece não pertencerem ao mesmo mundo, mas uma reflexão mais profunda conduz à percepção de que ambos são interdependentes de suas próprias ações, senão vejamos o que diz Tardif e Zourhlal (2005):

Se, aos olhos dos professores, o discurso dos acadêmicos parece abstrato e inutilmente complicado, é possível dizer que seu próprio discurso pode igualmente parecer, aos olhos dos acadêmicos, falsamente concreto e de clareza às vezes duvidosa (TARDIF e ZOURHAL, 2005, p. 29).

E o que propõe Mizukami (2002), analisando a obra de Anderson e Herr (1999):

Quando os práticos se engajam em suas próprias pesquisas, eles tendem a ler mais pesquisas realizadas na e pela universidade e com maior interesse. Ironicamente, um movimento crescente de pesquisa de práticos poderá conduzir a uma maior – e não menor – demanda de pesquisa de acadêmicos (MIZUKAMI, 2002, p. 23).

Outro aspecto relevante da pesquisa sobre os saberes docentes é a formação do professor, e aqui é necessário considerar as questões individuais e pessoais das pessoas que atuam na área do ensino, observando suas crenças, ideologias e idiossincrasias para aceitar e/ou rejeitar a pesquisa acadêmica. Autores demonstram que o sistema sofre de carência de investimento na formação do profissional que vai trabalhar com a pesquisa, quer seja elaborando, quer seja executando.

Dentre os tantos entraves detectados no sucesso da pesquisa, destacou-se um descompasso entre a realização da pesquisa e sua aplicação, como afirma Gatti:

Os estudos, as pesquisas têm um tempo de maturação e o professor não pode suspender sua ação, nem os gestores de sistemas em seus diferentes níveis de responsabilidade. Respostas imediatas e contínuas são exigidas destes e não dos pesquisadores. Enquanto a pesquisa questiona e tenta compreender cada vez melhor as questões educacionais, os administradores, técnicos e professores estão atuando a partir dos conceitos e informações que lhe foram disponibilizados em outra oportunidade (GATTI, 2001, p. 78).

Há casos em que o acadêmico propõe a solução de um problema que teve início num tempo remoto, e quando a pesquisa está concluída, muitas vezes, já não serve para dirimir questões da atualidade, perdeu-se no limbo e pouco é aproveitada. Exemplo disso encontramos na implantação do ciclo básico em São Paulo e nas chamadas “classes de

aceleração”.<sup>7</sup> Faz-se mister considerar que o conhecimento vem sofrendo alterações significativas e urgentes diante das necessidades geradas pela ordem mundial, resultado de outras pesquisas que, diferentes da pesquisa educacional, ocupam seu espaço de divulgação e aceitação pelos indivíduos que a consomem. Clareza dessa afirmação têm Forquin e Silva ao afirmarem que

[...] os modelos operativos com os quais os professores tradicionalmente vinham desempenhando em seu dia-a-dia profissional defrontam-se agora com um aluno que passa a se apresentar de acordo com uma multiplicidade de rostos e formas, um aluno que já não comporta uma sensibilidade *a priori* em relação às promessas de emancipação futura, propalada pela escola da modernidade (FORQUIN e SILVA, apud AQUINO, 2001).

Mediante tal análise, outros autores propõem que é necessária uma formação para a elaboração da pesquisa, pois consideram que os atuais pesquisadores usam em seu discurso ferramentas que não podem ser decodificadas pelos práticos, daí sugerirem uma linguagem menos hermética e a saída do “etnodiscurso” (TARDIF). Professores defendem uma idéia e acadêmicos, outra. Em pesquisa realizada por Tardif (2005), ele pôde

[...] concluir que a formação para a pesquisa durante a graduação ainda é parcial, já que atinge apenas a metade dos professores e se refere, sobretudo, a atividades ‘passivas’, como a leitura e a participação em congressos. No que diz respeito à formação contínua e ao aperfeiçoamento, a situação é pior, pois apenas 10% dos professores passaram por um curso de iniciação à pesquisa (TARDIF e ZOURHLAL, 2005, p. 22).

A partir dessa afirmação de Tardif e Zourhlal (2005), a gênese das dificuldades relacionadas à pesquisa possivelmente se encontra na formação dos que devem realizá-la, pois num mundo de tanta diversidade de temas e métodos como é o mundo educacional, a carência

---

<sup>7</sup> “As classes de aceleração oferecem condições para que os alunos avancem no trajeto escolar, buscando, assim, contribuir para a reversão do quadro de repetência e evasão nas escolas e para que esse ensino cumpra sua função social, atendendo às necessidades de aprendizagem de todos os seus alunos” SEE/SP.

de profissionais bem formados para a realização de pesquisas converge para a insatisfação e a não-aplicação das pesquisas já realizadas, gerando preconceitos dos que detêm o poder de elaborá-las em contraposição à rejeição dos que “devem” aplicá-las.

Em trabalho realizado por Marcelo (1997), a pesquisa sobre a formação inicial recebe destaque no período de estágio, e ele mostra que no Canadá a pesquisa investiga a opinião que estudantes e professores têm sobre o estágio, sobre as crenças e atitudes dos estudantes; no Japão, a pesquisa se destina ao conhecimento do efeito do estágio sobre o desejo de ser professor; na Holanda, as pesquisas avaliam as reestruturações dos estágios; na Austrália, as pesquisas centram-se na ansiedade dos alunos durante os estágios; na Alemanha, as pesquisas mostram que os estágios de ensino são o componente mais valorizado pelos professores em formação; em Cingapura, a pesquisa centra-se na análise da validade e da fidedignidade das medidas empregadas para avaliar os alunos estagiários durante os estágios; na Índia, a pesquisa revela que os principais problemas que afetam os estágios são a assessoria e a supervisão inadequadas por parte dos supervisores universitários e a falta de colaboração e coordenação entre a escola e a universidade.

Aqui no Brasil, já nos anos 80, de acordo com Nunes (2001), percebem-se mudanças na relação escola-universidade quanto à aceitação e aplicação da pesquisa, ainda não num todo, mas um olhar mais atento para a ação em sala de aula torna-se perceptível, como ela aqui relata:

Embora neste período, as práticas pedagógicas de sala de aula e os saberes docentes tenham começado a ser investigados, as pesquisas não tinham o intuito de explicitá-los e/ou valorizá-los como formas válidas ou legítimas de saber (NUNES, 2001, p. 30).

Apesar das críticas sofridas, a pesquisa é imprescindível ao desenvolvimento dos saberes docentes, mesmo porque não se pode considerar teoria apenas aquilo que é produzido

“no aconchego do claustro, na paciência e no sossego”,<sup>8</sup> mas tudo que inquieta e leva à investigação. O resultado dessa investigação é o que se torna teoria.

Não há porque gerar um embate entre as modalidades de pesquisa quantitativa *versus* qualitativa, pesquisa-ação *versus* pesquisa acadêmica, pois toda e qualquer contribuição no sentido de melhorar a relação de aprendizagem do aluno desde as primeiras séries do ensino fundamental até a formação continuada é sempre bem-vinda. O que se faz necessário é aparelhar a pesquisa-ação com conteúdo científico, método e elaboração para que a relação ensino-aprendizagem, que deve ser o seu foco, sofra melhorias qualitativas e significativas.

Tardif (2005) sugere que os pesquisadores devem aprender a popularizar seu discurso e que sejam introduzidos os “tradutores” que operam na fronteira entre as universidades e as escolas.

A formação do professor tem importância destacada na pesquisa sobre os saberes docentes, e não se atém apenas aos cursos de formação, mas também aos professores em exercício, alertando que somente sua prática em sala de aula não é suficiente para alterar a qualidade do ensino e da aprendizagem. Propostas há para que os futuros professores realizem pesquisa sobre a formação, mas de acordo com Maciel e Shigunov (2004),

A produção discente sobre formação de professores prioriza estudos pontuais, voltados para o conhecimento de realidades locais, deixando abertas muitas indagações sobre a problemática mais global da formação docente, bem como a respeito das ações a serem tomadas para seu aprimoramento (MACIEL e SHIGUNOV 2004, p. 89)

sem contudo deixar de contribuir.

---

<sup>8</sup> Do poema de Castro Alves *A um poeta*.



De acordo com Mello (2001), a dicotomia entre teoria e prática compromete a aplicação da pesquisa por considerar que

Os cursos de graduação são ministrados num contexto institucional longínquo da preocupação com a educação básica, que não facilita nem mesmo a convivência com pessoas ou instituições que conhecem a problemática desta última. Os professores formadores que atuam nesses cursos, quando das instituições de qualidade, estão mais preocupados com suas investigações do que com o ensino em geral, quanto mais o ensino na educação básica (MELLO, 2001, p. 152).

Com respaldo nessa afirmação é que se propõe uma mudança de atitude do professor em relação à pesquisa. Já está comprovado por Garcia (1998), que as reflexões escritas não conduzem necessariamente a um pensamento mais analítico sobre os processos de ensino e aprendizagem, em particular se os níveis de preocupação dos professores em formação são pessoais.

A título de oferecer uma vertente intermediária entre a produção de pesquisa dos professores e a pesquisa acadêmica, Mizukami (2004) analisando as pesquisas relacionadas à aprendizagem e ao desenvolvimento profissional de professores, indica que estas podem ser divididas como sendo: **sobre, com e dos** professores, não havendo um sujeito (o acadêmico) que estuda e um objeto (o professor) a ser estudado, corroborando o pensamento de Maciel e Shigunov (2004) expresso a seguir:

Não se tem mais necessidade do professor que ensine **tão-somente** a ler, escrever e contar. O professor necessário, hoje, é aquele que possibilita aos alunos grandes momentos de reflexões, de articulações entre o escrito e o interpretado, entre o teorizado e o real (MACIEL e SHIGUNOV, 2004, p. 111).

A pesquisa educacional procura levar em conta tudo o que diz respeito à carreira docente, e nessa trajetória Marcelo (1997, pp. 65-66) traz em um de seus trabalhos uma

pesquisa realizada por Huberman (1989) acerca do ciclo vital dos professores, descrevendo as etapas a seguir:

- Entrada na carreira – incluindo as fases de sobrevivência e de descobrimento;
- Estabilização – a obtenção de um cargo efetivo como professor e o estabelecimento de um compromisso deliberado com a profissão;
- Experimentação ou diversificação – não é uma fase igual para todos os professores. Um grupo se preocupa com a melhora de sua capacidade docente; outro grupo centra suas atenções na promoção profissional pelo desempenho de funções administrativas, e um terceiro grupo diminui seus compromissos profissionais, abandonando a docência ou dedicando-se paralelamente a alguma outra coisa;
- Situação profissional estável – também com dois grupos de professores. Um grupo caracterizado pela serenidade e distanciamento afetivo, convertido em coluna vertebral da escola, os guardiões de suas tradições; e um grupo que se torna amargurado com pouca probabilidade de interesse no próprio desenvolvimento profissional;
- Preparação para a aposentadoria – aqui há os que buscam especializar-se ainda mais, os menos otimistas e os que se desencantam com respeito às experiências passadas.

### **1.3 Os saberes da docência**

O termo saberes será empregado aqui como o conjunto constituído de conhecimentos, habilidades e atitudes que os professores mobilizam em sua prática docente. Nesse sentido, investigar os saberes da docência é considerar a especificidade e a complexidade da atividade docente, considerando o professor portador de vários saberes.

Segundo Perrenoud (1999), como um profissional da docência, o professor deve ir além da aquisição de conhecimentos nos problemas encontrados, ou seja, a competência deve ajudar a prática social.

Para compreender o processo de construção, definição e seleção dos saberes da docência e a importância destes no desenvolvimento profissional do professor, apresento a temática à luz de teóricos como Tardif (2002), Schulman (1986-1987), Zeichner (1993) e Fiorentini (1998), que têm se destacado por meio de pesquisas e estudos acerca desta temática.

Segundo Tardif (2002, p. 33), “o saber docente é um saber plural, estratégico e desvalorizado”.

Ainda de acordo com Tardif (2002, p. 54), o saber docente é plural no sentido de ser formado por saberes oriundos da formação profissional, dos saberes disciplinares, dos saberes curriculares e dos saberes experienciais ou práticos:

a) **Saberes da formação profissional** – É o conjunto de saberes (produzidos pelas ciências da educação e saberes pedagógicos) transmitidos pelas instituições de formação de professores. E tanto as ciências humanas como as ciências da educação utilizam o professor e o ensino como objetos desse saber, visando à integração com a prática do professor. Essa integração se dá no decorrer de sua formação (inicial ou continuada). A prática do professor é uma atividade que mobiliza diversos saberes (pedagógicos), oriundos de reflexões sobre a prática educativa, e de acordo com Schulman a prática é fonte de conhecimento.

b) **Saberes disciplinares** – São saberes sociais que correspondem aos diversos campos do conhecimento definidos e selecionados pelos produtores de saberes e integram-se à prática docente por meio de seu processo de formação (inicial e continuada).

**c) Saberes curriculares** – São os saberes correspondentes ao programa (objetivos, conteúdos, métodos) que os professores devem aprender a aplicar em sua prática cotidiana.

**d) Saberes experienciais ou práticos** – São aqueles que os professores desenvolvem no exercício e na prática de sua profissão. Esta prática integra-se a diferentes saberes como: os saberes sociais transformados em saberes escolares por meio dos saberes disciplinares e dos saberes curriculares; os saberes oriundos das ciências da educação e os saberes pedagógicos e saberes experienciais. São saberes práticos e formam um conjunto de representações a partir das quais os professores interpretam, compreendem e orientam sua profissão e sua prática cotidiana. Esses saberes se incorporam sob a forma de *habitus*, conceito de Bourdieu (apud Setton 2002, p. 69) “que habilita o indivíduo a construir-se processual e relacionalmente com base em lógicas práticas de ação ora conscientes, ora inconscientes”.

Para Schulman, o saber experiencial ou prático não é um conhecimento em si, mas é importante, já que a experiência é uma fonte de conhecimento juntamente com conhecimento proposicional e outros tipos de conhecimento.

Tardif ressalta o valor dos saberes produzidos pelos professores no exercício de sua profissão, destacando o saber experiencial. Esclarece que:

[...] estes saberes não se encontram sistematizados em doutrinas ou teorias. São saberes práticos (e não da prática: eles não se superpõem à prática para melhor conhecê-la, mas se integram a ela e dela são partes constituintes enquanto prática docente) e formam um conjunto de representações a partir das quais os professores interpretam, compreendem e orientam sua profissão e sua prática cotidiana em todas as suas dimensões (TARDIF, 2002, p. 49).

Para o autor, o saber docente é estratégico na medida em que os professores, enquanto grupo profissional e em decorrência das próprias funções que exercem, ocupam uma

posição estratégica no interior das relações que unem as sociedades contemporâneas aos saberes que elas produzem e mobilizam com diversos fins.

Indica, também, que o saber é desvalorizado, no sentido de que o corpo docente mantém uma relação de transmissor, portador ou de objeto de saber. O corpo docente não é responsável pela definição nem pela seleção dos saberes que a escola e a universidade transmitem.

Diante dessa impossibilidade de controlar os saberes disciplinares, curriculares e da formação profissional, o professor produz ou tenta produzir, segundo o referido autor, saberes que ele possa compreender e dominar em sua prática. E por consequência, estes vão se distanciando dos saberes adquiridos fora dessa prática.

Tardif (2002) explicita ainda que os saberes são sociais e temporais. Temporais, pelo fato de grande parte serem provenientes da história de vida, da trajetória escolar de cada professor, dos primeiros anos de experiência e por serem desenvolvidos no percurso da carreira envolvendo dimensões de identidade e de socialização, bem como fases e mudanças. Acrescenta que tais saberes são heterogêneos, porque não formam um repertório de conhecimentos unificado, ou seja, os professores utilizam muitas teorias, concepções e técnicas, conforme a necessidade, e também porque procuram atingir diferentes tipos de objetivos, cuja realização exige vários tipos de conhecimentos, de competência ou de aptidão. Para o autor, o que dá unidade a esses saberes são as necessidades e especificidades de cada ação. Por fim, conclui que os saberes são personalizados, subjetivos e construídos em função de uma situação de trabalho único/singular e, por esse motivo são contextualizados.

Para Tardif (2002), o professor incorpora o conhecimento por meio da experiência, enquanto que para Schulman o conhecimento já está incorporado.

Schulman, (apud MIZUKAMI, 2004), ao investigar processos sobre como os professores aprendem e se desenvolvem profissionalmente, construiu dois modelos inter-

relacionados que explicam tais processos: a base de conhecimento para o ensino e o processo de raciocínio pedagógico.

Ao propor o modelo de “base de conhecimento para o ensino”, ou seja, o repertório de conhecimentos que o professor precisa ter para poder ensinar algo, o autor (apud MIZUKAMI, 2004) explicita vários tipos de conhecimento. De uma forma geral, tais conhecimentos podem ser agrupados em três blocos:

1. **O conhecimento do conteúdo específico** – Refere-se ao conteúdo específico da matéria que o professor leciona. Para bem conhecer os conteúdos é preciso ir além dos conceitos de um determinado domínio e do conhecimento dos fatos. É necessário compreender a estrutura da matéria de uma área específica. O conhecimento do conteúdo específico é necessário e importante, porém não garante que o mesmo seja ensinado e aprendido com sucesso. Segundo Schulman, Wilson e Richert (apud MIZUKAMI, 2004), os professores devem ter dois tipos de conhecimento da matéria: conhecimento da área, tanto em seus aspectos genéricos quanto em suas especificidades, e conhecimento de como ajudar seus alunos a entender a matéria.

2. **O conhecimento pedagógico geral** – É o conhecimento que vai além de uma área específica. Este inclui conhecimentos de teorias e princípios relacionados a processos de ensinar e aprender, conhecimentos dos alunos, conhecimento de contextos educacionais e outros.

3. **O conhecimento pedagógico do conteúdo** – É o conhecimento construído continuamente pelo professor ao ensinar a matéria, e que é melhorado quando se integra aos outros tipos de conhecimentos. Inclui compreensão dos princípios e técnicas, bem como do que significa ensinar um assunto de uma disciplina específica. Na verdade, o professor acaba dando origem a um novo tipo de conhecimento da área específica, construído por ele.

Diferentemente do que postula Tardif quando diz que há um fosso entre teoria e prática, Zeichner afirma que:

Essa nova atitude em relação às teorias utilizadas em sala de aula deve fazer ser mais valorizada a opinião do professor a respeito dessas teorias, pois fazem parte do seu trabalho, e ninguém melhor que ele para analisar crítica e empiricamente se determinado saber, produzido fora da sala de aula, possui validade quando testado sob condições extremas da realidade. Mais que isso, é condição da correta adoção pedagógica do conceito da prática-reflexiva que o professor possa teorizar sobre sua prática e que essa teoria possa ser discutida séria e amplamente, por seus pares e intelectuais do ensino, porque 'a diferença entre teoria e prática é, antes de mais, um desencontro entre a teoria do observador e a do professor, e não um fosso entre teoria e prática'. Haja vista que a teoria pessoal de um professor reflexivo acerca de um problema específico, como a razão pela qual uma lição de leitura tenha ocorrido melhor ou pior do que o esperado, é tão válida quanto a teoria gerada por pesquisadores nas universidades (ZEICHNER, 1993, p. 21).

O que constitui progresso na área é identificar o saber construído pelo professor e que não é construído apenas na academia, como estímulo para alavancar a pesquisa acadêmica, evitando assim essa dicotomia entre teoria e prática.

É importante ressaltar que Schulman, (apud MIZUKAMI, 2004), ao valorizar os dois primeiros momentos da ação do professor, início e fim do processo, reconhece que o saber a ser ensinado não é um dado pronto, acabado. O processo de ensino inicia quando o professor se aproxima do objeto a ser ensinado e se apropria dele, gerando assim compreensão e, a partir dela vai elaborando e desenvolvendo o ensino.

Alguns autores como Zeichner em *A formação reflexiva de professores: idéias e práticas* (1993) e Schön (1992) na obra *Formar professores como profissionais reflexivos*, entre outros, enfatizam uma nova abordagem de formação que se apóia no conceito de reflexão.

Preocupado com o processo de investigação educacional, Zeichner (1993) vem se envolvendo nas investigações realizadas pelos próprios professores. O autor considera que as ações do professor na sala de aula são nutridas pelas suas teorias pessoais, assim os professores constroem teorias sobre suas práticas. Tais teorias resultam de um processo de reflexão. O autor concebe o professor como sendo um prático reflexivo e enfatiza não apenas

o sujeito nesse processo de aprendizagem profissional, mas também a situação social em que a prática se desenvolve. Segundo o autor (1993, p. 25), “[...] as reflexões dos professores visam, em parte, à eliminação das condições sociais que distorcem a autocompreensão dos professores e minam a realização do seu trabalho”.

Assim, um professor que não reflete sobre sua prática cotidiana atua de acordo com a rotina e aceita de forma passiva soluções encontradas por outros. O professor reflexivo é, por assim dizer, aquele que busca equilíbrio entre a prática e o pensamento, dando origem a uma nova prática.

As idéias de Zeichner se desenvolveram ligadas à sua prática em programas de formação de professores e vêm encontrando grande receptividade nos meios educacionais. No entanto, o autor manifesta certa preocupação no que se refere ao uso indiscriminado dos termos de sua teoria na área educacional, conforme expressa no trecho a seguir:

Chegou-se mesmo ao ponto de incorporar no discurso da prática reflexiva tudo aquilo que se acredita dentro da comunidade educacional acerca do ensino, aprendizagem, escolaridade e ordem social. Assim, só por si, o termo reflexão perdeu virtualmente qualquer significado (ZEICHNER, 1993, p. 15).

No Brasil, o termo professor reflexivo teve como referência inicial os estudos de Schön (1992), porém, ganhou maior repercussão com os trabalhos desenvolvidos por Nóvoa (1992) e Zeichner (1993).

Em suas pesquisas sobre formação profissional, Schön busca entender como ocorre a aprendizagem de diferentes profissões, inclusive a de professor. Investiga como diferentes profissionais constroem saberes em suas profissões. Explicita três conceitos básicos para a compreensão de processos de aprendizagem e de desenvolvimento profissional: da reflexão na ação, da reflexão sobre a ação e da reflexão sobre a reflexão na ação, enquanto parte integrante do professor compreendido como profissional autônomo.



Os dois primeiros momentos são reativos, porém o primeiro ocorre durante a prática e o segundo depois do acontecimento, quando este é revisto fora de seu cenário. A reflexão sobre a reflexão na ação, juntamente com os dois conceitos anteriormente citados, possibilita ao profissional progredir no seu desenvolvimento e a construir sua forma própria de conhecer sua profissão e nela ter um bom desempenho. Trata-se de olhar para si, para a própria ação e refletir sobre o momento da reflexão, ou seja, o que aconteceu, o que o profissional observou, que significado atribui e que outros significados pode atribuir ao que aconteceu (SCHÖN, 1992).

Schön (2000) também recomenda que é necessário uma formação profissional que integre teoria, prática e reflexão, baseado no processo reflexivo na ação, ou seja, um ensino em que aprender por meio do fazer seja prioridade, um processo de construção em que a capacidade de refletir seja estimulada pela interação. Ressalta que somente uma nova epistemologia da prática é que encaminhará uma possível mudança de um profissional reflexivo, capaz de encontrar soluções aos vários dilemas/problemas rotineiros.

Pesquisadores e estudiosos reconhecem a importância que o conceito de professor reflexivo em Schön tem trazido para o desenvolvimento de uma nova concepção de professor. Porém, por ser bastante genérico como qualquer modelo teórico o é, o mesmo não dá conta, por si só, do sentido amplo e específico (porque contextualizado) que uma prática reflexiva deveria ter. É necessário considerar que uma prática reflexiva competente deveria conduzir o professor a uma orientação reflexiva e a uma ação coletiva que tenha o objetivo de alterar na sala de aula e na escola e, acima de tudo, os contextos sociais de um modo geral. Zeichner, como visto anteriormente, enfatiza a preparação do professor que seja capaz de assumir uma prática reflexiva em relação ao seu ensino e principalmente em relação à situação social em que a prática se desenvolve.

Quanto à literatura nacional, os estudos e pesquisas desenvolvidos por Pimenta (2005) indicam que o saber docente não é formado apenas pela prática, sendo também nutrido pelas teorias da educação. Assim, para a autora, a teoria tem importância fundamental na formação dos professores, pois os sujeitos adquirem variados pontos de vista para uma ação contextualizada oferecendo possibilidades de análises para compreender os contextos sociais, históricos, culturais, organizacionais e dos seus próprios enquanto profissionais, para que neles possam transformá-los. Destaca-se aqui, igualmente, que a teoria tem extrema importância para os autores anteriormente citados. Ela é fonte e fundamento de aprendizagens profissionais. Nenhum dos autores anteriormente citados, mesmo Schön ao referir-se a uma epistemologia da prática, deixa de lado a teoria.

Em seu estudo, Fiorentini (1998) procurou identificar e caracterizar os saberes docentes e como poderiam ser produzidos e apropriados pelos professores por meio de uma prática pedagógica reflexiva e investigativa.

Segundo o autor, a relação que cada professor mantém com os saberes é o que fará a diferença.

Relação essa que na maioria das vezes, é decorrente de uma cultura profissional marcada pela racionalidade técnica que supervaloriza o conhecimento teórico ou pelo pragmatismo praticista ou atividade que exclui a formação e a reflexão teórica e filosófica (FIORENTINI, 1998, p. 311).

Para (FIORENTINI, 1998, *et al.*), o saber docente não está

[...] em saber aplicar o conhecimento teórico ou científico, mas sim em saber negá-lo, isto é, não aplicar pura e simplesmente este conhecimento, mas transformá-lo em saber complexo e articulado ao contexto em que ele é trabalhado/produzido, mas para isso, é preciso conhecê-lo, pois só negamos algo se conhecemos profundamente (p. 319).

Fiorentini conclui que a integração da teoria com a prática poderá contribuir na formação do professor de forma contínua e coletiva, utilizando a prática pedagógica como elemento de problematização, significação e exploração dos conteúdos da formação teórica.

Pelo que aqui foi explanado, não resta dúvida de que a formação profissional e os saberes docentes são temas para pesquisa perene, mas espero ter contribuído para um melhor entendimento acerca da prática e da teoria que constituem situação *sine qua non* para o bom andar das ações de aprender e ensinar e de aprender a ensinar.

## **Capítulo 2. Metodologia**

Neste capítulo, apresento os procedimentos metodológicos adotados no desenvolvimento da pesquisa, destacando o problema, os objetivos, o tipo de pesquisa, os instrumentos de coleta, a caracterização dos sujeitos e da instituição formadora, bem como a sistemática de tratamento e análise dos dados.

### **2.1 O problema da pesquisa**

A partir do quadro histórico sobre a formação de professores no Brasil e das contribuições de teóricos que estudam processos de aprendizagem e desenvolvimento profissional da docência, pretendeu-se, nessa pesquisa, obter respostas para a seguinte questão:

Como futuros professores (alunos do 1º ano de Pedagogia) dos anos iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano) concebem a profissão docente e suas expectativas em relação ao curso que estão fazendo?

### **2.2 Objetivo da pesquisa**

Esta pesquisa se propõe, a partir das questões acima explicitadas, a analisar concepções de futuros professores (alunos de 1º ano do curso de Pedagogia), sobre educação, escola, conhecimento escolar, profissão docente, estratégias de ensino e relação teoria-prática.

Para tanto, fiz uma investigação de como os futuros professores no início de sua preparação profissional se expressam em relação à profissão que escolheram ao optar pelo curso de Pedagogia; quais concepções manifestam em relação a diferentes aspectos do

fenômeno educacional; como analisam sua trajetória formativa e qual importância atribuem ao contexto, mediante análise documental e da aplicação de um questionário, a fim de conhecer a trajetória educacional dos sujeitos da pesquisa, identificar suas expectativas em relação ao curso de Pedagogia e sua escolha profissional como docente.

### **2.3 Tipo de pesquisa**

Este é um estudo exploratório,<sup>9</sup> analítico-descritivo, de natureza quantitativo-qualitativa que tem como foco central apreender as manifestações dos iniciantes do curso de Pedagogia, ou seja, como futuros professores se vêem no processo formativo e quais expectativas têm em relação ao curso e à sua vida profissional. É também quantitativa na medida em que busca tendências comuns e especificidades dos sujeitos via quantificação de focos extraídos das respostas.

### **2.4 Instrumentos de coleta**

Os dados foram coletados por meio de:

---

<sup>9</sup> Segundo Richardson (1999), estuda-se um fenômeno atual, ainda pouco examinado entre as comunidades. As investigações desta natureza objetivam aproximar o pesquisador do fenômeno para este familiarizar-se com as características e percepções, idéias desconhecidas e inovadoras sobre os mesmos. Subsídios que servirão para descrever os elementos e situações do tema explorado de forma mais precisa. A análise de caráter exploratória de acordo com Richardson (1999, p.17) visa descobrir as semelhanças entre fenômenos, “os pressupostos teóricos não estão claros, ou são difíceis de encontrar. Nessa situação, faz-se uma pesquisa não apenas para conhecer o tipo de relação existente, mas, sobretudo para determinar a existência de relação.” Devido a este contexto, a revisão da literatura sobre o fenômeno estudado abrange diversos níveis e perspectivas de análise para a compreensão do tema. Para isto, o pesquisador baseado na experiência adquirida na interação com o objeto de estudo busca suporte teórico, muitas vezes multilíngüe, em periódicos, anais, artigos e textos também em meios eletrônicos, já que a atualidade é uma forte característica da Internet. Para fazer uma síntese e reflexão de forma mais acertiva sobre o tema em foco, resultante das ligações entre as partes sondadas e decompostas na análise, muitas vezes o estudo é dividido em etapas distintas, procurando determinar relações existentes entre elas, que no final são reconstituídas, não perdendo a lógica estrutural do pensamento base. (Dados extraídos do site <http://wikipedia.org/>)

a) análise documental, examinando materiais como: legislações e plano pedagógico da instituição de ensino superior;

b) respostas obtidas por meio de um questionário com questões abertas e fechadas (vide Apêndice I), constituído de três partes: dados pessoais, informações sobre sua escolarização e informações sobre a escolha profissional. O questionário foi construído de forma que estivesse intimamente relacionado com o objetivo do projeto: “Como futuros professores (alunos de 1º ano do curso de Pedagogia) dos anos iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano) concebem a profissão docente e quais são suas expectativas em relação ao curso que estão fazendo?”

Num primeiro momento, o questionário foi aplicado somente a uma das duas salas de 1º ano de Pedagogia (26 sujeitos) de um instituto superior de educação, localizado na região de Campo Limpo, São Paulo.

Num segundo momento, o mesmo questionário foi aplicado à outra sala de 1º ano do mesmo instituto (39 sujeitos), e os dados de ambos os questionários foram juntados para análise dos resultados, sendo que, do sujeito 1 ao sujeito 26 equivalem aos alunos do 1º A, e do sujeito 27 ao 65 aos alunos do 1º B, totalizando-se assim 65 alunos/sujeitos. (vide Apêndice II)

Os dados brutos (as respostas aos itens do questionário) foram tabulados e agrupados em eixos temáticos. Tais eixos, por sua vez, foram subdivididos em focos que foram analisados tendo como diretriz a questão proposta de pesquisa. Após a tabulação, os dados foram analisados tendo como fundamentação o referencial teórico explicitado no Capítulo 1.

## 2.5 Caracterização dos sujeitos

Os participantes desta pesquisa são estudantes – futuros professores – de duas salas de 1º ano do curso de Pedagogia, contando com 26 alunos do 1º A e 39 alunos do 1º B, totalizando 65 alunos de um instituto superior de educação, localizado na região de Campo Limpo, São Paulo. Os sujeitos foram escolhidos em consonância com os objetivos da pesquisa.

O questionário possui uma parte inicial que visa obter dados que possibilitem conhecer melhor os diferentes participantes que compõem a presente pesquisa e informações sobre dados pessoais dos sujeitos da pesquisa, sobre suas trajetórias escolares, suas expectativas em relação ao curso de Pedagogia e sua escolha profissional como docente.

Os dados pessoais, primeiro eixo temático da pesquisa – registrado em tabelas (vide Capítulo 3) –, composto pelos focos: faixa etária, gênero, estado civil, quantidade de filhos, número de pessoas que moram na casa, número de pessoas que contribuem para a renda familiar, situação ocupacional e área de atuação, evidenciam características que determinam a escolha da profissão docente dos sujeitos investigados.

No foco da faixa etária predominam os sujeitos com idades entre 17 e 21 anos, com 24,6%. Para o foco gênero, o predomínio é do feminino, representando 95,4% dos participantes da pesquisa.

No que diz respeito ao estado civil, os solteiros constituem maioria com 53,8% do total.

O número de filhos representa cifras bem próximas quando se trata de quem tem apenas um (01) num percentual de 40,6% e de quem tem dois (02) com um índice de 37,5%, não gerando, portanto, uma hegemonia. Quando inquiridos acerca das pessoas que moram na casa dos sujeitos, 23,4% destes responderam que moram de uma (01) a três (03) pessoas,

45,0% disseram que moram de três (03) a cinco (05) pessoas e 26,6% afirmaram que entre cinco (05) e sete (07) pessoas moram na mesma casa.

Para contribuir para a renda familiar os sujeitos responderam que contam com um número de até três pessoas totalizando 81,0%, de até 5 pessoas 15,9%.

Na área de atuação, dos 76,2% que trabalham atualmente, 52,1% estão na área de educação e 47,9% em outras áreas.

Pelos dados aqui expostos os sujeitos da pesquisa atendem o esperado de um curso de Pedagogia, isto é, predomínio de jovens, de gênero feminino e atuação na área da educação.

A caracterização mais pormenorizada dos participantes da pesquisa é apresentada no Capítulo 3, Resultados, já que envolve algumas análises específicas.

## **2.6 Caracterização da instituição formadora**

A pesquisa foi realizada numa instituição de ensino superior, localizada na região de Campo Limpo, São Paulo.

A instituição é o resultado da trajetória profissional e familiar de seu fundador que iniciou com uma pequena escola de educação infantil. A partir de então, foi aumentando a oferta de outros níveis de ensino: educação fundamental e o ensino médio, transformando-se no que hoje é um instituto de ensino superior.

Em 2001 foi autorizado pelo MEC o funcionamento de três cursos superiores da instituição: Letras, Administração e Pedagogia. Porém, a consolidação dos cursos veio a ocorrer somente em 2003.

Em 2006, os cursos de Letras e de Pedagogia foram reconhecidos e, em 2007, o curso de Administração.



Hoje, o instituto conta com aproximadamente 700 alunos, adequadas instalações físicas e um corpo docente de profissionais capacitados e bem preparados.

O instituto busca contemplar tanto os aspectos formativos: habilidades, atitudes e competências, quanto os aspectos informativos (conteúdos curriculares), entendendo que o ato de educar é buscar o desenvolvimento integral dos estudantes.

Sua filosofia, de acordo com o Projeto Político Pedagógico, é propiciar ao aluno uma formação global que lhe permita construir conhecimentos, hábitos, habilidades e atitudes de forma crítica e criativa, estimulando-o a resolver problemas, estudar casos, intervir em realidades, prever crises; sempre de forma ágil, versátil e ética, buscando seu auto-aprimoramento e auto-realização como pessoa e como cidadão, qualificando-o profissionalmente, tornando-o ciente de suas responsabilidades.

De acordo com documento fornecido pela instituição, são suas políticas:

**No Ensino:** Propiciar ao aluno uma formação global que lhe permita construir conhecimentos, hábitos, habilidades e atitudes de forma crítica e criativa, estimulando-o a resolver problemas, estudar casos, intervir em realidades, prever crises, sempre de forma ágil, versátil e ética; buscando sempre seu auto-aprimoramento e auto-realização como pessoa e como cidadão, qualificando-o profissionalmente, tornando-o ciente de suas responsabilidades.

**Na Pesquisa:** Desenvolver o gosto pela iniciação científica, ação criadora responsável e ética, a partir de uma postura de investigação, reflexão, de curiosidade perante o novo e o diferente, buscando conhecimentos e procedimentos que possam complementar e estimular o ensino-aprendizagem a graus mais elevados de excelência e melhorar a qualidade de vida da população envolvida.

**Na Extensão:** Integradas ao ensino e à iniciação científica, as atividades de extensão devem atender às necessidades e possibilidades da instituição e da sociedade, com benefícios para ambas.

O curso de Pedagogia dessa instituição propõe uma formação que acompanhe as características e exigências da sociedade contemporânea, cujos docentes estarão aptos para atuar no Magistério da Educação Infantil e no Magistério, nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano) nos cursos de Ensino Médio e Ensino Médio Profissional, desenvolvendo um processo de educação global, social, política e transcendental de seus alunos, ultrapassando a fragmentação do conhecimento, da cultura e da arte, valorizando situações coletivas, socioconstrutivas de ensino-aprendizagem, educação e desenvolvimento. Orienta-se nos PCNs.

A instituição estabelece como finalidade do curso de Pedagogia a formação de profissionais críticos, envolvidos e comprometidos com a realidade histórica, social, política, econômica e cultural do país. Busca, por meio do ensino, equacionar teoria e prática a fim de promover uma formação mais sólida do licenciado, de acordo com a demanda do mercado de trabalho por profissionais capacitados e com uma formação cultural plena. Nessa instituição o curso de Pedagogia tem como objetivo formar pedagogos com competência técnica e compromisso político e social, tornando-os capazes de desafiar seus alunos para a construção crítica e interativa de uma sociedade mais justa para todos.

No que toca ao alunado do curso, a instituição promove um processo de seleção de tal modo que o ingressante precise demonstrar competências para lidar, em nível pelo menos razoável, com os conteúdos mínimos que integram os diferentes componentes do núcleo comum do currículo do ensino médio. E ao egresso o curso oferece meios que o levem à pesquisa e à busca de conhecimentos, o que extrapolará os limites da sala de aula e os recursos com que a escola conta atualmente, dominando o uso de equipamentos modernos e a forma oportuna de transformá-los em auxiliares de aprendizagem.

O capítulo que segue apresenta e analisa as manifestações que os alunos desse IES e do curso de Pedagogia passaram a respeito de suas escolhas profissionais, expectativas em relação ao curso, concepções sobre dimensões do fenômeno educacional e da profissão.

## Capítulo 3. Resultados

Neste capítulo farei análise dos dados, levando em consideração que na formação do professor há presença de aspectos subjetivos como crenças, idiosincrasias e cultura, de acordo com Mizukami (2002) que afirma:

Estudos sobre o pensamento do professor [...] têm indicado que os conhecimentos, as crenças e as metas dos professores são elementos fundamentais na determinação do que eles fazem em sala de aula e de por que o fazem [...] (MIZUKAMI, 2002, p. 48).

Ao analisar os dados levei em conta a interferência desses aspectos, considerando como os dados pessoais são variáveis importantes na escolha profissional e conseqüentemente na expectativa dos futuros professores dos anos iniciais do ensino fundamental (1º ao 5º ano).

Para entender como os saberes docentes devem ser construídos e investigar como futuros professores já têm implícitos alguns desses ou algumas concepções ou pré-concepções sobre esses saberes, foram considerados os seguintes eixos temáticos, a saber:

- dados pessoais;
- processo de escolarização e;
- escolha profissional.

Esses eixos são constituídos de focos, como seguem:

- **Dados pessoais** – faixa etária, gênero, estado civil, número de filhos, quantidade de pessoas que moram na mesma residência, quantidade de pessoas que contribuem com a renda familiar, situação ocupacional, área de atuação;
- **Processo de escolarização** – tipo de instituição que frequentou (pública ou privada), modalidade do curso (regular ou suplência), curso técnico (especificação), características da educação básica (níveis e modalidades), comentários sobre professores que marcaram positivamente e negativamente, professores que fizeram a diferença;
- **Escolha profissional** – motivo da escolha e expectativas em relação ao curso, satisfação com a escolha do curso, justificativa da satisfação da escolha, o que o professor de séries iniciais **deve saber**, o que o professor das séries iniciais **deve saber fazer**, expectativa sobre o fazer a diferença, projeções futuras, se vê o magistério como escolha profissional, comentários e/ou justificativas sobre a escolha profissional, comentários e/ou justificativas em não sendo o magistério escolha profissional e outros comentários sobre a profissão.

São apresentados, a seguir, os resultados em relação aos eixos temáticos.

### **3.1 Os futuros professores – Características**

#### **3.1.1 Dados pessoais**

A primeira tabela dos dados pessoais mostra a faixa etária dos participantes da pesquisa, dado necessário ao entendimento da escolha profissional.

**Tabela 1 – Faixa etária**

<b>Frequência de idade</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Percentual (%)</b>
17 ————— 21	16	24,6
21 ————— 25	12	18,5
25 ————— 29	10	15,4
29 ————— 33	8	12,3
33 ————— 37	8	12,3
37 ————— 41	2	3,1
41 ————— 45	6	9,2
45 ————— 49	1	1,5
49 ————— 53	0	0
53 ————— 57	1	1,5
Não Informou a Idade	1	1,5
<b>Total</b>	<b>65</b>	<b>100</b>

**Fonte:** Pesquisa direta realizada em um instituto superior de educação, localizado na região de Campo Limpo, São Paulo, em 2007.

Observando a tabela acima, a maioria dos participantes da pesquisa encontra-se na faixa etária entre 17 e 21 anos, representando 24,6% dos sujeitos, revelando que apenas um quarto do público está dentro do quadro desejado, faixa etária/idade escolar.

A tabela 2 retrata o gênero dos participantes da pesquisa, indicando a minoria do gênero masculino com apenas 3,0% dos que responderam ao questionário.

**Tabela 2 – Gênero**

<b>Sexo</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Percentual (%)</b>
Feminino	62	95,4
Masculino	2	3,0
Não informou	1	1,5
<b>Total</b>	<b>65</b>	<b>100</b>

**Fonte:** Pesquisa direta realizada em um instituto superior de educação, localizado na região de Campo Limpo, São Paulo, em 2007.

Pela supremacia do gênero feminino presente na tabela 2, o estudo de Almeida (1998, p. 168) está atualíssimo quando ela comenta que “As mulheres não somente reivindicaram como forçaram sua inserção nesse campo profissional e conseguiram ocupá-lo em poucas décadas”. É fato inegável que a docência é regida em sua grande maioria por mulheres, sedimentando um discurso que já deveria ser arcaico de que a educação é coisa de mulher, uma vez que é ela quem cuida dos filhos, portanto, está habilitada a cuidar de qualquer criança.

A terceira tabela representa o estado civil dos participantes na qual predominam os solteiros, com 53,8%, seguidos pelos casados com 40%.

**Tabela 3 – Estado civil**

<b>Estado Civil</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Percentual (%)</b>
Solteiro	35	53,8
Casado	26	40,0
Divorciado	2	3,1
Separado	1	1,5
Viúvo	1	1,5
<b>Total</b>	<b>65</b>	<b>100</b>

**Fonte:** Pesquisa direta realizada em um instituto superior de educação, localizado na região de Campo Limpo, São Paulo, em 2007.

Na terceira tabela, que representa o estado civil dos sujeitos pesquisados, o predomínio é dos solteiros, mas há um percentual considerável de casados, atestando que a docência é domínio das mulheres.

Na próxima tabela é possível observar o número de filhos dos participantes. Dentre os que responderam ao questionário, o índice de quem tem um filho é de 40,6%, acompanhado de perto por quem tem dois filhos, 37,5%.

**Tabela 4 – Quantidade de filhos**

Número de filhos	Quantidade	Percentual (%)
1	13	40.6
2	12	37.5
3	5	15.6
4	2	6.3
<b>Total</b>	<b>32</b>	<b>100</b>

**Fonte:** Pesquisa direta realizada em um instituto superior de educação, localizado na região de Campo Limpo, São Paulo, em 2007.

**Obs.:** 33 sujeitos (50,7%), não responderam a questão.

Pelo exposto na tabela ora apresentada, dentre os que escolheram o curso de Pedagogia há pessoas com número de filhos variado, predominando, dentre os que responderam, alunos que têm apenas um filho e alunos que têm dois, mas a taxa dos que não responderam corresponde a mais da metade.

A próxima tabela revela a quantidade de pessoas que moram na casa dos participantes, predominando os que têm entre 3 e 5 pessoas morando na casa, cujo percentual é de 50%, e similares são os percentuais dos que têm de 1 a 3 pessoas morando em casa e de quem tem de 5 a 7 pessoas, essas com um percentual de 26,6% e aquelas com 23,4%.

**Tabela 5 - Quantidade de pessoas que moram na casa**

Número de pessoas	Quantidade	Percentual (%)
1 ————— 3	15	23,4
3 ————— 5	32	50,0
5 ————— 7	17	26,6
<b>Total</b>	<b>64</b>	<b>100</b>

**Fonte:** Pesquisa direta realizada em um instituto superior de educação, localizado na região de Campo Limpo, São Paulo, em 2007.

**Obs.:** Não respondeu a questão 1 sujeito (1,5%).

A variável predominante nas respostas sobre a quantidade de pessoas que moram na casa dos alunos do curso de Pedagogia é a dos alunos que moram numa casa com 3 a 5



pessoas, totalizando 50%, tendo como segundo lugar os que têm de 5 a 7 pessoas, mais 23,4% dos que vivem em casas com 1 a 3 pessoas.

Na tabela 6 é possível saber quantas pessoas contribuem para a renda familiar, entendendo que quanto menor o número de pessoas, maior é o percentual para a contribuição da renda.

**Tabela 6 – Pessoas que moram na casa e contribuem para a renda familiar**

<b>Contribuem para renda</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Percentual (%)</b>
1 ————— 3	51	81,0
3 ————— 5	10	15,9
5 ————— 7	1	1,6
Nenhum	1	1,6
<b>Total</b>	<b>63</b>	<b>100</b>

**Fonte:** Pesquisa direta realizada em um instituto superior de educação, localizado na região de Campo Limpo, São Paulo, em 2007.

**Obs.:** Não responderam a questão 2 sujeitos (3,0%).

A tabela 5 revelou que a maioria dos futuros professores mora em casa com mais de três pessoas, enquanto que a tabela acima revela que o número de pessoas que contribuem para a renda familiar é de uma ou duas pessoas, isto é, os alunos com famílias mais numerosas contam com menos pessoas na composição da renda familiar.

A próxima tabela reflete a situação ocupacional dos participantes da pesquisa, revelando que a grande maioria trabalha.

**Tabela 7 – Situação ocupacional**

<b>Trabalha</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Percentual (%)</b>
Sim	48	76,2
Não	13	20,6
Aluno Pesquisador	2	3,2
<b>Total</b>	<b>63</b>	<b>100</b>

**Fonte:** Pesquisa direta realizada em um instituto superior de educação, localizado na região de Campo Limpo, São Paulo, em 2007.

**Obs.:** Não responderam a questão 2 sujeitos (3,0%).

A situação ocupacional dos participantes, de acordo com a tabela acima, mostra que a maioria trabalha, num percentual de 76,2%, contra 20,6% dos que não trabalham.

A tabela 8 representa a área de atuação dos participantes da pesquisa que trabalham, cuja maioria está na Educação.

**Tabela 8 – Área de atuação dos que trabalham**

<b>Trabalha</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Percentual (%)</b>
Na área da Educação	25	52,1
Outras áreas	23	47,9
<b>Total</b>	<b>48</b>	<b>100</b>

**Fonte:** Pesquisa direta realizada em um instituto superior de educação, localizado na região de Campo Limpo, São Paulo, em 2007.

**Obs.:** Não responderam a questão 2 sujeitos (3,0%)

Nessa tabela observa-se que os participantes trabalham, em sua maioria, na área da Educação, num percentual de 52,1%.

### 3.1.2 Processo de escolarização

A tabela a seguir revela o tipo de instituição que os participantes da pesquisa freqüentaram, informando se pública ou privada e os níveis: pré-escola, ensino fundamental (da 1ª à 4ª séries), ensino fundamental (da 5ª à 8ª séries) e ensino médio.

**Tabela 9 – Tipo de instituição que freqüentou (pública ou privada)**

<b>Tipo</b>	<b>Pré-Escola</b>		<b>Ens. Fund. 1ª à 4ª</b>		<b>Ens. Fund. 5ª à 8ª</b>		<b>Ens. Médio</b>	
	<b>Nº</b>	<b>%</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
Pública	36	55,4	59	90,8	56	91,8	46	88,5
Privada	9	13,8	6	9,2	5	8,2	3	5,8
Não cursou	17	26,2	-	-	-	-	-	-
Não respondeu	3	4,6	-	-	-	-	3	5,8
<b>Total</b>	<b>65</b>	<b>100</b>	<b>65</b>	<b>100</b>	<b>61</b>	<b>100</b>	<b>52</b>	<b>100</b>

**Fonte:** Pesquisa direta realizada em um instituto superior de educação, localizado na região de Campo Limpo, São Paulo, em 2007.

Em todos os níveis e em todos os anos o predomínio da frequência dos participantes foi na escola pública, com percentuais de 55,4% na pré-escola, 90,8% da 1ª à 4ª séries do ensino fundamental, 91,8% da 5ª à 8ª séries do ensino fundamental e 88,5% do ensino médio.

Na tabela a seguir estão registrados os tipos de instituição que frequentou o participante que cursou a suplência, classificando-as como pública ou privada, como também os níveis: Ensino Fundamental e Ensino Médio.

**Tabela 10** – Tipo de instituição frequentada do curso supletivo (se for o caso)

Tipo	Ens. Fund. 1ª à 4ª		Ens. Fund. 5ª à 8ª		Ens. Médio	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Não cursou	65	100	61	93,8	49	75,0
Pública	-	-	4	6,2	13	20,0
Privada	-	-	-	-	-	-
Não respondeu	-	-	-	-	3	5,0
<b>Total</b>	<b>65</b>	<b>100</b>	<b>65</b>	<b>100</b>	<b>65</b>	<b>100</b>

<sup>[1]</sup> Atualmente EJA (Educação de Jovens e Adultos)

**Fonte:** Pesquisa direta realizada em um instituto superior de educação, localizado na região de Campo Limpo, São Paulo, em 2007.

Na tabela, observa-se que a suplência foi pouco frequentada pelos alunos do curso de Pedagogia da instituição em estudo, uma vez que apenas 6,2% frequentaram a escola pública nessa modalidade de ensino ao cursarem o Ensino Fundamental de 5ª à 8ª séries e somente 20,0% cursaram o Ensino Médio, sem registro para o Ensino Fundamental de 1ª à 4ª séries.

A tabela 11 informa se os participantes cursaram ou não o ensino profissional, cuja maioria respondeu que não cursou.

**Tabela 11 – Realização de cursos técnicos**

<b>Se fez algum curso técnico</b>	<b>Nº</b>	<b>(%)</b>
Não	36	55,4
Sim	29	44,6
<b>Total</b>	<b>65</b>	<b>100</b>

**Fonte:** Pesquisa direta realizada em um instituto superior de educação, localizado na região de Campo Limpo, São Paulo, em 2007.

Dentre os 65 participantes da pesquisa, 55,4% responderam que não fizeram curso técnico, enquanto que 44,6% afirmaram que têm como formação de nível médio um curso profissionalizante.

A tabela seguinte demonstra a especificação dos cursos técnicos frequentados pelos participantes da pesquisa num total de quinze cursos.

**Tabela 12 – Especificação do curso técnico frequentado**

<b>Curso Técnico</b>	<b>Nº</b>	<b>(%)</b>
Técnico em Informática	9	25,7
Técnico em Contabilidade	6	17,1
Técnico em Enfermagem	2	5,7
Auxiliar de Enfermagem	3	8,6
Técnico Administrativo	3	8,6
Corte e Costura e Modelagem Industrial	2	5,7
Técnico em Secretariado	2	5,7
Técnico de Recursos Humanos	2	5,7
Técnico em Hemoterapia	1	2,9
Auxiliar Administrativo	1	2,9
Auxiliar de Secretariado	1	2,9
Auxiliar Fiscal	1	2,9
Cabeleireiro	1	2,9
Auxiliar de Departamento Pessoal	1	2,9
<b>Total</b>	<b>35</b>	<b>100</b>

**Fonte:** Pesquisa direta realizada em um instituto superior de educação, localizado na região de Campo Limpo, São Paulo, em 2007.

**Obs.:** Não fizeram nenhum curso técnico 36 sujeitos (55,3%).

Nesta tabela observa-se que há predomínio dos cursos da área de ciências exatas, contabilidade com 17,1% e informática com 25,7%.

As tabelas 13, 14, 15, 16 e 17 representam as características da Educação Básica freqüentada pelos participantes da pesquisa na pré-escola, no Ensino Fundamental de 1ª à 4ª séries, no Ensino Fundamental de 5ª à 8ª séries, no Ensino Médio e no curso profissionalizante, respectivamente.

**Tabela 13** – Características da educação básica (pré-escola) que freqüentaram

<b>Características</b>	<b>Nº</b>	<b>(%)</b>
Tem boas recordações (dos amigos, da professora, das atividades)	20	44,4
Poucas recordações	16	35,6
Escola com poucos recursos, mas com boas recordações das brincadeiras e aprendizados	3	6,7
Tem boas recordações, porém com problemas de adaptação ou de preconceito por causa de deficiência física	2	4,4
A professora era rígida	1	2,2
A educação era rígida por ligar-se à religiosidade	1	2,2
Associação da boa educação e alto nível de desempenho ao nível social da clientela atendida	1	2,2
Más recordações por causa de problemas de adaptação	1	2,2
<b>Total</b>	<b>45</b>	<b>100</b>

**Fonte:** Pesquisa direta realizada em um instituto superior de educação, localizado na região de Campo Limpo, São Paulo, em 2007.

**Obs.:** Não responderam a questão 7 sujeitos (10,7%); 2 (3,0%) não entenderam o que estava sendo solicitado e 13 (20,0%) não cursaram ou não concluíram a pré-escola.

Na tabela 13 predominam as respostas dos alunos que dizem ter boas recordações dos amigos, da professora, das atividades, perfazendo um total de 44,4%; e com respostas que desabonam a pré-escola 6,6%, dentre elas: 2,2% – a professora era rígida; 2,2% – rigidez da escola por ligar-se à religiosidade; 2,2% – problemas de adaptação. Dos sujeitos, 35,6% têm poucas recordações.

Sacristán (1999) nos ajuda a entender um pouco essa situação:

As ações passadas orientam as futuras, a prática dirige o futuro – sendo feitas a partir da sabedoria acumulada e a partir dos erros e dos acertos consolidados. Então é inerente à ação do sujeito que educa um efeito de acumulação que facilita e economiza as ações humanas ao longo da experiência vital, por não precisar partir do zero em cada experiência concreta (SACRISTÁN, 1999, p. 71).

**Tabela 14** – Características da educação básica (1º ao 4º ano) que freqüentaram

<b>Características</b>	<b>Nº</b>	<b>(%)</b>
Tem boas recordações (dos amigos, professores, atividades, da escola)	26	32,1
O ensino era tradicional	12	14,8
Poucas recordações	11	13,6
Más recordações	6	7,4
Agressão física ou maus-tratos da professora	5	6,2
Boas recordações das atividades, porém ruins da professora	3	3,7
A escola e os alunos possuíam poucos recursos	3	3,7
Exaltação do patriotismo (cantar os hinos regularmente)	3	3,7
Recordações de atitudes e metodologia inadequada da professora	2	2,5
Não gostava da escola porque era pouco agradável	2	2,5
Gostava da merenda	2	2,5
Dificuldade na aprendizagem devido a greves e postura do professor.	2	2,5
Professor sem formação adequada	1	1,2
Boas recordações, porém sofria preconceito social	1	1,2
Era dedicado enquanto aluno	1	1,2
Ensino rígido ligado à religiosidade	1	1,2
<b>Total</b>	<b>81</b>	<b>100</b>

**Fonte:** Pesquisa direta realizada em um instituto superior de educação, localizado na região de Campo Limpo, São Paulo, em 2007.

**Obs.:** Não responderam a questão 3 sujeitos (4,6%).

Do total de participantes que responderam sobre as características da educação básica, no ensino fundamental da 1ª à 4ª série, 44,4% têm boas recordações, assim discriminadas: dos amigos, professores e atividades – 32,1%; das atividades, porém com maus professores – 3,7%; boas recordações apesar do preconceito social – 1,2%; exaltação ao patriotismo – 3,7%; gostava da merenda – 2,5% e dedicado enquanto aluno – 1,2%.

As más recordações somam 42% das respostas dos participantes, a saber: agressão física ou maus-tratos das professoras – 6,2%; atitudes e metodologia inadequadas da

professora – 2,5%; escola pouco agradável – 2,5%; dificuldade de aprendizagem devida à greve e posturas dos professores – 2,5%; ensino tradicional 14,8%; rigidez ligada à religiosidade – 1,2%; professor sem formação adequada – 1,2%; escola e alunos com poucos recursos – 3,7% e más recordações 7,4%. Os participantes que têm poucas recordações somam 13,6% deles. As variáveis que representam as poucas recordações são bem significativas, tanto na pré-escola quanto nos quatro primeiros anos do Ensino Fundamental. Em ambos os níveis – pré-escola e de 1ª à 4ª séries do Ensino Fundamental – os índices das boas recordações foram predominantes nas respostas dos sujeitos na pré-escola e no Ensino Fundamental de 1ª à 4ª séries, resultando em 44%.

**Tabela 15** – Características da educação básica (5º ao 8º ano) que freqüentaram

<b>Características</b>	<b>Nº</b>	<b>(%)</b>
Boas recordações (dos bons professores, do ensino de qualidade, das atividades extraclasse)	28	40,6
Poucas recordações	16	23,2
Abandono deste nível de ensino devido à falta de incentivo ou dificuldades financeiras	5	7,2
Dificuldades em geral, principalmente em matemática	4	5,8
Má qualificação do professor	3	4,3
Diversificação de disciplinas	3	4,3
Professor faltoso	2	2,9
Condições precárias da escola	2	2,9
Ensino tradicional	2	2,9
Más recordações	2	2,9
Seriedade e valorização do estudo como preparo para o futuro	1	1,4
Mudança da escola privada para a pública devido a dificuldades financeiras	1	1,4
<b>Total</b>	<b>69</b>	<b>100</b>

**Fonte:** Pesquisa direta realizada em um instituto superior de educação, localizado na região de Campo Limpo, São Paulo, em 2007.

**Obs.:** Não responderam a questão 4 sujeitos (6,1%), e 1 (1,5%) não entendeu o que estava sendo solicitado.

Semelhante à tabela 14, a tabela 15 mostra o predomínio das boas recordações nas respostas dadas pelos alunos do curso de Pedagogia, participantes desta pesquisa, com um percentual de 46,3%, tendo como segundo lugar as poucas recordações perfazendo 23,2% das

respostas. Entretanto, os aspectos que desabonam a qualidade da educação básica que tiveram os participantes são muito significativos, pois somam 30,3% do total de respostas dadas, assim distribuídas: abandono, devido à falta de incentivo ou dificuldades financeiras – 7,2%; má qualificação do professor – 4,3%; professor faltoso – 2,9%; dificuldades em geral, principalmente em matemática – 5,8%; condições precárias da escola – 2,9%; ensino tradicional – 2,9%; mudança da escola privada para a pública devido a dificuldades financeiras – 1,4% e más recordações – 2,9%. Novamente as poucas recordações se fazem muito presentes nas respostas dos alunos com um percentual de 23,2 das respostas dadas.

**Tabela 16** – Características da educação básica (Ensino Médio) que frequentaram

<b>Características</b>	<b>Nº</b>	<b>(%)</b>
Boas recordações (professor dedicado e compreensivo, boa aprendizagem, escola de qualidade)	35	55,6
Poucas recordações	8	12,7
Dificuldade em conciliar trabalho x escola	6	9,5
Ensino mal organizado e descompromissado	3	4,8
Falta de incentivo por parte do professor	2	3,2
Dificuldades devido às defasagens anteriores	2	3,2
Más recordações	2	3,2
Escolas e professores despreparados ou muita rotatividade de professores	2	3,2
Maior comprometimento por parte do aluno por ser o último ciclo	1	1,6
Ensino tradicional	1	1,6
Escola com poucos recursos	1	1,6
<b>Total</b>	<b>63</b>	<b>100</b>

**Fonte:** Pesquisa direta realizada em um instituto superior de educação, localizado na região de Campo Limpo, São Paulo, em 2007.

**Obs.:** Não responderam a questão 5 sujeitos (7,6%).

Quando solicitadas aos alunos as características da educação básica no ensino médio, a maioria respondeu que tem boas recordações totalizando 55,6% das respostas dadas. As poucas recordações somam 12,7%, as más 3,2% e outras de aspectos negativos 27,1%. São elas: dificuldades devido a defasagens anteriores – 3,2%; dificuldade em conciliar trabalho x escola – 9,5%; ensino mal organizado e descompromissado – 4,8%; escolas e professores



despreparados ou muita rotatividade de professores – 3,2%; ensino tradicional – 1,6%; falta de incentivo por parte do professor – 3,2% e escola com poucos recursos – 1,6%.

Na tabela a seguir encontram-se as respostas que caracterizam o curso técnico freqüentado pelos participantes da pesquisa, em que alguns não se manifestaram e outros deram mais de uma resposta. Portanto, trata-se de uma tabela que registra respostas e não quantidade de participantes.

**Tabela 17** – Características do curso técnico que freqüentaram

<b>Características</b>	<b>Nº</b>	<b>(%)</b>
Boas recordações (bom relacionamento, professores e alunos, certeza do que quer)	11	47,8
Professores qualificados e dinâmicos	5	21,7
O curso não foi o que eu esperava ou não gostei	3	13,0
Não fez o curso que desejava, porém no final gostou	2	8,7
Gostou muito do estágio	1	4,3
Escola-fantasma	1	4,3
<b>Total</b>	<b>23</b>	<b>100</b>

**Fonte:** Pesquisa direta realizada nem um instituto superior de educação, localizado na região de Campo Limpo, São Paulo, em 2007.

**Obs.:** Não responderam a questão 40 sujeitos (61,5%), e 1 (1,5%) não entendeu o que estava sendo solicitado.

Dos 45% dos alunos que responderam que fizeram curso técnico, 47,8% disseram ter boas recordações, destacando o bom relacionamento entre professores e alunos, ambos sabendo o que queriam; 21,7% responderam que os professores eram qualificados e dinâmicos; 8,7% não fizeram o curso que desejava, mas ao final gostaram; 13% disseram que o curso não foi o que esperavam, portanto não gostaram e 4,3% caracterizaram a escola como escola-fantasma.

Os comentários sobre os professores que marcaram positiva ou negativamente a trajetória escolar dos participantes da pesquisa estão registrados nas tabelas 18 e 19, sendo que a 18 retrata as marcas positivas e a 19 as marcas negativas.

**Tabela 18** – Comentários sobre os professores que marcaram positivamente

<b>Comentários</b>	<b>Nº</b>	<b>(%)</b>
Citou a disciplina do professor que marcou positivamente	33	31,0
Aqueles que eram dinâmicos, amigos e incentivadores	26	24,5
Eram companheiros, compreensivos, atenciosos e valorizavam a inteligência do aluno	11	10,4
Ministravam aulas de maneira calma, com amor, sabedoria, dedicação e responsabilidade	9	8,5
Eram aqueles centrados no aluno (incentivando a reflexão e estabelecendo uma relação de confiança)	9	8,0
Ensinavam como ser cidadão, ensinavam valores	6	5,7
Eram rígidos	6	5,7
Lecionavam de maneira alegre e lúdica	3	3,0
Professores com metodologias e objetivos claros	2	1,9
Aquele que me incentivou e influenciou a ser educador	1	1,0
<b>Total</b>	<b>106</b>	<b>100</b>

**Fonte:** Pesquisa direta realizada em um instituto superior de educação, localizado na região de Campo Limpo, São Paulo, em 2007.

**Obs.:** Não responderam a questão 8 sujeitos (12,3%).

Embora alguns participantes não dessem respostas quando inquiridos sobre os professores que marcaram positivamente sua trajetória escolar, outros ofereceram mais de uma resposta, predominando sobre todas as outras as recordações da disciplina ministrada pelo professor, atingindo 31% das manifestações dos participantes; também relevante foi o índice dos que apontaram o dinamismo, a amizade e o incentivo do professor, perfazendo 24,5% das respostas dadas.

**Tabela 19** – Comentários sobre os professores que marcaram negativamente

<b>Comentários</b>	<b>Nº</b>	<b>(%)</b>
Citou a disciplina do professor que marcou negativamente	24	30,4
Professores que agrediam física e moralmente os alunos (perseguiam, discriminavam e causavam traumas)	19	24,1
Professores mal educados, injustos e nervosos	15	19,0
Aqueles descompromissados, desinteressados e faltosos	10	12,7
Professor tradicional, autoritário e sem didática	9	11,4
Professor rígido e exigente	2	2,5
<b>Total</b>	<b>79</b>	<b>100</b>

**Fonte:** Pesquisa direta realizada em um instituto superior de educação, localizado na região de Campo Limpo, São Paulo, em 2007.

**Obs.:** Não responderam a questão 9 sujeitos (13,8%).

Nesta tabela vê-se que as marcas positivas expostas na tabela 18 superam as negativas aqui registradas, isto é, os futuros professores trazem consigo mais lembranças construtivas do que destrutivas.

De acordo com a tabela a seguir, os alunos do 1º ano do curso de Pedagogia ofereceram respostas que revelam se os professores fizeram ou não alguma diferença em suas vidas.

**Tabela 20** – Se os professores fizeram alguma diferença em sua vida

<b>Se fizeram a diferença</b>	<b>Nº</b>	<b>(%)</b>
Sim	59	90,8
Não	2	3,1
Não respondeu	4	6,2
<b>Total</b>	<b>65</b>	<b>100</b>

**Fonte:** Pesquisa direta realizada em um instituto superior de educação, localizado na região de Campo Limpo, São Paulo, em 2007.

A maioria dos participantes, num total de 90,8%, respondeu que os professores fizeram diferença em sua vida contra 3,1% dos que responderam negativamente. Dentre eles, 6,2% não responderam à pergunta. Os dados dessa tabela não refletem os dados das tabelas 13, 14 e 15 quando nestas os índices de poucas recordações foram muito significativos, considerando que para quase todos os participantes os professores fizeram alguma diferença. Assim, as recordações deveriam ocupar um índice mais elevado.

Os dados da tabela a seguir retratam os comentários acerca dos professores que fizeram a diferença na vida dos alunos, futuros professores, esses dados se referem a respostas.

**Tabela 21** – Comentários sobre os professores que fizeram a diferença

<b>Comentários</b>	<b>Nº</b>	<b>(%)</b>
Realmente cumpriram seu papel de educadores (ensinaram a ser crítico, prepararam para a vida, deram bons exemplos). Prepararam para a vida, deram bons exemplos	23	44,2
Eram amigos e incentivadores	13	25,0
Influenciaram na escolha da profissão, e enquanto futura professora passou a dar maior valor	9	17,3
Ajudaram a discernir o certo do errado	4	7,7
Deseja ser ainda melhor do que eles	2	3,8
Tem saudades destes professores	1	1,9
<b>Total</b>	<b>52</b>	<b>100</b>

**Fonte:** Pesquisa direta realizada em um instituto superior de educação, localizado na região de Campo Limpo, São Paulo, em 2007.

**Obs.:** Não fizeram comentários 12 sujeitos (18,4%), e 4 (6,1%) não entenderam o que estava sendo solicitado.

Dos 65 participantes da pesquisa, 91% disseram que os professores fizeram a diferença em suas vidas, 3% disseram que os professores não fizeram a diferença em suas vidas e 6% não responderam, de acordo com a tabela 20.

Dentre os 91% dos participantes que deram respostas positivas quanto aos professores fazerem diferença em suas vidas, 80% fizeram comentários para caracterizar os seus professores. O predomínio coube às respostas que valorizaram o real cumprimento do papel de professor como aquele que ensinou a ser crítico, preparou para a vida e deu exemplo, perfazendo um percentual de 44,2%. Outros realçaram como fator primordial para a diferença que os professores fizeram em suas vidas, a amizade e o incentivo, com 25% do total. Ainda, com 17,3% dos comentários, houve respostas que destacaram a influência dos professores na escolha da profissão docente.

### 3.1.3 Escolha profissional

Para computar as respostas dadas à pergunta do questionário “por que escolheu ser professor?”, será consultada a tabela a seguir.

**Tabela 22** – O motivo da escolha profissional/curso

<b>Motivos da escolha</b>	<b>Nº</b>	<b>(%)</b>
Porque gosta de crianças ou é um sonho de criança	23	33,8
Por influências da família, professores anteriores, da religião, do trabalho voluntário	10	14,7
Porque gosta de formar opiniões, de transmitir coisas boas, de ensinar e aprender	10	14,7
Identifica-se com a profissão	9	13,2
Por querer fazer a diferença	6	8,8
Porque quer contribuir com as crianças que possuem dificuldades	4	5,9
Por falta de opção	3	4,4
Porque acha que a profissão é uma missão	1	1,5
Porque quer abrir uma escola	1	1,5
Porque acredita que a educação seja a solução para os problemas da humanidade	1	1,5
<b>Total</b>	<b>68</b>	<b>100</b>

**Fonte:** Pesquisa direta realizada em um instituto superior de educação, localizado na região de Campo Limpo, São Paulo, em 2007.

**Obs.:** Não responderam 3 sujeitos (4,6%).

Nos dados fornecidos pelos sujeitos da pesquisa, considerável é o percentual das respostas dos que disseram que escolheram ser professor “*porque é um sonho de criança*”, percentual esse representado pela cifra de 33,8% num universo de 68 respostas dadas. Os dados demonstram que os futuros professores das séries iniciais do Ensino Fundamental escolheram a profissão por influências (da família, de professores, da religião) e porque gostam de aprender e ensinar, totalizando 14,7% nesta resposta; e 14,7% ofereceram, no entanto respostas muito vagas e de senso comum que não permitem uma melhor exploração dos reais motivos da escolha, ou mesmo se de fato constituiu uma escolha.

Essa análise apóia-se na afirmação de Nóvoa, que diz:

[...] a escolha de uma profissão e a trajetória de trabalho de um indivíduo resultam de múltiplos factores: implicam redes de relações sociais e culturais tecidas a diversos níveis e atravessadas por lógicas próprias, feitas de acasos e circunstâncias, de aspirações e de constrangimentos, de coincidências e de decisões (NÓVOA, 1999, p. 178).

Diversas foram as respostas para a pergunta “Por que escolheu ser professor?” Porém, apenas dois sujeitos, isto é, 1,5% deram respostas que podem ser consideradas utópicas, a saber: “*porque ser professor é uma missão*” e “*porque acredita que a educação seja (sic) a solução para todos os problemas da Humanidade*”.

Dentre os que responderam que se identificam com a profissão, o percentual é de 13,2%. E apenas 4,4% escolheram ser professor por falta de opção. Algumas respostas similares entre si contribuíram com 14,7% ao dizerem que “*quer fazer a diferença e porque querem contribuir com crianças com dificuldade de desenvolvimento*”, sendo 5,9% nesta e 8,8% naquela.

A tabela abaixo registra as expectativas dos alunos em relação ao curso de Pedagogia, dados que representam a quantidade de respostas dadas e não de participantes que responderam, donde alguns participantes deram mais de uma resposta.

**Tabela 23** – Expectativas em relação ao curso de Pedagogia

<b>Expectativas</b>	<b>Nº</b>	<b>(%)</b>
Estar preparado para exercer a profissão, relacionando teoria e prática	32	50,0
Aprimorar a prática (saber fazer) e me qualificar	11	17,2
Fazer a diferença	10	15,6
Realizar-se pessoalmente e alcançar um sonho	5	7,8
Entender o universo infantil	3	4,7
Concluir o curso	2	3,1
Lecionar e assumir cargos administrativos	1	1,6
<b>Total</b>	<b>64</b>	<b>100</b>

**Fonte:** Pesquisa direta realizada em um instituto superior de educação, localizado na região de Campo Limpo, São Paulo, em 2007.

**Obs.:** Não responderam a questão 9 sujeitos (13,8%).

Quando questionados sobre as expectativas do curso de Pedagogia, alguns dos participantes deixaram de responder a questão. Com isso as respostas obtidas somam 64 das quais 50% afirmam que as expectativas dos alunos quanto ao curso residem no fato de que este os prepare para exercer a profissão docente, relacionando teoria e prática; outros (17,2%)

responderam que esperam que o curso aprimore a prática e os qualifique; próximos, estão os que esperam fazer a diferença, com um percentual de 15,6%. Pelas respostas obtidas, faz-se necessário perguntar se elas advêm do conhecimento que eles já têm ou apenas representam falácias de seu cotidiano escolar.

Por meio da próxima tabela é possível conhecer se os alunos estão ou não satisfeitos com a escolha do curso de Pedagogia.

**Tabela 24** – Satisfação com a escolha do curso

<b>Se está satisfeito com a escolha</b>	<b>Nº</b>	<b>(%)</b>
Sim	56	86,2
Não	1	1,5
Tem dúvidas	2	3,1
Não respondeu	6	9,2
<b>Total</b>	<b>65</b>	<b>100</b>

**Fonte:** Pesquisa direta realizada em um instituto superior de educação, localizado na região de Campo Limpo, São Paulo, em 2007.

Conforme a tabela acima, as respostas dos sujeitos pesquisados confirmam que eles estão satisfeitos com a escolha do curso de Pedagogia, uma vez que 86,2% das respostas dadas são afirmativas, contra 1,5% dos que não estão satisfeitos, 3,1% têm dúvidas quanto à escolha e 9,2% não responderam.

À semelhança de outras tabelas, a próxima registra dados de respostas dos participantes que justificaram sua satisfação com a escolha do curso, tendo às vezes mais de uma resposta por indivíduo.

**Tabela 25** – Justificativa sobre a satisfação com a escolha do curso

<b>Justificativas</b>	<b>Nº</b>	<b>(%)</b>
Está de acordo com o que esperava	7	29,2
Porque está se identificando	6	25,0
Porque está realizando um sonho	4	16,7
Porque está ajudando no crescimento pessoal	2	8,3
Porque tem bons relacionamentos	1	4,2
Porque está mudando a visão sobre educação e criança	1	4,2
Porque quer ir além nos estudos	1	4,2
Ainda não satisfaz as expectativas	1	4,2
Algumas disciplinas não são importantes para a formação profissional	1	4,2
<b>Total</b>	<b>24</b>	<b>100</b>

**Fonte:** Pesquisa direta realizada em um instituto superior de educação, localizado na região de Campo Limpo, São Paulo, em 2007.

**Obs.:** Não justificaram 41 sujeitos (63,0%).

Muito significativo é o percentual dos participantes que não ofereceram respostas que justificassem sua satisfação na escolha do curso, com o percentual de 63%, não correspondendo ao número dos que disseram estar satisfeitos com a escolha, de acordo com a tabela anterior. Entretanto, dentre os alunos que justificaram sua satisfação com a escolha do curso, 29,2% disseram que estão de acordo com o que esperavam; 25,0% responderam que estão se identificando com o curso e 16,7% justificaram dizendo que estavam realizando um sonho.

Ao observar a tabela seguinte, é possível encontrar nos dados a opinião dos futuros professores no que diz respeito ao que o professor **deve saber** para exercer a docência nos anos iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano).



**Tabela 26** – Opinião dos futuros professores em relação ao que o professor dos anos iniciais do ensino fundamental (1° ao 5° ano) devem saber

<b>Devem saber</b>	<b>N°</b>	<b>(%)</b>
Respeitar os alunos	17	28,3
Respeitar e lidar com a diversidade	13	21,7
Conhecer o universo infantil	9	15,0
Dominar os conteúdos	8	13,3
Um pouco de tudo	4	6,7
As teorias pedagógicas	4	6,7
Planejar	2	3,3
Utilizar atividades lúdicas	1	1,7
Trabalhar os limites	1	1,7
Ensinar a pensar	1	1,7
<b>Total</b>	<b>60</b>	<b>100</b>

**Fonte:** Pesquisa direta realizada em um instituto superior de educação, localizado na região de Campo Limpo, São Paulo, em 2007.

**Obs.:** Não responderam 6 sujeitos (9,2%), e 27 não entenderam o que estava sendo solicitado (41,5%).

Os participantes da pesquisa deram sessenta respostas para opinar sobre o que o professor dos primeiros anos do Ensino Fundamental (1° ao 5° ano) deve saber. Num universo de 65 participantes, 27 deles, isto é, 41,0% não entenderam o que estava sendo solicitado; 6,0% não responderam, mas os que responderam imprimiram marcas interessantes, tais como: o respeito ao aluno, o respeito à diversidade e o domínio do conteúdo, marcas tradicionais no desenvolvimento da profissão docente, o que pode ser comprovado pelo trabalho de Facci *et al* (2004, p. 8) que diz “que é pelas atividades cotidianas, demarcadas pela sociedade, que a constituição do indivíduo se realiza, e que este retorna a ela (sociedade) numa relação dinâmica”.

Dentre as respostas dadas, num total de sessenta, a quantidade que indica que o professor de séries iniciais do Ensino Fundamental deve saber “dominar os conteúdos” chega a um percentual de 13,3%. E, embora não tenham ainda uma disciplina que os leve a refletir

sobre o “dominar os conteúdos”, esse dado está condizente com o estudo de Schulman, (apud MIZUKAMI, 2004), ao estudar a base de conhecimento para o ensino quando afirma:

Eles (os professores) devem ter dois tipos de conhecimento da matéria: conhecimento da área tanto em seus aspectos genéricos quanto em suas especificidades e conhecimento de como ajudar seus estudantes a entender a matéria” (apud MIZUKAMI, 2006, p. 6).

Os futuros professores foram solicitados a emitir sua opinião acerca do que o professor dos anos iniciais do ensino fundamental (1º ao 5º ano) **deve saber fazer**, e os dados que revelam as respostas podem ser vistos na tabela a seguir:

**Tabela 27** – Opinião dos futuros professores em relação ao que o professor dos anos iniciais do ensino fundamental (1º ao 5º ano) **deve saber fazer**

<b>Deve saber fazer</b>	<b>Nº</b>	<b>(%)</b>
Propostas de atividades que despertem o interesse dos alunos	11	57,9
Conversar, ouvir, pensar e observar	4	21,1
As crianças aprenderem	1	5,3
O planejamento	1	5,3
Aulas dinâmicas	1	5,3
Alfabetizar	1	5,3
<b>Total</b>	<b>19</b>	<b>100</b>

**Fonte:** Pesquisa direta realizada em um instituto superior de educação, localizado na região de Campo Limpo, São Paulo, em 2007.

**Obs.:** Não responderam 17 sujeitos (26,1%), e 36 (55,3%) não entenderam o que estava sendo solicitado.

Grande número dos participantes deixou de responder a pergunta: “*O que você acha que um(a) professor(a) dos anos iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano) deve saber fazer para ser bom(boa) professor(a)?* Apenas 18,4% responderam a pergunta. Assim, temos 19 respostas. Destas, 57,9% acham que o professor **deve saber fazer** propostas de atividades que despertem o interesse dos alunos e 21,1% resumiram em: conversar, ouvir, pensar e observar. Esses dados refletem a afirmação de Tardif (2002) quando diz que:

[...] tudo leva a crer que os saberes adquiridos durante a trajetória pré-profissional, isto é, quando da socialização primária e sobretudo quando da socialização escolar, têm um peso importante na compreensão da natureza dos saberes, do saber-fazer e do saber-ser que serão mobilizados e utilizados em seguida quando da socialização profissional e no próprio exercício do magistério.” (TARDIF 2002, p. 69).

Observando a tabela a seguir é possível encontrar dados que revelam a expectativa dos futuros professores em fazer ou não a diferença na vida de seus alunos.

**Tabela 28** – Se espera fazer a diferença na vida dos alunos

<b>Se espera fazer a diferença</b>	<b>Nº</b>	<b>(%)</b>
Sim	57	87,7
Não	1	1,5
Não entendeu o que estava sendo solicitado	1	1,5
Não respondeu	6	9,2
<b>Total</b>	<b>65</b>	<b>100</b>

**Fonte:** Pesquisa direta realizada em um instituto superior de educação, localizado na região de Campo Limpo, São Paulo, em 2007.

Hegemonicamente os futuros professores responderam que esperam fazer a diferença na vida de seus alunos, atingindo um percentual de 87,7% em contraposição aos que responderam que não esperam fazer diferença na vida de seus alunos, 1,5%; não deram resposta 9,2%, e 1,5% não entenderam a questão.

A tabela abaixo registra as respostas dos participantes da pesquisa quando inquiridos a expressar como fazer a diferença na vida de seus alunos.

**Tabela 29 – Como fazer a diferença na vida dos alunos**

<b>Como fazer a diferença</b>	<b>Nº</b>	<b>(%)</b>
Utilizar uma Pedagogia baseada no respeito	16	33,3
Sendo amigo, carinhoso e paciente	14	29,2
Utilizando-se de atividades criativas e tendo empenho adequado	10	20,8
Ensinando a ser cidadão	4	8,3
Transcendendo os conteúdos do ensino	2	4,2
Sendo mediador do conhecimento e utilizando metodologias que atendam a todos	2	4,2
<b>Total</b>	<b>48</b>	<b>100</b>

**Fonte:** Pesquisa direta realizada em um instituto superior de educação, localizado na região de Campo Limpo, São Paulo, em 2007.

**Obs.:** Não responderam 23 sujeitos (35,3%), 1 (1,5%) não entendeu o que estava sendo solicitado e 1 (1,5%) não espera fazer a diferença.

Considerável parcela dos participantes que ofereceram resposta na tabela 28 deixou de comentar como fazer a diferença na vida de seus alunos, perfazendo um total de 38,3%. Essa negação de respostas para justificar determinadas afirmações está sempre presente quando a solicitação requer uma base de conhecimento, segundo Schulman (apud MIZUKAMI, 2004) na categoria conhecimento pedagógico geral que

[...] é o conhecimento que transcende uma área específica. Inclui conhecimentos de teorias e princípios relacionados a processos de ensinar e aprender; conhecimentos dos alunos (características dos alunos, processos cognitivos e desenvolvimentais de como os alunos aprendem); conhecimento de contextos educacionais envolvendo tanto contexto micro, tais como grupo de trabalho ou sala de aula e gestão da escola, até o contexto macro como o de comunidades e culturas, de manejo de classe e de interação com os alunos, conhecimento de outras disciplinas que podem colaborar com a compreensão dos conceitos de sua área... (grifo meu) (MIZUKAMI, 2004, s/p.)

Das 49 respostas obtidas, 33,3% pretendem utilizar uma pedagogia baseada no respeito e 29,2% pretendem ser amigos, carinhosos e pacientes.

Pelos dados colhidos observa-se uma ausência de valorização da teoria tão indispensável na formação docente, de acordo com Tardif (2002) que afirma:

Ao longo de sua história de vida pessoal e escolar, supõe-se que o futuro professor interioriza um certo número de conhecimentos, de competências, de crenças, de valores, etc., os quais estruturam a sua personalidade e suas relações com os outros (especialmente com as crianças) e são reutilizados, de maneira não reflexiva, mas com grande convicção, na prática de seu ofício (TARDIF, 2002; p.72).

Os dados da tabela a seguir revelam se os alunos do curso de Pedagogia, participantes da pesquisa fazem projeções para o futuro.

**Tabela 30 – Se faz projeções para o futuro**

<b>Se faz projeções para o futuro</b>	<b>Nº</b>	<b>(%)</b>
Sim	38	58,5
Não	9	13,8
Tem dúvidas	7	10,8
Não entendeu o que foi solicitado	3	4,6
Não respondeu	8	12,3
<b>Total</b>	<b>65</b>	<b>100</b>

**Fonte:** Pesquisa direta realizada em um instituto superior de educação, localizado na região de Campo Limpo, São Paulo, em 2007.

Das 54 respostas oferecidas pelos alunos, 58,5% foram positivas contra 13,8% dos que afirmaram não se verem professores em 2020. Ainda têm dúvidas 10,8% dos participantes, e 4,6% não entenderam.

Solicitados a fazerem algumas projeções profissionais, os futuros professores deram respostas que se encontram na tabela a seguir.

**Tabela 31** – Algumas projeções profissionais para o futuro

<b>Projeções</b>	<b>Nº</b>	<b>(%)</b>
Está se preparando e se dedicando para isso	10	23,8
Tenho como objetivo estabelecido	7	16,7
Fazendo a diferença e colocando em prática tudo o que aprendi	6	14,3
Estarei num outro cargo ou numa outra profissão	6	14,3
Por causa das dificuldades em lidar com as novas gerações	1	14,3
Um ótimo professor, com muito conhecimento	5	11,9
Estarei mais velha e cansada, porém com mais experiência	2	4,8
Não sei como o ensino vai estar, talvez esta profissão nem exista por conta da tecnologia	2	4,8
Lecionando em escola pública onde serei mais útil	1	2,4
Lecionando numa Faculdade	1	2,4
Almejo outros cargos	1	2,4
<b>Total</b>	<b>42</b>	<b>100</b>

**Fonte:** Pesquisa direta realizada em um instituto superior de educação, localizado na região de Campo Limpo, São Paulo, em 2007.

**Obs.:** Não responderam 21 sujeitos (32,3%), e 3 (4,6%) não entenderam o que estava sendo solicitado.

Um número expressivo de participantes deixou de manifestar suas projeções para o futuro. Foram obtidas 42 respostas quanto a ser professor em 2020 das quais 23,8% disseram estar se preparando e se dedicando; 16,7% têm isso como objetivo; 14,3% se propõem a fazer a diferença colocando em prática tudo o que aprendeu e o mesmo índice manifestou que estarão em outro cargo ou outra profissão.

Os alunos manifestaram o magistério como escolha profissional na tabela a seguir, ora afirmando peremptoriamente, ora com incertezas; alguns não entenderam a questão, outros não responderam e outros não vêem o magistério como escolha profissional.

**Tabela 32** – Se o Magistério foi/está sendo uma escolha profissional

<b>Se o magistério foi/está sendo uma escolha profissional</b>	<b>Nº</b>	<b>(%)</b>
Sim	40	61,5
Não	5	7,7
Tem dúvidas	2	3,1
Não entendeu o que estava sendo solicitado	10	15,4
Não respondeu	8	12,3
<b>Total</b>	<b>65</b>	<b>100</b>

**Fonte:** Pesquisa direta realizada em um Instituto Superior de Educação, localizado na região de Campo Limpo, São Paulo, em 2007.

Perguntados se “o Magistério foi/está sendo, de fato uma escolha profissional?”, 61,5% dos participantes responderam que sim, 7,7% responderam que não, 15,4% não entenderam a questão, 12,3% não responderam e apenas 3,1% têm dúvida.

Os dados da tabela a seguir mostram os anseios dos alunos do curso de Pedagogia que não escolheram o Magistério como escolha profissional.

**Tabela 33** – Em caso negativo de escolha profissional, escolheria outra profissão

<b>Outra profissão</b>	<b>Nº</b>	<b>(%)</b>
Serviço Social	1	20,0
Psicologia e Psicopedagogia	1	20,0
Psicologia da Educação	1	20,0
Nutrição	1	20,0
Psicologia ou Enfermagem	1	20,0
<b>Total</b>	<b>5</b>	<b>100</b>

**Fonte:** Pesquisa direta realizada em um instituto superior de educação, localizado na região de Campo Limpo, São Paulo, em 2007.

No que diz respeito à resposta dos participantes que revelaram estar em outro cargo e/ou outra profissão, os índices estão condizentes com os da tabela 32, pois ali 7,7% dos participantes manifestaram que não se imaginam professores em 2020, o que se repete aqui, quando observamos que 5 deles, portanto 7,7% são os que mantêm a postura anterior.

As justificativas e ou comentários sobre a escolha profissional estão registrados na tabela a seguir.

**Tabela 34** – Comentários e/ou justificativas sobre a escolha profissional

<b>Comentários e justificativas</b>	<b>Nº</b>	<b>(%)</b>
Fez a escolha com convicção	6	46,2
É uma realização profissional	2	15,4
Porque gosta da profissão	2	15,4
Porque é a realização de um sonho	2	15,4
Porque é a melhor saída para mudar a realidade	1	7,7
<b>Total</b>	<b>13</b>	<b>100</b>

**Fonte:** Pesquisa direta realizada em um instituto superior de educação, localizado na região de Campo Limpo, São Paulo, em 2007.

**Obs.:** Não comentaram/justificaram 52 sujeitos (80,0%).

Considerável número de participantes não respondeu a questão para justificar e ou comentar sua escolha profissional, resultando num índice de 80% dos participantes.

O que a tabela acima registra é o número de respostas obtidas, 13 apenas e que pode ser mais de uma por participante. Os futuros professores convictos de sua escolha, dentre os que fizeram comentários acerca da escolha profissional, representam 46,2%; índices idênticos representam os que consideram a escolha profissional como uma realização profissional, porque gostam da profissão e os que revelam que é a realização de um sonho – 15,4%. Pelo observado nos dados, é possível que o curso de formação de professores não esteja atendendo o que propõe Zeichner (1993) para os programas de formação inicial, isto é: “ajudar os futuros professores a interiorizarem, durante a formação inicial, a disposição e a capacidade de estudarem a maneira como ensinam e a de melhorar com o tempo, responsabilizando-se pelo seu próprio desenvolvimento profissional”.

**Tabela 35 – Outros Comentários sobre a profissão**

<b>Comentários</b>	<b>Nº</b>	<b>(%)</b>
A escolha profissional é muito importante e deve ser consciente	5	18,5
É importante que o professor esteja sempre aberto a novas aprendizagens e acredite numa avaliação contínua dos alunos	5	18,5
Acredita que a profissão deva basear-se na Pedagogia do amor	4	14,8
A área educacional está ficando saturada e o mercado, competitivo	3	11,1
A profissão está desvalorizada	3	11,1
Para ser professor tem que gostar da profissão	2	7,4
Ensinar exige comprometimento, responsabilidade e conhecimento	2	7,4
A prática do estágio é importante para a profissão	1	3,7
Há uma preocupação relacionada à tomada de decisão, isto se dá no dilema entre crenças pessoais X obrigatoriedade	1	3,7
Preocupação com aqueles profissionais que escolhem a profissão por comodidade	1	3,7
<b>Total</b>	<b>27</b>	<b>100</b>

**Fonte:** Pesquisa direta realizada em um instituto superior de educação, localizado na região de Campo Limpo, São Paulo, em 2007.

**Obs.:** Não responderam 32 sujeitos (49,2%), e 6 (9,2%) não entenderam o que estava sendo solicitado.



Quase metade dos futuros professores, alunos do curso de Pedagogia, potenciais alfabetizadores, não comentaram acerca da profissão docente, atitude esta que vem se repetindo em outros momentos em que foram solicitados a tecerem comentários para justificar suas afirmativas.

Num total de 27 comentários, 25,9% atribuem aspectos do senso comum à profissão docente, a saber: “*A escolha profissional é muito importante e deve ser consciente*”; “*Para ser professor tem que gostar da profissão*”; 22,2% manifestam descrença com os comentários “*A área educacional está ficando saturada e o mercado, competitivo*”, “*A profissão está desvalorizada*”; 33,3% defendem compromissos que deve ter um professor para exercer a profissão docente comentando que “*Ensinar exige comprometimento, responsabilidade e conhecimento*”; “*É importante que o professor esteja sempre aberto a novas aprendizagens e acredite numa avaliação contínua dos alunos*”; “*A prática do estágio é importante para a profissão*”; “*Há uma preocupação relacionada à tomada de decisão, isto se dá no dilema entre crenças pessoais X obrigatoriedade*”; 3,7% criticam os profissionais que escolhem a profissão por comodidade, e 14,8% defendem que “*a profissão deva basear-se na Pedagogia do amor.*”.

Muitas respostas dadas pelos participantes revelam dados que mostram que é corrente a vontade de fazer a diferença, de transmitir o que sabe.

Os eixos temáticos “dados pessoais”, “processo de escolarização” e “escolha profissional” trouxeram dados que foram analisados com a finalidade de responder à pergunta que deu origem a essa pesquisa: “*Como futuros professores (alunos do 1º ano de Pedagogia) dos anos iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano) concebem a profissão docente e quais as suas expectativas em relação ao curso?*”.

Para o eixo temático “dados pessoais” as respostas foram quase satisfatórias, considerando que os participantes responderam aos focos, à exceção do foco “quantidade de filhos”.

No eixo temático “processo de escolarização”, as perguntas fechadas obtiveram um bom nível de respostas, o que não aconteceu com as perguntas abertas.

A “escolha profissional” é o eixo temático composto por focos que visam colher dados indispensáveis para detectar a concepção de saber docente dos futuros professores dos primeiros anos do ensino fundamental. Nesse eixo, o que se percebe é uma pobreza, quando não, ausência total de explicações que fundamentassem a concepção que os alunos do curso de Pedagogia têm dos saberes docentes, assim como sua construção.

## Capítulo 4. Considerações Finais

Neste capítulo, a fim de responder a questão norteadora desta pesquisa: “*Como futuros professores (alunos do 1º ano de Pedagogia) dos anos iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano) concebem a profissão docente e quais as suas expectativas profissionais?*” apresento caminhos percorridos para a realização deste estudo, resgatando aspectos históricos da educação no Brasil e da formação do professor do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano). Em seguida, analiso como e quando a questão da formação do professor e dos saberes docentes passa a ter destaque na literatura educacional brasileira e apresento algumas concepções de autores sobre os saberes da docência.

Além disso, fiz um estudo exploratório com 65 sujeitos dos 1º anos do curso de Pedagogia de um instituto superior de educação, localizado na região de Campo Limpo, São Paulo, para entender como o saber docente deve ser construído e investigar como futuros professores já têm implícitos esses saberes. Os dados coletados nesse estudo puderam ser comparados com a literatura da área de formação docente, oferecendo algumas pistas de que os saberes são permeados pelas experiências da vida cotidiana, extrapolando o universo da academia na formação inicial.

Por serem alunos do primeiro ano do curso de Pedagogia, os participantes são portadores de saberes constituídos pela prática, conforme mostram os dados coletados no eixo temático “processo de escolarização”, em que a trajetória escolar marca as respostas para projeções profissionais futuras. Dessa forma, é de se esperar que por meio das teorias a instituição amplie e reorganize esses saberes sem, contudo, deixar ocultas as crenças, hipóteses e concepções que Tardif (2002) define como saberes experienciais formando

[...] um conjunto de representações a partir das quais os professores interpretam, compreendem e orientam sua profissão e sua prática cotidiana em todas as suas dimensões. Eles constituem, por assim dizer, a cultura docente em ação (TARDIF, 2002, p. 49).

As reminiscências dos participantes são compatíveis a uma nova postura para a formação dos professores que vão atuar nos primeiros anos (1º ao 5º) do Ensino Fundamental. Haja vista que o alunado que eles vão encontrar está inserido em um contexto social muito diverso do que foi o deles, cabendo à instituição formadora desses sujeitos subsidiá-los para agirem nesse novo contexto.

A sociedade e a educação são muito complexas e mudam com uma velocidade extraordinária. As instituições formadoras de professores precisam seguir a esteira dessas mudanças, atualizando seus currículos, investindo na pesquisa educacional, apresentando soluções coletivas e não perder de vista que a atividade do professor é composta de contatos, de afetividade, de conhecimento, ilustrados aqui pelas falas dos participantes, respectivamente:

*“O mundo fora das escolas e dentro dela está caótico. Se eu conseguir amenizar isto, se conseguir dar carinho, se puder ser lembrada como eu me lembro dos meus professores, principalmente dos anos iniciais, já ficarei satisfeita.”* (s. 19)

*“... pretendo conseguir transformar muita coisa na formação dos alunos que infelizmente não têm muitas condições familiares, mas com certeza com uma boa formação, irá contribuir positivamente para um futuro melhor.”* (s. 03)

Os dados revelaram que as soluções coletivas não fazem parte do cotidiano dos futuros professores, mas mostram seus anseios em colocar em prática as teorias aprendidas no curso de Pedagogia, conforme tabela 23.

Entretanto, Tardif (2002) é “contra a idéia tradicional da relação teoria e prática: o saber está somente do lado teoria, ao passo que a prática ou é desprovida de saber ou

portadora de um falso saber baseado, por exemplo, em crenças, ideologias, idéias preconcebidas”.

Para Tardif, Lessard e Lahaye (1991) “o saber docente compõe-se na verdade de vários saberes provenientes de diferentes fontes”. Por isso faz-se necessário considerar que os saberes construídos por esses sujeitos devem ser reconhecidos e valorizados, uma vez que (os saberes) têm peso na forma como pensam e decidem esses futuros professores, haja vista serem eles oriundos de suas vivências pessoais.

Nos dados coletados, os participantes manifestaram por mais de uma vez que sua escolha profissional foi influenciada pela família, professores, religião etc., e justificaram, quando justificaram, que a escolha teve como motivo: um sonho de criança, porque é uma realização profissional, porque estão convictos etc., nunca uma resposta embasada em alguma teoria, o que leva a entender que suas projeções e entendimento do saber docente até aqui perpassaram apenas pelas experiências de caráter pessoal, imprimindo a prática por eles exercida e/ou sofrida. De acordo com os dados, os participantes ofereceram respostas que demonstraram que seu saber docente é um “saber social e temporal pelo fato de grande parte ser proveniente da história de vida, da trajetória escolar”. Este saber, segundo Tardif (2002) se bem aproveitado pelo curso de formação, atenderá o que propõe Zeichner (1993) ao dizer que “o papel do professor é mais ajudar os seus alunos a construir saber [...] do que limitar-se a transmitir-lhes saber”.

A ausência de respostas que justificassem a satisfação com a escolha do curso dá indício para que os cursos de formação inicial invistam urgentemente na base de conhecimentos desses futuros professores.

Pelas respostas impregnadas de senso comum, clichês e messianismo, percebe-se que esses futuros professores ainda não têm os conteúdos da base de conhecimento que lhes darão sustentação teórica, daí a contradição entre uma afirmação e uma justificativa. Os

alunos até afirmam que vão fazer a diferença, mas não sabem explicar como fazê-la, o que pode ser justificado por estarem no primeiro ano do curso de Pedagogia.

Com raras exceções, os alunos repetem o que já leram ou ouviram de acordo com sua crença, vontade, idiossincrasia, aspectos que não refletem o que a instituição propõe no seu currículo, de acordo com suas políticas presentes no documento (vide Apêndice III) por ela fornecido.

A título de encerramento, espero que este trabalho venha a contribuir para a reflexão sobre os saberes da docência, alertando, contudo, que as pesquisas acerca do tema devem prosseguir, pois a formação de professores constitui um *continuum* na vida desses que abraçam a docência como profissão.

## Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Jerusa da Silva Gonçalves ; TEIXEIRA, Gilson Ruy Monteiro. *A educação no período colonial: o sentido da educação na dominação das almas. Trilhas*, Belém, v. 1, n. 2, nov./2000.

ANDRADE, Roberta Rotta Messias de. *Pesquisa sobre formação de professores: uma comparação entre os anos 90 e 2000*. Disponível em <<http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalos/GT08-3165--Res.pdf>> Acesso em: 1 out. 2007.

ANDRÉ, Marli. *Pesquisa em educação: buscando rigor e qualidade*. Cadernos de Pesquisa, n. 113, pp. 51-64, jul./2001.

\_\_\_\_\_. *A formação dos professores no Brasil: do Império à Primeira República*. Cadernos CERU, São Paulo, série 2, (3):89-112, 1991.

AQUINO, Julio Groppa & MUSSI, Mônica Cristina. *As vicissitudes da formação docente em serviço: a proposta reflexiva em debate*. Educação e Pesquisa. São Paulo, v. 27, n. 2, jul-dez/2001.

A REFORMA *estadual do ensino. O Estado de São Paulo*. (VI). São Paulo, 01 jul. 1925, p. 4.

AZEVEDO, Fernando de. *A cultura brasileira*. 4.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

BEISIEGEL, Celso de Rui. *Origens das orientações da pesquisa educacional*. Revista Educação e Pesquisa. São Paulo, v. 29, n. 2, jul. - dez/ 2003.

BITTENCOURT, R. *A educação brasileira no Império e na República*. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Rio de Janeiro, 19(49):41-76, 1953.

BORGES, Cecília. *Saberes docentes: diferentes tipologias e classificações de um campo de pesquisa*. Revista Educação & Sociedade. Campinas, v. 22, n.74, abr. 2001.

BRASIL. Lei nº 5692, de 11 de agosto de 1971. Fixa as diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus. Brasília: Congresso Nacional. Disponível em: [www.rio.rj.gov.br](http://www.rio.rj.gov.br) - Acesso em: 29 out.2007.

\_\_\_\_\_. Constituição Federal de 1988. Brasília: Senado Federal. (idem).

\_\_\_\_\_. Lei nº 7044, de 18 de outubro de 1982. Núcleo comum e parte diversificada. Brasília: Congresso Nacional (ibidem).

\_\_\_\_\_. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Congresso Nacional.

BRZEZINSKI, Iria. *Embate nas políticas de formação de professores para a atuação multidisciplinar nos anos iniciais do Ensino Fundamental: Respeito à cidadania ou disputa pelo poder?* Revista Educação & Sociedade. Campinas, v. 20, n. 68. dez. 1999.

FACCI, Marilda Gonçalves Dias *et al.* *Reflexões sobre os caminhos e descaminhos de “ser professor”*: uma contribuição da psicologia. Disponível em: [www.uff.br/ichf/publicacoes/revista-psi-artigos/2004-2-Cap7](http://www.uff.br/ichf/publicacoes/revista-psi-artigos/2004-2-Cap7)

FIORENTINI, D *et al.* *Saberes docentes: um desafio para acadêmicos e práticos*. In: GERALD, C. G., FIORENTINI, D., PEREIRA, E. M. A (orgs.) *Cartografias do trabalho docente*. Campinas: Mercado de Letras, 1998, p. 307-335.

\_\_\_\_\_. *Formação do magistério em São Paulo: do Império a 1930*. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, (72):3-16, fev. 1990 .

FUSARI, José Cerchi (org.). *O professor de 1º grau – trabalho e formação*. São Paulo: Loyola, 1990.

GARCIA, Carlos Marcelo. *Pesquisa sobre formação de professores: o conhecimento sobre aprender a ensinar*. Revista Brasileira de Educação. São Paulo: ANPED, n. 9, 1998, pp. 51-75.

GATTI, Bernardete A. *Implicações e perspectivas da pesquisa educacional no Brasil contemporâneo*. Cadernos de Pesquisa, n. 113, pp. 65-81, jul/2001.

GÓMEZ, Angel Perez. *O pensamento prático do professor – A formação do professor como prático reflexivo*. In: NÓVOA, A. (Org.). *Os professores e sua formação*. Lisboa: Nova Enciclopédia, 1997, p. 93-114.

GOUVEIA, Aparecida Joly. *Professoras de amanhã – um estudo de escolha ocupacional*. 2 ed. São Paulo: Pioneira, 1970.

GUIRALDELLI JUNIOR, Paulo. *História da Educação*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1994.

GUTIÉRREZ, Francisco. *Educação como práxis política*. São Paulo: Summus, 1988.

HUXLEY, Aldous. *Admirável Mundo Novo*. 18 ed. São Paulo: Globo, 1993.

LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1991.

LAVILLE, Christian & DIONE, Jean. *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

LELIS, Isabel Alice. *A formação da professora primária: da denúncia ao anúncio*. 3 ed. São Paulo: Corte, 1996.

LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira de & TOSCHI, Mirza Seabra. *Educação Escolar: políticas, estrutura e organização*. São Paulo: Cortez, 2003.

LIBÂNEO, José Carlos. *Pedagogia e pedagogos, para quê?* 4 ed. São Paulo: Cortez, 2001.



LIMA, Lauro de Oliveira. *Estórias da Educação no Brasil: de Pombal a Passarinho*. 3 ed. Rio de Janeiro: Brasília, 1969b.

LIMA FILHO, Domingos Leite; BREMER, Maria Aparecida de Souza. *A certificação da aprendizagem do trabalho no Brasil: uma história de poder e de dependência*. Disponível em <<http://www.cibersociedad.net/congres.2004/grups/>> Acesso em: 3 nov. 2007.

LOURENÇO Filho, M. B. *A formação do professorado primário*. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Rio de Janeiro, 23(57):42-51, jan./mar. 1955.

LÜDKE, Menga. (2001). *O professor, seu saber e sua pesquisa*. Revista Educação & Sociedade. Campinas, v. 22, n. 74, abr. 2001.

LÜDKE, Menga & ANDRÉ, Marli E. D. *A Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MACIEL, Lizete Shizue Bomura & SHIGUNOV NETO, Alexandre (orgs.). *Formação de professores: passado, presente e futuro*. São Paulo: Cortez, 2004.

MARCÍLIO, Maria Luíza. *História da Escola em São Paulo e no Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado: Instituto Fernand Braudel, 2005.

MASCARO, Carlos C. *Exames vestibulares nas Escolas Normais*. São Paulo: USP/FFCL, 1955, (Cadernos da Faculdade, n. 8).

MERTON, Robert K. *Sociologia, teoria e estrutura*. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti et. al. *Escola e Aprendizagem da Docência: Processos de Investigação e Formação*. São Carlos: EdUFSCar, 2004.

\_\_\_\_\_. *Aprendizagem da docência: algumas contribuições de L. S. Schulman*. Revista Centro de Educação, v. 29, n. 2, 2004.

\_\_\_\_\_. *Ensino: as abordagens do processo*. São Paulo: EPU, 1986.

MOACYR, Primitivo. *A instrução e o Império*. São Paulo: Nacional, 1936-1938. 4 vol.

\_\_\_\_\_. *A instrução e as Províncias*. São Paulo: Nacional, 1939. 3 vol.

MONTEIRO, Filomena Maria de Arruda. *Desenvolvimento profissional da docência: uma experiência de formação em um curso de Licenciatura em Pedagogia*. 180 p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2003.

NAMO DE MELLO, Guiomar. *Formação inicial de professores para a educação básica: uma (re) visão radical*. La Revista Iberoamericana de Educación, n. 25, jan-abr/2001.

NÓVOA, Antônio (org.). *Vidas de professores*. 2 ed. v. 4. Porto: Porto, 2000.

\_\_\_\_\_. *Profissão Professor*. 2 ed. v. 3. Porto: Porto, 1999.

NUNES, Célia Maria Fernandes. *Saberes docentes e formação de professores: um breve panorama da pesquisa brasileira*. Revista Educação & Sociedade. Campinas, ano XXII, n. 74, abr. 2001.

\_\_\_\_\_. *O Ensino Normal no Estado de São Paulo: 1890-1930*. São Paulo: USP/Faculdade de Educação, 1979. (Estudos e Documentos, v. 16).

OLINDA, Silvia Rita Magalhães de. *A educação no Brasil no período colonial: um olhar sobre as origens para compreender o presente*. *Sitientibus*, Feira de Santana, n. 29, jul-dez/2003.

PEREIRA, Luiz. *O magistério primário na sociedade de classes*. São Paulo: USP/FFCL, 1963. (Boletim n.º 277, Cadeira de Sociologia I, n. 10).

PERRENOUD, Phillippe. *Construir as competências desde a escola*. Porto Alegre, Artmed, 1999.

PIMENTA, Selma Garrido. *O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática?* 5 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. (org). *Didática e formação de professores: percursos e perspectivas no Brasil e em Portugal*. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

RODRIGUES, João L. *Um retrospecto: alguns subsídios para a história pragmática do ensino público em São Paulo*. São Paulo: Instituto D. Ana Rosa, 1930.

ROMANELLI, Otaiza de Oliveira. *História da Educação no Brasil*. 31ª ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

SÃO PAULO, Departamento Estadual de Informações. *Centenário do Ensino Normal em São Paulo: 1846-1946*. São Paulo: Departamento Estadual de Informações, 1946.

SAVIANI, Dermeval. *História da formação docente no Brasil: três momentos decisivos*. Revista do Centro de Educação. Rio Grande do Sul, v. 30, n. 02, 2005.

\_\_\_\_\_. *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. 14 ed. Campinas: Autores Associados, 2002.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. *A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea*. São Paulo: Revista Brasileira de Educação, n. 20 mai/jun/jul/ago 2002.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 22 ed. São Paulo, 2002.

SCHÖN, Donald, A. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, Antônio. (org.). *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

SILVA, Marilda da. *Como se ensina e como se aprende a ser professor*. Bauru: EDUSC, 2003.

SILVA, Geraldo B. *A escola secundária*. São Paulo: Nacional, 1969.

SOARES, Norma Patricya Lopes. *Práticas e representação de uma escola de formação de professores*. Caxambu – MG: Anped. 27ª Reunião Anual, nov/2004.

SODRÉ, Nelson W. *Formação histórica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1973.

SOUSA, Cynthia Pereira (org.). *História da educação: práticas e saberes*. São Paulo: Escrituras, 1988.

SOUZA, Rosa Fátima de; VALDEMARIN, Vera Teresa & ALMEIDA, Jane Soares. *O legado educacional do século XIX*. Araraquara: UNESP, 1998.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

TARDIF, Maurice & ZOURHAL, Ahmed. *Difusão da pesquisa educacional entre profissionais do ensino e círculos acadêmicos*. Cadernos de Pesquisa, v. 35, n.125, p.13-25, mai/ago. 2005.

TANURI, Leonor M. *Contribuição para o estudo da escola normal no Brasil*. Pesquisa e Planejamento, São Paulo, v. 13, dez. 1998, p. 7-98.

\_\_\_\_\_. *História da formação de professores*. Revista Brasileira de Educação, n. 14, pp. 61-88, mai-ago/2000. Disponível em <<http://www.redalyc.uaemex.mx-redaly-pdf-275-27501405>> Acessado em 31 ago.2007.

TEIXEIRA, Anísio. *O problema de formação do magistério*. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Brasília, v. 46, n. 104, out-dez/1996. p. 278-287.

ZEICHNER, Kenneth M.. *A formação reflexiva do professor: Idéias e Práticas*. Trad. Maria Nóvoa. Lisboa: Educa, 1993.

\_\_\_\_\_. *Tendências da pesquisa sobre formação de professores nos Estados Unidos*. Revista Brasileira de Educação, n. 9, set-dez/1998

## APÊNDICES

## **APÊNDICE I – Instrumento de Coleta “Questionário”**

### **Questionário para os iniciantes do curso de Pedagogia do Instituto Superior de Educação**

A docência é uma profissão de extrema importância e tem impacto na formação de todos os cidadãos e no país.

Estamos procurando compreender o processo inicial desse longo caminho que é o **de aprender a ensinar**.

Para isso, precisamos da colaboração de vocês no sentido de responderem esse questionário da forma mais completa e detalhada possível. Vocês estão no início do curso e podem nos oferecer informações muito importantes.

Não é necessário que se identifiquem. Sintam-se livres para colocar tudo o que for necessário. Não se policiem quanto às respostas. Não há resposta certa ou errada. Precisamos conhecer como vocês pensam sobre alguns aspectos educacionais e da formação docente. Escrevam o máximo que puderem, de forma que possamos compreender esse início de processo de aprendizagem da docência sob a ótica de vocês.

Iremos analisar as respostas de vocês e depois discuti-las coletivamente para que vocês possam compreender as diferentes visões de seus/suas colegas de profissão e para que possamos melhor compreender nossa profissão.

#### **Parte 1 – Dados pessoais**

Idade: \_\_\_\_\_ Sexo: \_\_\_\_\_

Estado civil: \_\_\_\_\_ Número de filhos/as: \_\_\_\_\_

Número de pessoas que moram em sua casa: \_\_\_\_\_

Número de pessoas que contribuem para a renda da sua família: \_\_\_\_\_

Você trabalha atualmente? Em que?

Cite outras ocupações que você já teve:

## Parte 2 – Informações sobre seu processo de escolarização

### 1. Tipo de instituição em que cursou:

		Pública	Privada			Pública	Privada
Pré-escola		( )	( )			( )	( )
1ª à 4ª série	Ensino regular	( )	( )	supletivo		( )	( )
5ª à 8ª série	Ensino regular	( )	( )	supletivo		( )	( )
Ensino médio	Ensino regular	( )	( )	supletivo		( )	( )

### 2. Fez algum curso de nível técnico?

Não ( )

Sim ( ) Qual \_\_\_\_\_

3. Comente sobre a educação básica que frequentou (como era a escola, os seus colegas, o que você aprendia, o que você mais gostava, o que você não gostava e outros).

Sinta-se livre para colocar tudo o que quiser e o que vier à memória.

a. Pré-escola:

b. Ensino Fundamental (1º ao 4º ano):

c. Ensino Fundamental (5º ao 8º ano):

d. Ensino Médio:

e. Ensino Técnico (se for o caso):

4. *Quais os professores que lhe marcavam tanto positiva como negativamente em sua trajetória escolar? Fale um pouco sobre eles:*

- Professores que marcavam **positivamente**:
- Professores que marcavam **negativamente**:

5. *Os seus professores fizeram alguma diferença em sua vida? Comente.*

### **Parte 3 – Informações sobre a escolha profissional**

1. *Por que escolheu ser professor (a)?*

2. *Quais as suas expectativas em relação ao curso? Descreva-as o mais detalhadamente possível.*

3. *Você se sente, até o momento, satisfeito (a) com escolha? Comente.*

4. *O que você acha que um(a) professor(a) dos anos iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 4º ano) **deve saber** para ser bom(boa) professor(a)?*

5. *O que você acha que um(a) professor(a) dos anos iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 4º ano) **deve saber fazer** para ser bom(boa) professor(a)?*

6. *Você espera fazer a diferença na vida de seus(suas) futuros(as) alunos(as)? Como?*

7. *Você se imagina como professor(a) em 2020? Justifique sua resposta.*

8. *O Magistério foi/está sendo, de fato, uma escolha profissional? Em caso negativo, qual profissão você gostaria de ter? Justifique.*

9. *Coloque no espaço abaixo outros comentários que você considera importantes sobre magistério, profissão, escolha profissional, mercado de trabalho, escola etc.*

Obrigada pela colaboração!

## APÊNDICE II – Questionário Aplicado

### Questionário para os iniciantes do curso de Pedagogia do Instituto Superior de Educação

#### Observação:

A digitação das respostas nos questionários manteve-se fiel à fala dos sujeitos.

#### Parte 2 – Informações sobre seu processo de escolarização

1. Tipo de instituição que cursou:

Sujeitos	Respostas					
		Pública		Privada	Pública	Privada
1	Pré-escola		(X)	( )		
	1ª à 4ª série	Ensino regular	(X)	( )	Supletivo ( )	( )
	5ª à 8ª série	Ensino regular	(X)	( )	Supletivo ( )	( )
	Ensino médio	Ensino regular	(X)	( )	Supletivo ( )	( )
2	Pré-escola		( )	( )		
	1ª à 4ª série	Ensino regular	(X)	( )	Supletivo ( )	( )
	5ª à 8ª série	Ensino regular	(X)	( )	Supletivo ( )	( )
	Ensino médio	Ensino regular	(X)	( )	Supletivo ( )	( )
3	Pré-escola		( )	( )		
	1ª à 4ª série	Ensino regular	(X)	( )	Supletivo ( )	( )
	5ª à 8ª série	Ensino regular	(X)	( )	Supletivo ( )	( )
	Ensino médio	Ensino regular	( )	(X)	Supletivo ( )	( )
4	Pré-escola		(X)	( )		
	1ª à 4ª série	Ensino regular	(X)	( )	Supletivo ( )	( )
	5ª à 8ª série	Ensino regular	(X)	( )	Supletivo ( )	( )
	Ensino médio	Ensino regular	( )	( )	Supletivo (X)	( )
5	Pré-escola		(X)	( )		
	1ª à 4ª série	Ensino regular	(X)	( )	Supletivo ( )	( )
	5ª à 8ª série	Ensino regular	(X)	( )	Supletivo ( )	( )
	Ensino médio	Ensino regular	(X)	( )	Supletivo ( )	( )
6	Pré-escola		(X)	( )		
	1ª à 4ª série	Ensino regular	(X)	( )	Supletivo ( )	( )
	5ª à 8ª série	Ensino regular	(X)	( )	Supletivo ( )	( )
	Ensino médio	Ensino regular	(X)	( )	Supletivo ( )	( )
7	Pré-escola		( )	( )		( )
	1ª à 4ª série	Ensino regular	(X)	( )	Supletivo ( )	( )
	5ª à 8ª série	Ensino regular	(X)	( )	Supletivo ( )	( )
	Ensino médio	Ensino regular	(X)	( )	Supletivo ( )	( )
8	Pré-escola		(X)	( )		( )
	1ª à 4ª série	Ensino regular	(X)	( )	Supletivo ( )	( )
	5ª à 8ª série	Ensino regular	(X)	( )	Supletivo ( )	( )
	Ensino médio	Ensino regular	(X)	( )	Supletivo ( )	( )











<b>61</b>	Pré-escola		( )	(X)		
	1ª à 4ª série	Ensino regular	( )	(X)	Supletivo ( )	( )
	5ª à 8ª série	Ensino regular	( )	(X)	Supletivo ( )	( )
	Ensino médio	Ensino regular	( )	( )	Supletivo (X)	( )
<b>62</b>	Pré-escola		(X)	( )		
	1ª à 4ª série	Ensino regular	(X)	( )	Supletivo ( )	( )
	5ª à 8ª série	Ensino regular	(X)	( )	Supletivo ( )	( )
	Ensino médio	Ensino regular	(X)	( )	Supletivo ( )	( )
<b>63</b>	Pré-escola		( )	( )		( )
	1ª à 4ª série	Ensino regular	(X)	( )	Supletivo ( )	( )
	5ª à 8ª série	Ensino regular	(X)	( )	Supletivo ( )	( )
	Ensino médio	Ensino regular	(X)	( )	Supletivo ( )	( )
<b>64</b>	Pré-escola		(X)	( )		
	1ª à 4ª série	Ensino regular	(X)	( )	Supletivo ( )	( )
	5ª à 8ª série	Ensino regular	( )	(X)	Supletivo ( )	( )
	Ensino médio	Ensino regular	(X)	( )	Supletivo ( )	( )
<b>65</b>	Pré-escola		( )	( )		
	1ª à 4ª série	Ensino regular	(X)	( )	Supletivo ( )	( )
	5ª à 8ª série	Ensino regular	(X)	( )	Supletivo ( )	( )
	Ensino médio	Ensino regular	( )	( )	Supletivo (X)	( )

## 2. Fez algum curso de nível técnico?

Sujeitos	Não	Sim	Qual?
<b>1</b>		X	Técnico de Contabilidade
<b>2</b>		X	Auxiliar de Enfermagem
<b>3</b>		X	Contabilidade
<b>4</b>		X	Auxiliar de Enfermagem
<b>5</b>		X	Magistério
<b>6</b>	X		
<b>7</b>		X	Magistério; Corte e Costura e Modelagem Industrial
<b>8</b>		X	Informática
<b>9</b>		X	Informática
<b>10</b>	X		
<b>11</b>		X	Administração
<b>12</b>		X	Técnico Administrativo
<b>13</b>		X	Técnico de Enfermagem
<b>14</b>		X	Auxiliar de Secretariado; Adm; Contabilidade; Departamento Pessoal
<b>15</b>		X	Técnico de Secretariado
<b>16</b>		X	Contabilidade (3 anos)
<b>17</b>	X		
<b>18</b>		X	Auxiliar de Enfermagem
<b>19</b>	X		
<b>20</b>		X	Secretariado; RH e Auxiliar Fiscal
<b>21</b>	X		
<b>22</b>	X		

23		X	Magistério
24	X		
25	X		
26	X		
27	X		
28		X	Técnico em informática
29	X		
30		X	
31	X		
32	X		
33	X		
34		X	Magistério
35	X		
36	X		
37	X		
38		X	Cabeleireira; Corte e Costura
39	X		
40	X		
41	X		
42	X		
43	X		
44	X		
45		X	Enfermagem
46		X	Informática
47		X	Técnico em Informática/Técnico em Contabilidade
48	X		
49	X		
50	X		
51		X	Informática e Inglês incompleto
52	X		
53	X		
54			
55		X	Técnico em Contabilidade
56		X	Hemoterapia
57		X	Informática; Espanhol e Telemarketing
58	X		
59		X	Computação
60	X		
61	X		
62	X		
63	X		
64		X	Auxiliar administrativo
65		X	RH

3. Comente sobre a educação básica que frequentou (como era a escola, os seus colegas, o que você aprendia, o que você mais gostava, o que você não gostava e outros).

Sinta-se livre para colocar tudo o que quiser e o que vier à memória.

a. Pré-escola:

Sujeitos	Respostas
1	Eu cursei a pré-escola em uma cidadezinha do interior da Bahia, o ensino foi baseado no tradicionalista mesmo assim eu fui imediatamente para a 1ª série não terminando o pré. O pouco tempo que estive nessa fase também brinquei muito, é o que consigo recordar, a minha professora era bastante dinâmica.
2	Não Fiz Pré.
3	-
4	Não lembro muito, só algumas coisas. Era em uma fazenda (sítio) a Profª bem jovem ensinava o que sabia muito pouco.
5	Minha escola era muito pobre e não tinha brinquedos e nem jogos, eu fui alfabetizada logo. Já no primeiro ano aprendi a ler, escrever com letra cursiva e só copiava as atividades a professora era boa chamava Isabel brincava de pega, pega pular corda roda e dança etc.
6	Na pré-escola cursei só um ano que foi o pré e tinha vários amiguinhos que ficavam na escola meio período fazíamos atividades e tínhamos lanchinho da tarde.
7	Não Fiz.
8	Nenhum
9	O pouco que recordo é que era um lugar divertido, onde gostava de ir para brincar.
10	Não cursei a pré-escola.
11	-
12	Freqüentei pouco tempo devido a problemas de saúde.
13	Brinquei muito, lembro pouco dos meus colegas.
14	Fase de conhecer novas pessoas, lidar com limites, aprender a escrever o nome, conhecer os números, cantar muitas músicas e assistir filmes.
15	-
16	A escola era pequena, chamava-se Pe. Ibiapina, as professoras eram muito legais, mas eu dava um pouco de trabalho para elas porque chorava muito.
17	Não tive oportunidade na área financeira para fazer pré-escola.
18	Não Fiz
19	Eu fiz a Pré-escola em uma escola adventista. A professora era uma mulher muito rígida. Éramos tratados como filhos. Alguns até apanhavam. Eu gostava muito. Lá eu não aprendi apenas a ler. Aprendi coisas que carrego comigo até hoje. Serve para me ajudar na educação das minhas filhas.
20	Gostava das brincadeiras e músicas, tive uma amiga que mantenho contato até hoje, e aprendíamos com brincadeiras não me lembro do que não gostava.
21	A educação no meu colégio era ótimo pois o nível da classe social era classe média alta então o ensino era melhor e o desempenho dos alunos também era maior.

<b>22</b>	Não cursei.
<b>23</b>	Carteiras em duplas e tradicionais (igreja) Poucas brincadeiras Máximo de silêncio possível.
<b>24</b>	Nessa época tive várias oportunidades de conhecer varias pessoas e saber sobre o mundo dos estudos.
<b>25</b>	Não me lembro.
<b>26</b>	Eu gostava muito de freqüentar, ficava em uma sala com mais 8 crianças, os meus coleginhas eram muito legais, lembro-me até de alguns nomes, pois reencontrei alguns depois. A professora Marlene nos ensinava de um jeito muito divertido e todos nós aprendemos a ler e a escrever sem nenhum problema. Lembro-me que uma vez a professora nos deu carimbos do Snoopy com as letras do alfabeto que eu gostei muito. Essas e várias outras coisas me incentivaram a aprender +
<b>27</b>	Aprendi o que são vogais e consoantes, formar sílabas e palavras. Identificar diferentes tipos de cores e figuras. Eu gostava mais de desenhar e pintar. A escola era pequena p/ a quantidade de alunos que estavam matriculados. Eu tinha uma deficiência física e sofria preconceito por parte de alguns amiguinhos. Por mais que as professoras fizessem correção, eu voltava pra casa muitas vezes triste. Na escola havia uma professora e uma ajudante. Eu gostava mais da ajudante. Eu tinha “amigos” que zombavam mas outros que foram tão bons que até hoje lembro deles.
<b>28</b>	Uma escola bastante estimuladora, onde sempre havia brincadeiras, atividade em sala, trabalhavam o vivenciamento da criança na fantasia (faz-de-conta), onde utilizávamos nossa criatividade para criar e exercitar nosso raciocínio e trabalhar os movimentos do corpo para o auto-conhecimento.
<b>29</b>	Era um ambiente bem produtivo e satisfatório, não me recorde de algo que eu não gostasse.
<b>30</b>	A escola não era uma escola boa e bem estruturada, mas era a melhor na época. Os colegas eram bons amigos.
<b>31</b>	Gostei muito. Foi importante o primeiro contato com a escola, pude me integrar com os colegas e aprendi muito com a professora. Me lembro que nós (alunos) tínhamos um varal na sala de aula com um saquinho onde cada um organizava os seus trabalhos e ficávamos orgulhosos pois eles eram novidades por ser algo que não fazíamos em casa.
<b>32</b>	Não lembro de ter freqüentado pré-escola quando era criança, aliás, acho que nem tinha. Lembro que meu pai me pôs num reforço com uma senhora que se chamava D. Helena e eu tinha um medo enorme dela, pois se eu não respondesse a tabuada ou cartilha do alfabeto ela usava a palmatória. Com medo de apanhar eu decorava toda a tabuada e o abc. Ela também colocava de joelhos nos caroços de milho. Era um tempo horrível. Acho que por isso aprendi a ler e a “fazer contas” antes dos 7 anos.
<b>33</b>	Era uma escola grande eu tinha poucos amigos e gostava muito da minha professora eu aprendi a escrever o meu nome e tinha preguiça de escreve-lo porque meu nome é composto.
<b>34</b>	Não freqüentei.
<b>35</b>	A educação básica foi bem diferente do que é hoje. Os professores eram ótimos, mas a Escola era desprovida de materiais.
<b>36</b>	A pré-escola, as lembranças que tenho são boas, porém em um ambiente bem simples gostava muito da professora que lembro até hoje o seu nome e sua



	maneira de trabalhar.
<b>37</b>	É muito bom, sempre fui a excursão na escola e também é tão legal brincar, divertir e ir ao parque.
<b>38</b>	Não fiz a pré-escola.
<b>39</b>	Não me lembro se fiz a pré-escola.
<b>40</b>	Não me lembro se cheguei a fazer o pré.
<b>41</b>	Não me lembro mais.
<b>42</b>	Não tenho muitas lembranças.
<b>43</b>	Lembro mais das brincadeiras, “musiquinhas” de alguns colegas, mas não me lembro das professoras.
<b>44</b>	Eu gostava de ir a escola de uniforme mas eu era muito pobre e não tinha, então eu fiquei muito feliz quando um ano eu ganhei um uniforme da amiga da minha mãe. Quando eu tinha três anos a professora me trançou na sala e eu fiquei com muito medo.
<b>45</b>	Não gostava do primeiro ano da pré-escola, não me adaptei com a professora e os colegas. Mas no segundo ano me adaptei porém gostava da professora.
<b>46</b>	
<b>47</b>	Não tenho muitas lembranças dessa época, acredito que eu gostava de brincar bastante.
<b>48</b>	Não cursei.
<b>49</b>	
<b>50</b>	Os meus colegas era crianças legais e juntos estudávamos em uma escola muito bem organizada. Aprendia o alfabeto, as vogais, as consoantes, os números de um a dez e tudo que era ensinado ali eu gostava.
<b>51</b>	Não me recordo muito bem, brincava bastante, sem muitas atividades educativas.
<b>52</b>	Fui muito bom, tinha uma professora muito boa. Só me lembro que tinha colegas que choravam muito.
<b>53</b>	Não cursei a pré-escola.
<b>54</b>	Lembro-me que na pré-escola o relacionamento da professora com os alunos era muito bom; aprendi a trabalhar a coordenação e ela trabalhava muito com jogos. Nada de alfabetização.
<b>55</b>	Eu estudei até a 4ª série num convento, não consigo esquecer o quanto foi maravilhosa, a minha escola. Acredito que tanto eu quanto os meus colegas dita esta escola como escola modelo. Ainda tenho contato com alguns deles.
<b>56</b>	Eu brincava
<b>57</b>	Bom, foi uma época muito boa o ensino da escola era muito bom, professores maravilhosos. Aprendi muito eu gostava das festas comemorativas pois havia muitas apresentações, participação dos alunos e nessa época não tenho más recordações.
<b>58</b>	
<b>59</b>	Foi boa a melhor fase da minha infância onde conheci verdadeiros amigos.
<b>60</b>	O que me lembro é que gostava das aulas, e aprendi a ler e escrever no pré.
<b>61</b>	Física, Português, Ciências. Não gostava de matemática.
<b>62</b>	Muito bacana, eu ficava na escola da 7:00 às 19:00 h, mas era de qualidade.

63	Gosto muito de ir a escola pois lá era um lugar onde conhecia coisas novas “amigos”.
64	Ótima professora, carinhosa e dedicada, a sala não tinha muitos alunos e me desenvolvi bem.
65	

b. Ensino Fundamental (1º ao 4º ano):

Sujeitos	Respostas
1	O ensino Fundamental foi a maior empolgação lembro que fui muito dedicada; fazia lições e estudava em casa. Um fato que me marcou negativamente foi na 3ª série tive um professor que bateu com a régua na minha cabeça e na dos meus colegas, talvez sua atitude seja resultado de uma metodologia tradicionalista. Lá na Bahia as estagiarias (os) assumiam a sala, por isso tenho ótimas recordações dos mesmos esse período (estágio) era muito dinâmico e prazeroso, tinha festinhas, jogos, etc. Na 4ª série a minha professora foi uma que tinha sido profª. estagiária na 2ª Série ela me marcou muito.
2	Para mim era horrível a forma que ensinava matemática tenho trauma até hoje. Tive uma professora que batia com um cascudo quando acertava e dois quando errava. Na verdade o que eu mais gostava era da merenda.
3	Era muito bom na época, os professores tinham mais liberdade de fazer certas correções. Ruim: as instalações, a precariedade da maioria dos alunos, sem condições familiar adequada para participarem de educação da criança, por falta de instrução, que era comum para a época.
4	Já estava morando na cidadezinha a profª. não se enterresavam em da aula principalmente português os alunos <u>memorizava</u> a matéria o texto não era muito.
5	Continuei repetindo as atividades e cópias da professora era uma ótima aluna como minha família era pobre recebia material doado da escola para poder estudar. Apesar de tudo eu era muito feliz gostava dos colegas e da professora eu era muito tímida, mas a professora era ótima.
6	-
7	No Paraná Sitio, eu morava na roça, tive uma infância feliz, apesar de ter muito trabalho e a minha hora de laser era quando estava na escola. Gostava do Português da Dona Elenice. Que escrevia variações de Português. Ex.: A Galinha Ruiva foi trabalhar na roça, enquanto as amigas ficaram fofocando. A Galinha Ruiva plantava trigo, enquanto as outras ficavam mendigando um pedacinho de pão. A Galinha dizia vai ter c/ as formigas... Foi uma época marcante, nos éramos muito unidos, no intervalo subíamos nas arvores frutíferas para lanchar.[pessegueiro, ameixeira, mexeriqueira etc.]
8	Só o que mi marcou foi o de matemática: por que o modo de ensinar era tradicional: A gente tinha que decorar em vez de aprender: o professor colocava

	numa roda e perguntava determinando número e se você não acerta-se tomava bolo com uma palmatória e isto marcou para sempre.
<b>9</b>	Eu sempre gostei da escola e esse gosto se iniciou no ensino fundamental, na antiga 1ª série tive uma professora muito boa, que era calma e amável. Não gostei da minha professora do ano seguinte, pois ela era muito brava.
<b>10</b>	Os primeiros anos foram muito difíceis, pois repeti a 1ª série 2 vezes por alguns problemas. Quando passei para a 2ª série foi muito bom, comecei aprender e ajudar os outros colegas. Desce momento em diante nunca mais tive repetência. Na época as escolas públicas eram ótimas ensinavam muito bem, ao contrario de hoje em dia. O único ponto negativo era as aulas de português. A professora faltava mais do que vinha. Não tinha uma seqüência, não ensinava bem.
<b>11</b>	-
<b>12</b>	Escola considerada de bom nível educacional, com colegas relativamente educados; gostava da estrutura e matérias que aprendia, gostava da estrutura que a escola proporcionava, incentivando atividades dentro e fora da sala de aula.
<b>13</b>	A minha 4ª série lembro com muita saudade, a minha professora maravilhosa, lembro como hoje quando foi para conhecer o aparelho reprodutor, ela pediu para que cada aluno touxe-se suas perguntas. Foi uma aula maravilhosa, me recordo com muita saudade. Aprendi muito com minha pergunta, respostas maravilhosas.
<b>14</b>	Fase que me passou medo, onde alguns professores de início passaram uma imagem de “bicho papão”, mas com o tempo em relacionamento consegui ver outra imagens destes. Nessa época aprendi a interpretar textos, a geometria, a falar números e cores em inglês, cantar o hino nacional, da bandeira. A educação física já estava mais limitada e com objetivos.
<b>15</b>	A escola que estudava era muito boa, na época eu morava numa cidade do interior do Paraná. Lá nós aprendemos todas as matérias matemática, português, ciências, etc. Também nos tivemos duas feiras de ciências, onde nos aprendemos muitas coisas e vimos a criatividade das pessoas. Todo mundo se conhecia e se ajudava isso era muito bom, mas também tinha um pouco de preconceito com as pessoas menos privilegiadas socialmente. Um fato que me marcou na 4ª série foi quando nos brincávamos de amigo secreto, eu que não tinha muitos recursos me esforcei e comprei um perfume caro para minha amiga secreta e ganhei do namorado dela que tinha me tirado e era bem de vida um Rexona.
<b>16</b>	Foi uma época muito boa, eu tinha uma professora maravilhosa que se chamava Penha com ela aprendi muitas coisas que guardo até hoje.
<b>17</b>	Onde morava em Pernambuco a escola ficava na cidade, minha primeira professora chamava-se Janete, eu gostava muito dela. Nunca foi fã de matemática tive muita dificuldade, hoje divido há muito estudo estou um pouco melhor.
<b>18</b>	Como era uma escola pública, algumas atividades não eram passadas pra nós, pois a situação da escola não era agradável. Tínhamos que escolher a dedo os colegas que queríamos, pois entravam pessoas de todo o tipo na escola.
<b>19</b>	Em uma escola estadual em Itapecerica da Serra. No bairro onde eu moro não tinha escolas. Na 4ª série eu tive um professor muito bacana ainda me lembro dele.

20	Na minha 1ª série não gostei muito porque a professora era um pouco brava, perdi um pouco o interesse. Mas logo após, já na 2ª série foi tranqüilo e sempre tive bom desempenho gostava de ir a escola.
21	Já neste período o nível desceu pois o ensino da escola era pior devido ao local que fui estudar.
22	Gostava da escola publica por causa do lanche. E na privada por causa dos professores que eram dedicados a nós.
23	Carteiras individuais; Ensino tradicional; Cantar o hino nacional, não me recordo se era uma vez por semana ou todos os dias. Dobrava a bandeira da maneira correta (somente eu conseguia)
24	Foi bom, mas tive bastante dificuldade nas matérias de português e matemática e os professores não tinha muita paciência de explicar a matéria para mim.
25	Não me lembro.
26	Eu gostava muito dos meus professores e colegas. Aprendi muitas coisas novas. Na primeira série a professora trabalhou com um livro chamado “A girafa e o mede-palmo” e no final nos fizemos um mede-palmo de pano (que tenho até hoje). Uma das melhores também, era a professora Gislene da 2ª série, que nos incentivava a sermos os melhores, pois todos a 6ª feira dava um drops para os alunos + comportados. Eu me comportava muito bem e sempre ganhava! Lembro-me que na 3ª e 4ª série, as professoras trabalhavam muito com a leitura. Toda semana nos escolhíamos livros para ler e fazer o resumo do capítulo que escolhíamos. Era muito legal!! Dou graças a Deus por ter dado condição aos meus pais para pagarem essa escola para mim.
27	Na 1ª série estudei em uma escola longe de casa por não ter vaga mais perto. Essa escola era grande, mas a estrutura estava em condições precárias. Levei uma picada de um marimbondo que morava na escola e fiquei muito assustada. Tenho uma marca até hoje. Eu só tirava A (melhor nota) porque tudo o que foi ensinado na 1ª série, eu já havia aprendido no pré. Da 2ª a 4ª estudei em uma escola mais perto, bem organizada. Aprendi tudo o que precisava e mais um pouco, acredito.
28	Na 1ª série até a 4ª foi um ensino que de alguma forma me senti prejudicada com greves nas escolas, onde o recurso foi ter o apoio de familiares para realizar as lições; nos momentos de aulas na escola em poucas vezes tínhamos atividades diversificadas relacionadas à matéria como forma de fixação, somente sala e lição no quadro.
29	Já no ensino fundamental, aprendi a tabuada, o alfabeto de maneira cansativa, mas obtive ( <i>i.l</i> ) bons resultados, eu sempre fui muito comunicativa e tive muitas amigas, me recordo que nesta idade era ( <i>i.l</i> ) os apelidos e histórias de fantasia que me assombrava. ( <i>i.l</i> )
30	Fiz em outra cidade, e era uma turma muito legal, na época eram os melhores professores a melhor escola.
31	Também adorei, tive professores ótimos e o conteúdo da matéria era muito bom.
32	Foi muito bom, lembro com carinho daquela época, apesar de tudo. Quando entrei na 1ª série já sabia ler e escrever.
33	A escola é grande e tinha muitos alunos. Não gostava das minhas professoras aprendi a ler e escrever e não gostava da minha caligrafia que era muito feia.
34	Foi tranqüila tinha muita vontade de estudar, por isso me esforçava ao máximo, o método era a cartilha “Caminho Suave”, eu gostava e não sentia dificuldade.

	Eu tive professoras que eu tinha medo, como também outras que eu senti falta, depois no “ginásio”.
<b>35</b>	Os alunos tinham mais envolvimento nas aulas e mantinham mais respeito com a comunidade escolar.
<b>36</b>	Da 1ª à 4ª série eu estudei em escola estadual próximo de minha casa e não tenho boas lembranças pois eu sempre reprovava por motivos psicológicos e tinha um professor que usava muito o ensino convencional sendo que por várias vezes ele me batia com uma régua de madeira e aí, então eu não conseguia ter um bom desenvolvimento me levando a desistir dos estudos.
<b>37</b>	Na 4ª série fiquei triste porque fui reprovada pois a escola particular era muito puxada do que normal.
<b>38</b>	Entre na escola com 6 anos ½ na 1ª série porém um dia minha mãe me bateu porque voltei da escola, porque o portão estava fechado. Eu havia voltado para pegar meu lápis que ficou em casa por isso me atrasei, minha mãe então me bateu no meio da rua sem procurar saber porque eu havia voltado. Fiquei com muita vergonha dos meus amiguinhos e jurei que ela iria gastar muito comigo na escola no entanto eu não estudaria fiz a 1ª série por 3 anos aí decidi passar para a 2ª série e para a 3ª série no ano seguinte e não mais saí da 3ª série, e assim aconteceu. Voltei a estudar em 2000 fazendo a 3ª e a 4ª série parei. Retornei em 2003 e não parei mais. Hoje me arrependo de querer vingar de minha perdi muito com isso.
<b>39</b>	Bom a 1ª série eu fiz numa escola no Taboão, eu não gostava muito pois eu ficava em colégio de Freira eu chorava o tempo todo com saudades da minha mãe por isso não me lembro muito dessa escola, e acabei repetindo a 1ª série. Quando passei para a 2ª série eu estudei no colégio Kennedy com uma professora que se chamava Terezinha ela dava muito medo era muito rígida batia nas mãos dos alunos com régua de pau, ela sempre reclamava da minha letra que era muito pequena e mandava eu fazer letra grande.
<b>40</b>	Quando estava na 1ª série, lembro-me que na escola havia dentista e que sempre íamos ao destita p/ que ele observa-se nossos dentes. Lembro também que na hora do intervalo, os professores preparavam um teatro onde eu ficava surpresa como eles faziam os bonecos falar. Pensava que os próprios professores viravam bonecos. Minha 2ª série, lembro que para entrar na escola, tínhamos que está uniformizada, e antes de entrar na sala de aula tínhamos que cantar o hino nacional, em fila e com a mão no peito eu gostava muito, pois me sentia bastante patriota, na 3ª e 4ª série tinha uma professora excelente que nunca me esqueci dela.
<b>41</b>	A professora da primeira série era bem tradicional, fora que ela gritava muito, e batia em seus alunos. Lembro que um dia ela veio e me bateu, e joguei a cadeira nela, e falei: _ você não é minha mãe. Na segunda série, meu ensino acho que foi bom, não lembro mais, o que mais marcou foi a primeira série que a professora era muito mal amada. E tem mais repeti 4 vezes a 1ª série.
<b>42</b>	Aprendizagem com texto, músicas. Uma coisa importante que eu me lembro é que, toda sexta-feira cantávamos o hino nacional e o professor escolhia três alunos para subir a bandeira (eram três bandeiras) uma do país, outra da cidade e outra do estado.

	O que eu nunca gostei foram os seminários, pois tenho uma certa dificuldade para falar em público.
<b>43</b>	Mudei de escola e fui estudar numa escola “grande” o que me assustou um pouco no começo, mas que logo me acostumei. Lembro-me praticamente de todos os professores e acho que não tive nenhum que foi de todo ruim. Nos primeiros anos lembro que tinha provas e me assustavam um pouco mas depois foram abolidas. Quanto aos colegas alguns tenho contato até hoje, e o que também mais lembro são das músicas.
<b>44</b>	Gostava muito dos professores, e foi nesse período que despertou em mim a vontade de um dia ser professora, mas como a situação era muito difícil eu desisti do meu sonho por muitos anos, e só agora por outros motivos ele veio a renascer em mim.
<b>45</b>	O ensino fundamental eu já gostei mais eram todos conhecidos do bairro e me adaptei melhor com os colegas e com os professores, e com a escola.
<b>46</b>	A escola era ótima, aprender bastante coisa em favor ao meu conhecimento. Obtinendo boas informações, dando na aprendizagem como na sociedade.
<b>47</b>	Fiz do 1º ao 4º ano numa escola que era muito legal, tinha uma professora que era muito chata, exigente e brava. Mas gostava muito de ir para a escola e adorava os colegas.
<b>48</b>	Não foi tão bom quanto deveria, era uma escola no meio da roça, que não possuía nenhuma estrutura. A professora não possuía nenhuma formação, ela estava cursando a 5ª série do ensino fundamental. Os colegas alguns eram legais, outros muito mau criados.
<b>49</b>	Entrei na escola aos 9 anos e desde de a1ª série até a 4ª série estudei na mesma sala a escola era muito pobre feita de madeira, mas para meu aprendizado creio ter sido boa, gostava muito dos meus amigos e também de alguns professores. Tínhamos uma professora que eu não me dava muito bem com ela.
<b>50</b>	Esse foi o momento em que eu comecei a ser alfabetizada. Aprendi ler, escrever, contar e diferenciar os numerais.
<b>51</b>	Fui alfabetizada através de cartilha, e muita atividade de cópia, decorar tabuada.
<b>52</b>	Minha, professora da 1ª série era muito ruim e puxava minha orelha, mas acho que foi neste período que aprendi mais..
<b>53</b>	Foi ótimo, a escola era limpa, agradável, meus colegas me ajudavam, como já entrei sabendo ler e escrever foi fácil e acabei até ajudando também os meus colegas, gostava muito dos passeios, quando os professores brincavam com a gente é claro que tinha também professores que não gostavam de brincadeira eram sérios demais, na verdade o que eu mais gostei foi de fazer amigos que carregou até hoje.
<b>54</b>	Já no ensino fundamental, em especial na 2ª série, a professora além de muito tradicional ela gritava muito, uma vez fiz um enorme risco no caderno do susto que levei com ela gritando com outro aluno. Tive que refazer a 2ª porque ela alegou que eu era imatura para a 3ª série e minha mãe aceitou. Nem me lembro de nenhuma matéria que ela deu, mas dos outros anos me lembro praticamente de cada detalhe.
<b>55</b>	Idem a letra (a)
<b>56</b>	A origem de quem sou e do que sei.
	Essa época também foi boa mas teve muitas coisas que não me agradou Na primeira série a professora era muito atenciosa, uma professora centrada nos alunos aprendi muito com ela.

<b>57</b>	A segunda série também, já na 3ª série a professora era muito nervosa, não dava a devida atenção aos alunos. Na 4ª série também foi muito bom tive uma ótima professora.
<b>58</b>	Estudei em uma escola que era financiada pelo colégio Pio XII que existe até hoje. Ela era na minha época administrada por Freiras muito rígidas, os professores eram ótimos, lembro-me de todos com carinho. O ensino era bom.
<b>59</b>	Foi um pouco conturbada pois a mudança de conhecimento para eu foi um pouco estressante.
<b>60</b>	No fundamental eu ainda estava indo muito bem, tinha o apoio dos professores. Meus colegas eram muito simples e a escola também.
<b>61</b>	
<b>62</b>	Também fui encaminhada para uma escola muito boa não o que colocar de negativo.
<b>63</b>	Eu gostava muito, dos professores a forma como eles nostratava.
<b>64</b>	Não foram muito bons, tive que aprender a ler com minha mãe em casa, que graças a Deus me ajudou muito, a formar o que sou hoje. A minha professora da 2ª série era totalmente estressada, gritava demais com os alunos, várias cenas ficaram guardadas na minha memória.
<b>65</b>	A escola era organizada, lembro-me que todos os dias nós formávamos fila para cantar o hino nacional. A professora era muito gentil (isso na 1ª série) e o lanche também era muito bom. Na 2ª série sofri muito, pois minha professora era um verdadeiro general e eu ficava na escola de 12:30 h até às 18:00 sentia dores no corpo por ficar sentada por tanto tempo e fome também.

c. Ensino fundamental (5º ao 8º ano):

<b>Sujeitos</b>	<b>Respostas</b>
<b>1</b>	O E.F. 2 foi bastante diversificado tinha mais professores e mais disciplinas, continuei estudando bastante, sempre com algumas mudanças “normal”.
<b>2</b>	Foi o ano que eu reprovei na (6ª) por bagunçar na classe, são varias matérias, vários professores com varias técnicas além da matemática detestava o inglês por não entender nada. Os professores por se acharem superior não valorizavam os esforços dos alunos.
<b>3</b>	Continuei na escola e as coisas eram praticamente iguais.
<b>4</b>	Conclui no estado do Pará aprendi algumas coisas na época ela melhor o ensino lá principalmente português. Mas como eu sempre decorei não quase nada.
<b>5</b>	Com 12 anos eu estava cursando a 5ª série foi muito triste meus pais não tinha dinheiro para comprar o uniforme e o material escolar eu e meus 4 irmãos desistimos da escola só retornei quando tinha 16 anos que trabalhei e comprei meu material.
<b>6</b>	-
<b>7</b>	Fiz parte no colégio de Sta. Inês onde morava no internato. O resto escola publica.
<b>8</b>	Só o trauma de matemática.
<b>9</b>	Nessa fase tinha um professor para cada matéria, que a maioria eram bons.

<b>10</b>	Foi ótimo como eu já citei as aulas de português que foram mais prejudicadas.
<b>11</b>	-
<b>12</b>	Mudei de casa e conseqüentemente de escola a escola em que concluí o ensino fundamental, era considerada pela maioria dos moradores do bairro ruim. Tive que permanecer nessa escola, pelo fato de não conseguir vaga em outro lugar. A escola não oferecia uma estrutura boa, e a maioria dos professores não apresentava uma qualificação necessária para o ensino. Uma professora se negou a ensinar devido ao comportamento péssimo que a sala apresentava.
<b>13</b>	Me lembro pouco, comecei a trabalhar cedo, foi muito corrido.
<b>14</b>	Fase maravilhosa com professores mais “abertos”, soltos em conversar com os alunos, aprendi o inglês, a equação de 2º grau que nunca mais esqueci a fórmula, informações diante da matéria história foram mais abrangentes.
<b>15</b>	A escola era boa conhecia todo mundo e os colegas de sala eram basicamente os mesmos da 4ª série. Os professores eram muito legais e bons, mas a professora de ciências era a melhor D. Verônica ela era rígida, mas ela conversava com a gente, contava da sua vida e isso fazia com que nós sentíssemos bem em sua aula. O lanche, a comida que serviam também era ótima.
<b>16</b>	Nessa época tive que mudar de Escola, passei a estudar no colégio Pe. Antonio Barbosa Junior, tudo era novo para mim, mas a partir desses anos comecei a perceber que estudo era coisa seria e que lá era onde eu iria aprender coisas que guardaria pra vida toda.
<b>17</b>	Fez em Pernambuco, a 5ª série fiz 2 vezes depois passei direto 6ª, 7ª e 8ª, Meu colégio chama-se Pedro de Albuquerque.
<b>18</b>	Idem, (fiz tudo no mesma escola).
<b>19</b>	Escola pública, já perto da minha casa. O ensino era fraco, as condições precárias e eu não me interessava. Eu parei de estudar na 8ª série por falta de incentivo. Minha avó não achava necessário ter mais do que eu tinha. Fiz datilografia e corte costura. Já estava pronta p/ casar.
<b>20</b>	Gostava de ir a escola de modo geral porque já parecia ser mais independente das outras crianças.
<b>21</b>	O ensino fundamental já foi melhor pois consegui uma escola de boa qualidade.
<b>22</b>	Mudei de escola durante este período de 5ª a 7ª fiz em pública e 8ª em privada gostava das duas.
<b>23</b>	Idem, porém já podíamos fazer teatro, apresentação de dança e expressar nossas idéias.
<b>24</b>	Aprendi bastante, tive um belo desenvolvimento, mas trouxe comigo as dificuldades das 2 matérias, que hoje não consigo entender com clareza.
<b>25</b>	O que eu mais gostava era da convivência, com os alunos, o que eu menos gostava era de uma professora de português.
<b>26</b>	Na verdade, fiquei sem estudar em 1998, que era o ano em que eu iria para a 5ª série devido ao problema do desemprego de meu pai. Parei de estudar no IAE e em 1999 entrei em uma escola pública até a 8ª série. Posso dizer que valeu a pena eu ter estudado no IAE, foi a base para o meu aprendizado. Pude ser uma boa aluna, aprender melhor e me dar bem nas aulas. Foi difícil me adaptar no começo, mas.
<b>27</b>	Estudei em uma escola mais perto de casa ainda. As 5ª e 6ª séries foram



	ótimas porque tive professores que me marcaram muito pelo carisma e atenção. Da 7ª a 8ª série foi regular porque alguns professores não foram muito bons, como uma de matemática que parecia estar sempre de mal humor, uma de biologia que parecia falar outra língua e outros que agora não me lembro.
28	Tive bons momentos e colegas nessa época, um grupo de trabalho bastante envolvido, matérias interessantes e professores aptos a diversificar as aulas para motivar os alunos. - Feira de Ciências; apresentações musicais e teatrais; Dinâmicas; Palestras; Aulas em laboratório...
29	Nesta idade, ou melhor neste ciclo me recordo das equações de 1º e 2º grau da vida, como era complicado, quanto aos amigos, formávamos rodas e se fechávamos ali, sem dizer que neste tempo as pessoas começam a namorar e foi muito bom.
30	Foi muito difícil concluir conseguir com muita dificuldade.
31	Adorei essa fase. A sexta série foi marcante, pois foi quando eu li meu primeiro livro sozinha “Romeu e Julieta” e depois apresentei na sala, e adorei essa experiência.  Adorava as aulas de História, principalmente na 7ª e 8ª série, porque a professora explicava de um jeito que despertava a atenção da maioria dos alunos e nós viajávamos no passado como também refletíamos para o futuro.
32	Lembro constantemente de um professor de Geografia e que eu ficava ansiosa pelo dia da sua aula. Aproveitei bem essa época, estudava bastante e tirava boas notas.
33	Aprendi regra de três, equações do 1º e 2º grau fórmula de Báskara. Não gostava da maioria dos professores só de duas professoras a de história e de Matemática. As aulas de história eram bem dinâmicas e descontraídas aprendi muito a história do Brasil sobre o creacionismo e o evolucionismo.
34	Acredito hoje que foi muita leitura e cópia, pois sinto dificuldade, principalmente na ortografia e na matemática, hoje eu creio que foi devido ao não aprendizado e sim a decorar situações para executar a prova, pois acredito que neste período é a base para deslanchar, hoje tento correr atrás do prejuízo, com muita dificuldade.
35	Faltava alguns professores habilitados para lecionar algumas matérias, principalmente a língua estrangeira, que fazia parte da grade da escola.
36	Estudei em uma escola no Campo Limpo fiz supletivo onde fui muito bem tratada, tive um bom aprendizado professores que valorizavam o sacrifício dos alunos de forma estimulante, tanto que decidi que iria cursar Pedagogia por saber que eu posso fazer uma diferença na vida dos meus alunos assim como os meus professores fizeram na minha.
37	Na 7ª série não gostava muito porque a classe era muito bagunceira.
38	Iniciei em 2003 a 2005 sempre gostei de matemática os professores foram ótimos.
39	Bom eu acho que naquela época os alunos tinha muito mais interesse de buscar uma nota melhor se esforçava melhor respeitava os professores, hoje em escolas públicas basta a criança frequentar as aulas e passa de ano respeito ao professor não existe mas e por causa do ECA as escolas fica de mãos amarradas sem poder tomar alguma atitude.

<b>40</b>	Na 5ª série, lembro de uma professora que infelizmente reprovou-me, por causa de ½ ponto. Isso trouxe para mim muita dificuldade e minha alto-estima foi pra baixo. Por isso todo o ano eu reprovava um e passava no outro até eu desistir de estudar na 8ª série.
<b>41</b>	Foi bom, amei a escola que estudava, as pessoas, os professores, a direção, até hoje sinto falta daquela escola. Os professores era humanos, coisa que é difícil de se encontrar. Até hoje quando encontro alguns professores na rua, converso pergunta como estamos, é bom ver alguém assim.
<b>42</b>	Foi um período bom, até chegarmos ao final da 8ª série e a diretora começou a excluir os alunos maiores de dezoito anos, dizendo que era ordem da delegacia de ensino, tivemos que ir para outra escola.
<b>43</b>	A partir do 5º as coisas já ficaram “mais sérias”, e alguns professores já eram mais rígidos. Não lembro de todos, mas alguns marcaram bastante. Acho que é nesse período que aprendemos e desenvolvemos mais. E ainda hoje lembro de algum conteúdo, de uma maneira do professor ensinar/falar. Também conservo amizades desse período.
<b>44</b>	Época muito boa, fui ótima aluna fiz grandes amizades, tive ótimos professores e concluí com sucesso. Terminei com 15 anos.
<b>45</b>	Foi uma época de novas amizades e novos professores porém gostei mais ainda acho foi a melhor parte da vida escolar. Muitas aventuras, amizades, passeios, brigas e professores diferentes.
<b>46</b>	Lembro que foi ótimo até a sétima série, pois os professores explicavam super bem. No decorrer da 8ª série. O aprendizado foi mais ou menos, pois a partir de algumas matérias o valor foi se desvalorizando e o ensino ficou fraco.
<b>47</b>	Do 5º ao 7º ano eu fiz em uma escola e o 8º ano fiz em outra. A primeira tinha bons professores, fiz muitas amizades, a escola era muito boa. A segunda foi muito difícil a adaptação, terminei o ano sem conseguir me enturmar com ninguém, os professores eram péssimos.
<b>48</b>	Já estava morando aqui em São Paulo a escola era boa os professores bons Fiz muitos amigos que ainda-os conservo.
<b>49</b>	No final da 4ª série mudamos da escola de madeira para o prédio novo. Quando começou as aulas era tudo diferente tínhamos muitos professores e muitas matérias, estudei até a sétima série e saí da escola, voltei no próximo ano, mas não consegui, nessa época tinha 16 anos e não retornei mais à escola fiquei 18 anos sem estudar.
<b>50</b>	-
<b>51</b>	Matérias convencionais, bastante bagunça em sala de aula e desinteresse dos colegas.
<b>52</b>	Tive professoras até que boas, mais claro sempre faltavam muito então a aprendizagem ficava muito difícil.
<b>53</b>	Quando comecei o ensino da 5ª à 8ª série, não entendia muito bem, muitas matérias, trocas de professores, porque até então eram no máximo dois professores, minha cabeça ficou bagunçada, mas aos poucos colegas, foi dando força ai brilho tudo, trabalhos em grupo e isso me ajudou a trabalhar melhor, unidos.
<b>54</b>	A minha aprendizagem foi muito tranquila, sempre fui chamada de “CDF”, porém nunca me importei o que sempre gostei foi de estudar e me relacionar muito bem com as outras pessoas.

55	Uma escola também muito boa porém, onde a comunidade estava muito perto. Mais com muitos professores capazes e outros que não deveriam exercer a tal profissão.
56	Fase do prazer da diversão.
57	Na 5ª série tive professores bons eceto uns que não ensinaram nada que deveriam (professores ausentes. Na 6ª série foi bom, na 7ª série e na 8ª série foi muito bom. Aprendi muito.
58	Fiz em colégio público e tenho péssimas lembranças.
59	Foi ótima fase da juventude de coisas novas de crescer não só fisicamente mais mentalmente também
60	Daí que eu desandei, fui pra outra escola e não me acostumei com o novo andamento depois de alguns meses parei de estudar.
61	-
62	Estudei na mesma escola que o 4º e 5º ano,
63	Os meus professores sempre foram muito dedicados e aprendi muito.
64	Foram bons, durante dois anos estudei no colégio particular e os outros em escolas públicas, mas fora do bairro, onde os professores eram mais dedicados e gostavam do que fazia.
65	Nesse período mudei de escola e detestei pois era uma escola rural no meio da cidade. O bairro era novo então não tinha asfalto na rua e os alunos chegavam na escola com os pés sujos de barro e mal vestidos (assim como eu). Os professores eram desinteressados pois a escola era longe para eles.

## d. Ensino médio:

Sujeitos	Respostas
1	Fiz o magistério de três anos, foi muito bom comecei a ver a prática as situações vividas pelos professores, fiz estágio assumir uma sala multisseriada a qual tinha alunos da minha idade com muitas dificuldades no aprendizado foi uma grande experiência e assim concluir uma grande fase da minha vida 7 anos na mesma escola com os mesmos amigos e professores deixou muitas saudades.
2	Já estava casada e com isso com + responsabilidade me apliquei mais, mas era cansativo o pior era física, química e matemática, tudo que tinha números. Os professores porem não destratava talvez por eu ter a necessidade ou ser até + velha.
3	-
4	Foi supletivo, tive muitas dificuldades por que o fundamental foi ruim.
5	Foi ótimo, pois os professores eram pessoas que dedicavam muito para o desempenho dos alunos. A escola não tinha recursos o suficiente.
6	-
7	Escola Estadual Publica.
8	Nenhum
9	Minha sala nos três anos do ensino médio era um pouco bagunçada, mas tive ótimos professores.
10	Foi um pouco mais difícil conciliar serviço com a escola, mas foi ótimo

	aprendi muito.
<b>11</b>	-
<b>12</b>	Consegui uma vaga para cursar a partir da 1º ano em uma escola considerada padrão para o estudo. Com a mudança tive certa dificuldade em matérias exatas, porque não tinha base para aprender, devido a falhas no ensino fundamental. Obtive sucesso com o passar dos anos, e alcancei com êxito a formação tão esperada.
<b>13</b>	Foi bom mas muito corrido.
<b>14</b>	Melhor fase, em relacionamento com professores, em questão de conhecimento, a literatura foi apresentada com bom entendimento, a biologia não foi de muita importância, mas uma sementinha ficou plantada nessa matéria em minha vida.
<b>15</b>	Também estudei na mesma cidade e a turma continuava a mesma. O que marcou foi o professor de química e biologia que nos fez estudar biologia de maneira diferente. A gente pesquisava as plantas as estudávamos e tudo que a gente aprendia era exposto em formas de seminários. Nós alunos é que dávamos as aulas era muito legal. Aprendemos demais com esse professor. As aulas mais detestáveis eram de matemática e física.
<b>16</b>	Tive muitos amigos, professores excelentes, foi um período muito legal para mim.
<b>17</b>	Estudei na escola Silvia Aparecida aqui em São Paulo no Jardim São Judas, gostei muito de lá, aprendi muito com cada professor.
<b>18</b>	Idem
<b>19</b>	Fiz suplência já depois de quase 25 anos fora da escola. Foi muito bom. Obtive notas ótimas. Já não era mais criança e tinha muito incentivo, principalmente em casa.
<b>20</b>	Foi tranquilo porque sempre estudei na mesma escola e gostava de tudo no modo geral, não me lembro o que não gostava, mas acredito que os trabalhos me deixaram um pouco desmotivada.
<b>21</b>	O mesmo da anterior.
<b>22</b>	Também fiz nas duas 1ª e 2ª na privada e 3ª na publica gostei da privada pois aprendi mais no 3º ano da publica aprendi tudo de novo o que já tinha aprendido no 2º ano da privada.
<b>23</b>	Idem.
<b>24</b>	Foi especial e um grande passo na minha vida, pois eram os 3 últimos anos que iria ficar ali, e sabia que quando me formasse teria que correr atrás dos meus objetivos.
<b>25</b>	+ gostava: era dos professores, - gostava era que muitos alunos gostavam de colocar apelidos em mim.
<b>26</b>	No ensino médio eu estudei em um Colégio muito bom, onde aprendi muito. No 1º ano, tive um professor inesquecível, pois ele ficava conversando conosco na hora do intervalo. O nome dele era Paulo Neto e dava aula de história. Foi naquele ano que ele pediu um trabalho, que continuo fazendo até hoje: pediu para fazermos uma pasta catálogo com os acontecimentos da nossa história e da historia do mundo. Desde o dia de nosso nascimento. A frente era os acontecimentos da nossa vida, e o verso o que aconteceu na historia do mundo, no mesmo ano: Isso me fez lembrar bastante de minha vida, e ainda pesquisar o que aconteceu na historia!!! No mais (são muitas coisas) gostei bastante de tudo o que aprendi no Ensino Médio.

27	O 1º ano foi regular porque deixei de aprender muitas coisas. Estudei a noite e sempre saía mais cedo porque a escola dispensava. Do 2º ao 3º ano foi melhor. No 3º ano fui bem preparada para o ENEM. Mas achei difícil a prova da USP
28	Tive que transferir minha matrícula, pois comecei a trabalhar para ajudar em casa, e apesar de ter que conquistar os amigos novamente e chegar cansada do serviço, conseguia assistir as aulas normalmente, as aulas eram sempre em sala e poucas vezes assistíamos uma palestra, os alunos muitas vezes não mostravam interesse de aprender e a sala se prejudicava.
29	No Ensino Médio, foi mais difícil, acrescentaram as matérias o grau de dificuldade era maior, e junta com o “pico mais alto da adolescência” onde entramos em conflito com o mundo. Os professores pouco compreendiam a fase e pouco se esforçavam para entender.
30	Devido ser uma escola desprepara, por parte da escola professores.
31	Nesse período eu mudei de escola, e infelizmente não gostei muito. A maioria dos professores não incentivava os alunos e as regras eram muito bagunçadas Algumas vezes chegávamos a ir à escola e ter duas aulas no máximo e não tinha sequer um substituto para dar aula, então o tempo ficava perdido. Precisamos fazer um grupo de estudo na época para tentar aprender o que não era ensinado na escola.
32	Também foi bastante proveitoso. Fiz o Magistério e aprendi bastante porque já trabalhava. Foi bom essa época e até tenho saudade.
33	Todos os alunos participamos de palestras sobre Drogas aprendemos a identifica-las e o que elas causam no nosso organismo. A professora de Biologia passou vários documentários sobre sexualidade. No terceiro ano eu tive uma excelente professora de Português que trabalhou conosco sobre as diversas redações e sobre literatura. Durante todo o meu ensino médio tive uma professora de Geografia a maioria dos alunos não gostava dela eu era uma delas o método de ensino que ela usava era diferente das outras professoras nós tínhamos apostila e lia os textos e que texto que continha na apostila tínhamos que fazer o nosso entendimento e depois desenhávamos charges com o título de cada texto. Aprendi muito e ela sem saber sempre estava me incentivando pois eu odeio desenhar então eu era obrigada a fazer as charges para ter nota. Foi a matéria em que me dediquei muito e vivo argumentando com a Professora Cacilda.
34	Após terminar o supletivo do Ensino Médio fiz o técnico magistério (2 anos), posso dizer que consegui ampliar meus conhecimentos, sanei algumas dificuldades, porém tenho consciência que ainda preciso me empenhar mais.
35	Iniciava-se um novo milênio e os professores preocupavam-se em informar os alunos sobre as várias injustiças ocorridas na questão social da minha cidade (Piripá-Bahia) e do mundo.
36	Estudei próximo de minha casa e lá os professores também foram professores que muito me ajudaram o único ponto negativo é que havia muita falta de professores.
37	No 3º colegial foi a primeira vez quando estudei à noite e depois terminei e senti muita falta dos colegas e também vontade de voltar para ir à escola.

<b>38</b>	Uma escola muito especial, ela se preocupa com o futuro dos alunos principalmente os que desejam ingressar na Faculdade eles incentivam bastante.
<b>39</b>	Após 9 anos voltando à escola com os professores que tive me senti uma cidadã com sonhos que hoje está se tornando realidade forão professores que realmente trabalharam com amor no que faz.
<b>40</b>	O ensino médio terminei no tele curso (eliminação de matéria) onde para mim fiquei surpresa e feliz por ter esta oportunidade.
<b>41</b>	Bom! Sempre incentivando, para fazer faculdade, pois a vida cobra muito, do ser humano.
<b>42</b>	Estudei muito longe de casa, ia a pé pra escola chegava sempre cansada. Estudava e trabalhava. Alguns alunos fumavam e até usavam drogas no pátio da escola.
<b>43</b>	Estudei no mesmo colégio desde a 1ª série e quando terminei o 1º grau mudei de escola e fui para uma pública, estudei só 2 meses e voltei pra antiga escola. Serviu de experiência, pude ver a diferença de ensino, e até mesmo de pessoas, no colégio público são mais “humildes e humanas”, na rede privada um quer ser mais que o outro. Tive bons professores, mas não aproveitei muito porque tive de trabalhar e estudar e pra mim era tudo novo. Hoje ainda tenho amigos dessa época e outros que nunca mais vi. Alguns professores hoje são meus colegas de trabalho.
<b>44</b>	Foi muito difícil, tive que mudar de cidade para trabalhar e estudar com 15 anos, sofri muito e fui reprovado no 2º ano, fiz novamente, mas não concluí logo o 3º só vim estudar 18 anos depois, fazem 4 anos que terminei e voltei agora p/ a faculdade.
<b>45</b>	Detestei, pois já estava cansado de estudar e precisava de umas férias longas, as férias chegaram e continuei sem gostar.
<b>46</b>	Foi bom, pois a cada dia eu buscava correr atrás de novas informações, na qual até mesmo os professores nos ajudavam, quando cada aluno achava interessante. Não tenho o que reclamar.
<b>47</b>	No ensino médio tive bons professores, fiz amizades que conservo até hoje, a escola era muito boa, dava atenção ao aluno, os professores nos valorizava.
<b>48</b>	Esse foi o melhor, fiz muitos amigos inclusive com os professores éramos como uma família.
<b>49</b>	O ensino médio completei no ano de 2005. Numa escola super legal, com amigos que me ajudaram e me encativaram, para que eu estudasse.
<b>50</b>	Momento que aprender ver e conhecer novos horizontes. Ampliar mais os meus conhecimentos.
<b>51</b>	Idem
<b>52</b>	No ensino médio digo que foi a pior, pois alguns professores creio eu que não gostavam de dar aula uns eram bons demais ao ponto de deixar todos com nota boa. E alguns “jogavam” a matéria de qualquer maneira e não se preocupavam se os alunos aprendiam.
<b>53</b>	Cheguei com pensamento de adulto, o que queria daí para frente, a união e o conhecimento de novos amigos me ajudou a superar momentos difíceis e os professores tiravam dúvidas, esclareciam, tinha aproximação, suas aulas eram de acordo com o nosso cotidiano.
	No ensino médio me tornei um pouco crítica, não aceitava as coisas sem

54	saber o porquê daquilo, mas sempre tive uma boa aprendizagem e um bom relacionamento com todos.
55	Muito, muito satisfeita. Principalmente com a minha nova experiência. Estar numa sala de aula.
56	Comecei a enxergar a vida de um outro ângulo.
57	No 1º não foi muito bom tive muitos professores ausentes trocavam muito de professores com isso nós não aprendemos muito. O 2º e o 3º foram ótimos.
58	O ensino médio também fiz em colégio público no centro de São Paulo, ã bem no centro e sim próximo. Me lembro de alguns professores que chegavam na sala, mal dava boa noite, passava algumas lições no quadro e sentava. Aprendi muito pouco e na raça.
59	Foi regular pois a preparação para o mundo afora me deixou preocupada e a mudança de escola ajudou.
60	Terminei de estuda fazendo o telecurso, com ótimos professores.
61	-
62	Novamente fui para uma escola “TOP” ficava em um bairro nobre e portanto o ensino era muito bom. Foi “puxado” mas aprendi muito.
63	Eu adorava as aulas que tinha de história.
64	Comecei a trabalhar, e não aprendi quase nada. Não tinha o hábito de ler, comecei a ler mais agora na faculdade.
65	Essa foi a melhor fase, o colégio era bacana, as pessoas eram legais e os professores nos incentivavam para o vestibular.

e. Ensino técnico (se for o caso):

Sujeitos	Respostas
1	Fiz o Ensino Técnico em Taboão da Serra cursei Técnico em Contabilidade optei por esse curso por gostar de matemática, mesmo não sendo o que esperava concluir o técnico e adquirir muita experiência. Adorei os professores e amigos
2	Eu assinei que fiz na realidade e fui auxiliar de enfermagem que não é considerado técnico, mas o curso foi ótimo “eu adorei ter feito”.
3	Estudei na Escola Radial e as condições da escola já era melhor em relação a anterior, porém, todos sabiam que se quisesse melhorar tinha que se dedicar ao máximo, mas não era ainda uma ótima escola.
4	Aprendi, muito principalmente formula (Matemática), pois tenho bons professores que se enterresavam e sabia da aulas .
5	O ensino técnico foi ótimo tive um ótimo aperfeiçoamento, o estágio foi maravilhoso adorei os professores todos qualificados e a formatura então foi muito gratificante.
6	-
7	Particular
8	Nenhum
9	Gostei muito de fazer um curso diferente, meus colegas de curso também eram bem legais.
10	-
11	-

<b>12</b>	Para não ficar sem estudar, e por não conseguir passar em nenhuma faculdade publica, optei pelo curso técnico, que ampliou minha visão em relação ao aprendizado, pelo fato de aprender matérias antes desconhecidas.
<b>13</b>	Aproveitei, foi uma fase muito importante aprendi, aperfeiçoei meu curso de auxiliar.
<b>14</b>	Fase de obter conhecimento diferente, outras informações, outra localidade, os professores sempre “abertos” a falar sobre o assunto com exemplos externos e variados. Aprendi a mobilizar arquivos, computadores, folhas de pagamento, caixa entre outros da função.
<b>15</b>	-
<b>16</b>	Essa fase foi ótima, gostava muito da turma e vivíamos como irmãos foi a época que começamos a ter certeza qual seria o caminho que iríamos traçar.
<b>17</b>	-
<b>18</b>	O Auxiliar de Enfermagem fiz aqui no Alvorada Plus. Não precisa falar nada, a escola é muito boa por isso estou aqui de novo.
<b>19</b>	-
<b>20</b>	Fiz técnico do Sebrae e Senai, gostava muito porque os professores eram muito dinâmicos.
<b>21</b>	-
<b>22</b>	-
<b>23</b>	No magistério era um pouco mais descontraído e as discussões (debates) de alguns temas, fazia-nos pensar e expressar nossas idéias.
<b>24</b>	-
<b>25</b>	-
<b>26</b>	-
<b>27</b>	-
<b>28</b>	Voltado a área de informática, aprendi muitas coisas que hoje me auxiliam na minha vida profissional, os colegas mais preocupados com a formação do que no ensino médio.
<b>29</b>	-
<b>30</b>	A escola era fantasma. E não tínhamos outra escola. Só se fosse p/ estudar fora, em outra cidade mais longe.
<b>31</b>	-
<b>32</b>	-
<b>33</b>	-
<b>34</b>	Após terminar o supletivo do Ensino Médio, fiz o técnico magistério (2 anos), posso dizer que comecei ampliar meus conhecimentos, sanei algumas dificuldades, porém tenho consciência que ainda preciso me empenhar mais.
<b>35</b>	-
<b>36</b>	-
<b>37</b>	Espero se eu conseguir até formar do Curso de Pedagogia mas estou gostando desse curso.
<b>38</b>	-
<b>39</b>	-
<b>40</b>	-
<b>41</b>	-
<b>42</b>	-
<b>43</b>	-
<b>44</b>	-



45	Sabia que precisava, mas não gostei da área que escolhi então parti para outra.
46	Lembro-me que foi de um grande conhecimento, apesar de faltar certos computadores (não ser disponível para todos) Mas tive certos conhecimentos, acrescentando meu currículo.
47	O Ensino técnico foi tranquilo, primeiro fiz Contabilidade e foi um aprendizado e tanto, em seguida fiz Informática nos dois cursos tive bons professores.
48	Não fiz.
49	-
50	-
51	Muito diferente, atenção individualizada do professor, interesse tanto do aluno, tanto do professor.
52	-
53	-
54	-
55	Não gostei.
56	A escolha direcionada de uma profissional.
57	-
58	-
59	-
60	-
61	-
62	-
63	-
64	-
65	Fiz um curso de 4 meses, foi interessante mas não me identifiquei.

4. Quais os professores que lhe marcaram tanto positiva como negativamente em sua trajetória escolar? Fale um pouco sobre eles:

- Professores que marcaram **positivamente**:

Sujeitos	Respostas
1	Tive muitos. Eles eram dinâmicos.
2	-
3	Dona Maria Gema – 1º Ano – Ela me alfabetizou Dona Nancy – 2º Ano Primário – Sempre deu a muita força para ter conhecimento e tudo e ajudou até minha família. Prof. Norberto – Ginásio (Matemática) Despertou o meu interesse por Números e me deu força para trabalhar.
4	Uma Profª de anatomia e de matemática elas dava aula com amor e sabedoria.
	Tive vários professores sim que tinha amor a profissão e passava segurança

<b>5</b>	e conhecimento de forma clara e objetiva e os melhores foi no curso do magistério.
<b>6</b>	-
<b>7</b>	1ª a 4ª profª Elenice Ensino médio a Cida professora de Historia muito amigável.
<b>8</b>	Só o de matemática.
<b>9</b>	Professora de 1ª série: calma e amável Professora da 8ª série: dava aula de geografia e me ensinou muito sobre cidadania, algo que hoje prezo muito.
<b>10</b>	Professora 2ª Serie que me ensinou e incentivou muito a aprender e a me desenvolver. Professor de matemática 5ª a 7ª série, que foi fundamental em meu aprendizado.
<b>11</b>	Profª. Rosangela 2ª e 3ª série ensino regular, precisou deixar os alunos para gerenciar outra escola, foi triste, porem a nova Profª. Sueli nos acompanhou muito bem e soube cobrir de certa forma a ausência da outra. Foram as melhores professoras que tive.
<b>12</b>	Me lembro em especial de uma professora da 7ª série que lecionava português. Inicialmente pensei que ela era muito exigente, mas tudo o que ela me ensinou, levo comigo até hoje, para não esquecer de certos valores.
<b>13</b>	4ª série amorosa, companheira. Técnico, todos muitos companheiros com uma boa didática.
<b>14</b>	Professores do ensino fundamental (1 a 4 série) que exporam de forma clara a matéria, mostrando outros assuntos que de certo não será papel da escola. Professores do ensino Fundamental e médio, que também exporam de forma clara o objetivo os assuntos previstos e fora do currículo escolar.
<b>15</b>	Profª. Verônica ela era legal falava com a gente de igual para igual e era muito rígida. Profº. Roberto ele marcou com a forma de ensinar biologia como relatei acima.
<b>16</b>	Profª. Penha, ela era compreensiva, carinhosa, estava sempre disposta a ajudar seus alunos em qualquer situação, mais que professora, era companheira.
<b>17</b>	Marcos – Inglês 5ª a 8ª eu tive muita dificuldade e ele sempre estava pronto a mim ajudar nas lições. Elza – 1ª a 2ª – Quem mim ensinou as primeiras palavras meu ponta-pé inicial.
<b>18</b>	Biologia – Luiz Fernando – Sempre se preocupando em ensinar aquilo que nos fariam crescermos como ser humano. Na minha opinião somente ele foi bom.
<b>19</b>	O professor Dimas Cavalheiro Diniz. Era rígido, porém muito carinhoso. Ele fazia-nos sentir os alunos mais importantes e inteligentes da escola.
<b>20</b>	Acredito que todos de um modo geral mas no momento não me recorde de algum em específico.
<b>21</b>	No ensino médio a professora Paula pois até hoje ela me apóia em tudo o que vou fazer e temos esse contato até hoje.
<b>22</b>	Matemática – pegava muito no meu pé então aprendi bastante com ela (Elizabeth).
	Pré-escola, 1ª serie e 2ª serie não me lembro de nada. 4ª serie: amiga e amável.

23	5ª a 8ª: companheirismo de alguns, na verdade a maioria. 1ª ao 4ª magistério: todos eram especiais (marcantes).
24	Os que me marcaram foi alguns professores do ensino fundamental com direção ao ensino médio, que nessa época tinha um bom relacionamento com eles e aprendia muito bem.
25	As professoras do pré-escolar até a 4ª série, me fizeram tomar gosto em ser uma educadora.
26	Praticamente todos os do ensino infantil (1ª a 4ª) me maçaram positivamente. Tenho ótimas lembranças daquele período.
27	Profora Virgínia: muito engraçada e companheira. Profor Ribamar: desenhava muito bem, era super animado. Profor Claudimar: centrado no aluno
28	Profª Bernadete; Profº Davi
29	Professora Cláudia/ciência – Ela era rígida dentro da sala professora da porta para fora amiga e conselheira, ela estabelecia uma relação de confiança e sua aula era a mais gostosa pois ela atraía a atenção de todos. Vera Lucia
30	Prof. Conceição.
31	Tive uma professora de ciências que se preocupava com o ensino dos alunos e era muito paciente.
32	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O professor de Geografia que me acompanhou da 5ª à 8ª série</li> <li>• A professora D. Balbina que tive na 2ª série, que era brava, mas contava umas histórias bem legais.</li> <li>• No Magistério, lembro de uma professora que lecionava jogos e brincadeiras.</li> </ul>
33	Professora Janeide de história aulas dinâmicas ela sempre nos estimulava, Professora Edna de Matemática era a profissional centrada, e a Professora Zuleica de Português sempre estimulando os alunos falando que nós éramos capazes.
34	Uma professora da 4ª série que encentivava e levantava minha auto-Estima, pois vim de uma família pobre e pais analfabetos, esta profª ficou como exemplo.
35	Ana Maria (4ª série) – Dinâmica, responsável e preocupava-se com a aprendizagem do aluno.
36	A Professora de matemática e também a de História que me deram aula durante todo o curso de 5ª à 8ª série foram pessoas que muito me estimularam.
37	Ser professora da Educação Infantil e Matemática.
38	Prof. Cidinha em 2000 me deu o maior apoio e até hoje ela acompanha a minha caminhada acadêmica tanto que estava presente em minha formatura em 2005 da 8ª série ela foi a 1ª pessoa a saber quando passei no vestibular. Prof. Manoel, ele me deu aula de Matemática na 8ª série ele foi o ponto chave p/ que eu esteja aqui hoje. Ele abriu a minha mente em relação à minha idade, já que meu ex-marido não apoiava alegando que eu estava muito velha p/ estudar.
39	Fundamental > Neuza, Olga, Ana Padilha Ensino Médio > Cristian, Ângelo, Edon, Maurício, Leonice e Juliana. Quero desde já fazer um agradecimento ao meu querido professor Ângelo e por causa dele do seu exemplo de professor que estou numa faculdade e

	gradeço a Deus por te conhecer ele mora ao lado da 27 dgacia essa homenagem é para ele.
40	Minha professora da 4ª série (fundamental). Ela era uma professora excelente, compriendia e me ajudou muito. Pois ela conhecia o que se passava comigo, sabia da minha história e na época ela me ensentivou bastante, para continuar estudando. Foi uma professora Maravilhosa e até hoje lembro-me o nome dela (Dalva).
41	A professora de Biologia era 10, de matemática, Sociologia, Inglês, História, todos foram legais e até hoje, quando encontra seus alunos pela rua, nunca nega um sorriso.
42	Professora de português, na 3ª série, não gritava sabia conversar e ajudar os alunos. Professora de educação física, eu sempre excluída das aulas pelos outros alunos por não saber jogar vôlei ela fez com que a turma me aceitasse.
43	Sempre admirei aquele professor que mantinha o silêncio e a ordem da classe quando era preciso, mas ao mesmo tempo era amigo da sala, dois professores em especial, um de religião/matemática e outro de português (o melhor professor que já tive) e outros também, mas sempre nessa linha amigo/professor.
44	Professoras da 1ª à 4ª série, Joselita e Terezinha, foram minha inspiração para eu um dia querer imitalas. Elas foram compreencivas quando eu ia sem uniforme porque não tinha como comprar.
45	Professora Márcia Errera, dava aula de matemática na 4ª série muito atenciosa e carinhosa amei ela show de professora.
46	Os professores de 2º a 3º colegial. Pois a cada dia estavam disposto ajudar no meu aprendizado mostrando o quanto eu era capaz, me encentivavam. Me apoiavam, se preocupando comigo.
47	De todos os professores que me marcaram positivamente o que mais ficou foi a da disciplina Português que lecionou do 5º ano ao 7º ano. O nome dela era Marli Soares, costume dizer que foi a professora melhor que já tive. Com ela fiz de português a minha matéria preferida.
48	A profª Ângela de português 5ª série, sempre nos ensina lições de vida e nos ensinava coisas úteis para o dia a dia, como nos comportar em uma intrevista de trabalho por exemplo. O prof. Alexandre de história no ensino médio sempre nos motivava e animava a prosseguir e graças a essa motivação é que estou aqui hoje.
49	No último ano do eja tínhamos um professor de matemática que sempre nos orientava e nos dizia que se pudéssemos não parar de estudar porque ele trabalha em outro lugar mas a sua alegria estava quando entrava na sala de aula para nos ensinar.
50	Professor de matemática e religião. Professor de matemática e religião preocupava muito com a aprendizagem do aluno, o seu objetivo em sala de aula era que o aluno saísse daquela série sabendo o conteúdo trabalhado. Ele não estava preocupado em receber o seu salário e sim em ensinar.
51	Professora de inglês, geografia da 8ª série muito esforçadas interessados em ensinar de verdade.
52	Foram 2 Mônica e Fátima elas ensinavam super bem.
	A professora da 1ª série de Língua Portuguesa, ela me tratava como uma filha, ensinava com carinho e aprendi bastante coisa com ela como respeitar

53	o próximo. Um professor do ensino médio de matemática, me ensinou a gostar mais da matéria, porque suas aulas eram com músicas e dinâmicas, seu jeito amoroso de lidar com os alunos a sua transparência, tenho saudades deles.
54	Quase todos os professores marcaram positivamente, eles se preocupavam com a classe, mesmo os que tinham uma linha tradicional, tanto é que no meu casamento, meus padrinhos foram todos os profos. que eu já tive.
55	Conceição – estava preocupada na nossa alfabetização – pré-escola. Áurea – Estava decidida em ser realmente uma professora, uma profissional competente 5ª a 7ª série. Sidney – estava sempre preocupado com o rendimento de suas aulas.
56	Tânia (português). Professora que despertou ainda mais meu gosto pela língua portuguesa pelo seu modo diferente e interessante de ensinar.
57	Eles eram atenciosos, presentes, amigos e sempre aumentando minha auto-estima.
58	Todos da 1ª à 4ª série, lembro de todas elas e até dos nomes. Profa. Cida, Profa. Gloria, Profa. Enide, Profa. Mª José maravilhosas e com um ensino ótimo.
59	Professores da matéria de Geografia, Física, História – não sei os nomes – me ajudaram muito em meus conflitos da adolescência.
60	Não lembro.
61	Foi de Biologia – falava de seres humanos.
62	- A professora do Pré a Sr. Cecília tinha uma paciência e uma dedicação inclível ela parecia um super herói. - A professora Emília da 1ª série lembro-me como se fosse hoje ela nos levando p/ “Brincar” no pátio. - Heloísa de História é responsável por meu gostar de história e de uma boa leitura. Ela era Ótima. - Eleni de Ciências, me ensinou mais que “matéria”, ensinou-me lições de vida que hoje são responsáveis por meu caráter.
63	Sempre os de língua portuguesa e história.
64	*Professora Margareth pré, muito boa, calma paciente, e educada, aplicava em sala muitas coisas legais e na fila cantava músicas que lembro até hoje. *Professora Sueli 1º colegial dava aula de Português, ela se interagia com os alunos e nos levava a pensar muito.
65	Prof. Cláudia 1ª série > educada e gentil Prof. Ana Paula 5ª série > demonstrava respeito Prof. Vladimir 5ª série > carinho e atenção Profs. do colegial, todos eram empenhados em nos fazer aprender.

- Professores que marcaram **negativamente**:

Sujeitos	Respostas
1	Só aqueles que não se comprometiam com o que estava ( <i>i.l</i> ) fazendo e usava sua posição para castigar os alunos por não fazer isso ou aquilo. Foram poucos, mas tive alguns.
2	Ensino fundamental > em especial o que dava os cascudo.

<b>3</b>	-
<b>4</b>	A profª de ensino fundamental ela não tinha interesse nenhum, demonstrava como aquelas crianças não teriam nenhum futuro só ela era alguém naquela sala de aula.
<b>5</b>	Poucos. Alguns só iam para sala só para ficar sentado e dormir.
<b>6</b>	-
<b>7</b>	A minha professora de estagio de enfermagem tanto é que desisti do curso já c/ 3 estagio e 8 meses de curso no HC
<b>8</b>	Não vou dizer o nome
<b>9</b>	Professora da 2ª série: muito nervosa.
<b>10</b>	Professora dos 2 primeiros anos de repetência e da 5ª a 8ª que não ensinou nada (Foi a mesma professora).
<b>11</b>	Professora Luzia, 1ª série, implicava com a forma em que seguro a caneta me fez chorar muitas vezes, e nos dias de hoje ela vem de paporicos.
<b>12</b>	Uma professora de matemática, que simplesmente resolveu negligenciar o ensino, devido a algumas pessoas da classe, que bagunçavam excessivamente. Isso me prejudicou grandemente, porque veio a refletir no ensino médio, onde é necessário uma base que é obtida no fundamental para seguir adiante. Durante o ano todo, ela entrava na sala apenas escrevia a matéria no quadro e se sentava para ler revistas e nem ao menos explicava, e ainda todo mês passava uma prova.
<b>13</b>	8ª historia não média suas palavras para falar com os alunos.
<b>14</b>	No inicio da 3ª serie obtive um professor, o primeiro professor homem que passou pouco de medo, mas com conversas, as atividades que ele passou, esse medo foi eliminado. Mas não o considero como marca negativa.
<b>15</b>	Não tive
<b>16</b>	Não Tive.
<b>17</b>	Vanda – matemática tinha pavor de matemática até hoje, divido o modo que ela ensinava.
<b>18</b>	Geografia – Neusa Tínhamos medo dela, ela não passava segurança. MATEMÁTICA – Marcos Não passava conhecimento dele e sim o do livro.
<b>19</b>	Uma professora de matemática. Alem de eu não gostar da matéria ela era grossa e quando falava cuspi no rosto dos alunos.
<b>20</b>	Professora da 1ª serie (não deixou eu ir ao banheiro.) E acabei fazendo xixi na roupa.
<b>21</b>	No período da 5ª serie onde a professora disse que éramos nada e que nunca iríamos sair da vida em que vivíamos.
<b>22</b>	Nenhum
<b>23</b>	3ª serie: rude, brava e gritava demais.
<b>24</b>	Foi no ensino médio, os professores de biologia, português, matemática e inglês. Eles passavam pra mim um bloqueio que tinha medo de chegar perto deles, e devido esse medo tive muitas dificuldades de aprendizagem aonde eu chegava com dúvidas e saia pior do que eu entrei.
<b>25</b>	Uma professora de português, por ela sempre fala que eu não era muito capaz por mora na fala e ser do jeito que eu era.
	Tive uma Profª. De Português na 6ª serie que era muito rígida e muitos

26	alunos, eu também não consegui compreender muito bem a matéria, pelo que ela falava. Na 7ª série tinha uma profª. de geografia que faltava muito e não havia a substituto. Nós não aprendemos muito bem também.
27	Profª Cícera: muito autoritária.
28	Profª Marilda.
29	-
30	Conceição por ser a única. Não tinha escola.
31	Tive uma professora de português que era extremamente ignorante, autoritária e muito chata os alunos a chamavam de Marta morta porque não tinha diálogo com ela e nem relação de amizade. Pior foi o de matemática no ensino médio que tinha duas caras: um dia ia para a escola razoavelmente bem, porém nos outros era ignorante e focava em uns que para ele era espertos e dava atenção, os outros colegas da classe eram literalmente excluídos.
32	Uma professora de português que pediu que a sala fizesse uma redação, foi na 8ª série, fiz a redação. Quando ela leu me deixou sem nota, porque segundo ela, estava muito redigida e ela não acreditava que eu pudesse ter escrito aquilo tudo. Como se não bastasse, ainda falou para toda a turma.
33	Professor de Física sabia muito porém ã sabia passar o conhecimento para nós.
34	Prof Miguel de matemática, pois não conseguia entender sua explicação e para o meu azar, isto começou na 5ª qdo. iniciaram os sinais de matemática, não conseguia entender, não entrava na minha cabeça, ele até percebeu o quanto eu me esforçava, e este professor me acompanhou até a 8ª série, e cada ano foi ficando mais difícil e é até hoje.
35	E... (5ª a 8ª) Trabalhava totalmente de forma tradicionalista, não que critico tradicionalismo, pois tem lá sua contribuição mas ela era rígida e só funcionava na “decoreba”.
36	O professor que me batia com a régua e aquilo não me deixava aprender os conteúdos.
37	É errado quando os professores faltassem muito sem compromisso.
38	-
39	2ª, 3ª Ensino regular > professora Tereza, Neuza nunca quero ser professores que nem eles já mas quero eles como exemplo para a minha profissão. 5º Ensino regular > professor César nunca vou me esquecer da tabuada foi um caderno de 10 matérias só de tabuada. 1º colegia professora Madalena que disse para que eu me virá-se
40	A professora 5ª série que marcou negativamente a minha história escolar, foi uma professora de Português. Ela super exigente dura e fazia acepção de alunos isto me deixava triste pois eu fazia tudo para que ela notasse que eu estava ali e que à admirava, pois como professora de Português era excelente mais como pessoa ela dura e exigente. Tanto que passei em todas as matérias reprovei apenas em Português por causa de ½ ponto fiquei triste chorei muito.
41	A professora da 1ª série, ela era horrível.
42	Professor de matemática no 2º ano do ensino médio. Dava a matéria explicava e não se importava se tínhamos aprendido ou não.
	Um em especial, ótimo professor de história/geografia no Ensino Médio, muito inteligente e amigo também, mas que fazia uma certa discriminação.

<b>43</b>	Nas provas ele arrumava a sala colocando os “mais inteligentes” no fundo para ninguém copiar e os “menos inteligentes” na frente. Todo mundo sabia que quem sentava na frente é porque ao ver dele não sabia a matéria.
<b>44</b>	Professora Maria do Carmo e Silva era muito grossa que dava medo falar com ela. Maria Silva era diretora e mandava embora para casa por qualquer motivo.
<b>45</b>	Professora Márcia Maria dava aula na 5ª série horrível gritava, colocava de castigo e batia e também rasgava os nossos caderno. Morreu a infeliz.
<b>46</b>	Uma professora da 2ª série, não me recorde à série mas marcou ao dizer que eu era “burra”, não dava oportunidade e me deixava super desanimada, pois eu tinha dificuldade de ler alto e escrevia “errado”, hoje digo que ainda tenho muito medo ao escrever errado e te ler em público.
<b>47</b>	Todos os professores do 8º ano deixaram marcas negativas em mim. Mas um em especial se sobressaiu. Gilberto, professor de Matemática. Eu até que gostava da matéria, mas depois dele, Matemática para mim virou um horror.
<b>48</b>	Só tive uma no ensino fundamental que se chamava Olésia, porque ela sempre nos chamava de burros e muitas vezes batia nos alunos inclusive nos meus irmãos.
<b>49</b>	Acho que pelo meu jeito eu me apoio mais nas pessoas que nos dão ânimo não consigo me lembrar de um professor de nos desanimassem, porém professores bons, legais, que explicam bem seu conteúdo, esse sim deixa muitas marcas.
<b>50</b>	Professora de português que nos batia na mão de palmatória. E nos deixava de castigo.
<b>51</b>	Professora de matemática, a matéria nunca me agradou, e ainda a professora não conseguia fazer compreender.
<b>52</b>	A da 1ª série até me lembro o nome dela Waldetina sempre me puxava a orelha, e eu não bagunçava só conversava.
<b>53</b>	Uma professora de ciência, não gosto nem de lembrar. Quando estava na 3ª série, ela gritou com os alunos que nós éramos incapazes de fazer um trabalho, ela nem tinha explicado e foi logo soltando o verbo, todos nós ficamos chocados eu cheguei até chorar, e quando era dia de sua aula eu não queria nem ir para a escola.
<b>54</b>	- Apenas uma, a profª Lurdes da 2ª série, porém tirei algum proveito do que ela fazia (gritar), jamais farei isso com meus alunos.
<b>55</b>	Geraldo – nunca dava uma matéria completa.
<b>56</b>	-
<b>57</b>	Não davam mínima importância, só sabiam gritar e nunca nos dava oportunidade de falar.
<b>58</b>	Quando fui para a 5ª série em diante não tive um professor significativo. Todos com má vontade que só sabia gritar. Exeto uma professora do Telecurso que dava aula de Português que era muito boa, não me lembro o nome dela.
<b>59</b>	Matemática. Ed. Física Português todos pensavam só neles e não nos alunos.
<b>60</b>	Isto é bem mais fácil me lembro de uma professora que quando tentei voltar a estudar ela Já me dasanimou falando para a sala toda que eu era uma retente.
<b>61</b>	-



<b>62</b>	A professora da pré escola mandou que eu fosse para casa pois “neguinha sempre tem piolho” detalhe eu nunca tive piolhos.
<b>63</b>	Matemática, nunca foi bem não sei se foi os meus professores que me prejudicou
<b>64</b>	*Professora Olga 2ª série > gritava muito eu tinha muito medo dela. *Professore Fernando 7ª série Português > Parecia um general ele falava com a gente por códigos, falava uma palavra Roger que eu nunca esqueci, e ele fedia muito a cigarro.
<b>65</b>	A professora da 2ª série, era muito brava, não gostava que os alunos chegassem perto dela. Ela bateu em aluno dentro da sala de aula porque ele fez xixi na latinha de margarina, depois de pedir várias vezes para ir ao banheiro.

5. Os seus professores fizeram alguma diferença em sua vida? Comente.

<b>Sujeitos</b>	<b>Respostas</b>
<b>1</b>	Sim. Procurei me espelhar neles, a forma de ensinar os conteúdos se relacionar com os alunos, alguns tiveram influência na minha escolha profissional.
<b>2</b>	Sim, desejo ser melhor que eles forem à minha época.
<b>3</b>	Sim, a gente se inspirou sempre em alguém para prosperar e no meu caso, sempre gostei das atividades da maioria dos meus professores.
<b>4</b>	-
<b>5</b>	Sim. Apesar de fazer parte de uma família humilde eles sempre mim encientou a lutar pelos meus sonhos e objetivos eles choravam por não poder dar estudo e alegria e boa alimentação, hoje faço parte de uma família humilde mais com conhecimento três irmãos professores e dois universitários dois nível médio.
<b>6</b>	-
<b>7</b>	Claro é através deles que estou aqui.
<b>8</b>	Sim, porque foi através deles que eu estou aqui.
<b>9</b>	Sim, todos meus professores, até mesmo os mais arrogantes, me ensinaram a enfrentar os diferentes problemas da vida.
<b>10</b>	Sim. Mostraram a importância do aprendizado de sempre querer aprender, buscar o melhor, se atualizar, ser companheiro e saber que somos importantes para o futuro da nossa nação...
<b>11</b>	Fizeram sim. Principalmente os que me incentivaram a querer algo de bom pra mim, e continuar sendo como eu era. Foram eles que me ensinaram não só as matérias e sim ser guerreira e buscar por aquilo que quero.
<b>12</b>	Sim, muitos me ensinaram lições de vida, como respeito, amor ao próximo, disciplina e ordem.
<b>13</b>	-
<b>14</b>	Sim, alguns passaram muita afinidade, compartilhando momentos sem muita intimidade de sua vida, passaram de forma clara diferente e engraçado as materias do currículo escolar.
<b>15</b>	Sim. Minha professora que deu aula de 1ª à 4ª série ela era muito legal, simpática se preocupava com a gente e ensinava muito bem.

<b>16</b>	Sim, hoje vejo o quanto a forma de agir de um professor pode influenciar seus alunos, pois muitas vezes lembro como agiam os meus professores, eram dedicados atenciosos e preocupados com seus alunos, hoje procuro ser uma professora assim como eles foram, quem dera que todos professores se preocupassem com seus alunos.
<b>17</b>	Sim, pois sem cada um deles eu não estaria onde eu estou. Tenho saudades em saber o que cada um anda fazendo em Pernambuco. Saber como estão, se moram lá ainda.
<b>18</b>	Somente um Luiz Fernando, se preocupava demais em nos ensinar o que é correto. Até hoje nos comunicamos.
<b>19</b>	Sim. Quando eu fiz o ensino médio a principio eu estava muito insegura. Foram os meus professores que me incentivaram a estar aqui. Eu ouvi de vários deles que eu era capaz. Tentei e deu certo.
<b>20</b>	Sim, todos que passaram teve uma importância porque além de sua experiência e inteligência, trazem com eles um modo de vida, porque todos tem uma historia.
<b>21</b>	Sim, pois sem eles não estaria onde estou hoje.
<b>22</b>	Sim aprendi a valorizá-los mais.
<b>23</b>	Todos foram muito importantes para o meu desenvolvimento como pessoa e o conhecimento que aprimorou através de suas intervenções.
<b>24</b>	Sim, aprendi que o professor primeiramente tem que ser amigo do aluno, tem que ter aquele espaço ou liberdade entre professores e alunos.
<b>25</b>	Uma professora de biologia na 6ª serie ele me ensinou, que eu era capaz de tudo o que eu quisesse fazer, só precisava de um incentivo.
<b>26</b>	E muita! Me ensinaram muitas coisas, como: ser organizada, ser responsável, ser eu mesma, buscar mais entendimento fora do pedido por eles (extra), ir atrás dos objetivos e nunca desistir. Por isso, também estou aqui hoje.
<b>27</b>	Sim – me fizeram entender que acima de tudo, todos nós merecemos respeito.
<b>28</b>	Os positivos de alguma forma sempre procurava ajudar, estimulava, fazia dos momentos algo que prendesse nossa atenção e aprendesse. A negativa sempre optava o seminário uma forma rígida de avaliação, onde ao invés de aprender, os alunos sentiam medo e decoravam o assunto.
<b>29</b>	-
<b>30</b>	Sim. Sou o que sou graças a eles, que nada fizeram p/ q/ hovesse mudanças positiva em minha vida.
<b>31</b>	Com certeza. Muitos serviram de espelhos, e pude aprender muitas coisas essenciais para minha vida. Se pudesse encontrar novamente alguns deles agradeceria por todo carinho e dedicação que eles tiveram com seus alunos.
<b>32</b>	Sim. Tento imitar os que me marcaram de forma positiva, como o professor de Geografia que falava sobre os diversos países do mundo, sobre os acontecimentos do dia-a-dia. Nos casos como o da professora de Português, deixou num canto da memória que quase eu não acesso.
<b>33</b>	Sim despertaram em mim a vontade de estudar e fazer a diferença na sociedade em que vivemos a persistir em nossos sonhos e saber sobre os nossos direitos e deveres como cidadão como reivindicar algo da melhor forma possível.

<b>34</b>	Acho que poderiam ter feito muito mais, não quero desprezar, pois passaram pela minha vida e me ensinaram um pouco, mas hoje eu acho que eles poderiam ter me ajudado muito mais, por exemplo em matemática, sempre demonstrei minha dificuldade e nada foi feito para me ajudar, simplismente me passaram de uma série para outra.
<b>35</b>	Sim. Graças a maioria aprendi a ver as coisas numa visão libertadora e ampliei meus conhecimentos.
<b>36</b>	Sim as duas professoras da 5ª a 8ª.
<b>37</b>	Sim, depende deles.
<b>38</b>	Muita diferença voltei a estudar p/ fugir de uma depressão, já que estava perdendo a memória até o meu nome eu esquecia em alguns momentos. No início foi muito difícil porisso mas eles me ajudaram e me ensentivaram muito.
<b>39</b>	Sim principalmente os de supletivo obrigado por quem sou hoje, e os da faculdade que sempre nos ensentiva para que esse sonho não acabe que sempre temos que persistir nos nossos objetivos e sonhos.
<b>40</b>	Alguns sim, outros não. O que fez diferença em minha vida e que espero obter algumas de suas virtudes quando eu for exercer minha profissão, foi a minha professora da 4ª série, essa marcou a minha vida e fez a diferença de hoje está estudando pedagogia lembro-me muito dela.
<b>41</b>	Sim!
<b>42</b>	Sim, tanto no positivo como no negativo. Os professores bons fizeram com que eu chegasse até aqui, fizeram com que eu tivesse vontade de seguir o exemplo deles. Os ruins deixaram marcas, para que eu não seja igual a eles.
<b>43</b>	Com certeza! Pude ver em todos, aspectos positivos, negativos, exemplos de vida...
<b>44</b>	Sim. A maioria fizeram diferença positiva entenderam a dificuldade dos meus pais e nos apoiavam muito pelo fato de ser boas alunas eu e minhas irmãs.
<b>45</b>	Sim sem eles não estaria fazendo um curso superior. Sou grato pois eles (a) foram fundamentais em minha vida.
<b>46</b>	Sim. Pois eles me mostraram em exceção alguns o quanto eu posso ser capaz. E hoje graças a eles eu pude escolher a minha profissão e mostrar que posso fazer a diferença.
<b>47</b>	Sim. Fizeram diferença pois aprender muito com eles. Dos que me marcaram positivamente guardei lições que me ajudarão com meus alunos, dos que marcaram negativamente guardei ações que não colocarei em prática.
<b>48</b>	Sim, fizeram bastante diferença principalmente aqueles que tem contato pessoal com os alunos.
<b>49</b>	Com certeza, pois se não fosse eles hoje eu não estaria fazendo faculdade, por quase todos nos diziam que se tivemos condições para pararmos de estudar, fazer um curso técnico ou quem sabe fazer uma faculdade e hoje estou aqui.
<b>50</b>	Sim através deles eu pude chegar até a faculdade. Sonhando ser uma boa educadora e também uma boa profissional.
<b>51</b>	Não, nem influência negativa, nem positiva, estudo hoje por causa do mercado de trabalho.

52	Sim, por sorte não fiquei com trauma de escola pois já pensou na 1ª série “pegar” uma professora tão brava assim. Mas me lembro de um profº de mat. que ele sim tinha amor em explicar matéria ficava orgulhosa em ter um profº assim
53	Sim bastante. Quando aprendi o respeito com o próximo e também ser capaz, mostrar que tenho força de vontade p/ lutar pelo que eu quero.
54	Eles fizeram toda uma diferença, sempre me espelhei neles para ser o que sou, ou procuro ser, uma pessoa correta, com caráter, crítica e que sabe valorizar o que as pessoas tem de melhor.
55	Sim claro, cada um deles cooperou para mostrar e abrir horizontes.
56	Professores do cursinho, que mi ajudaram no dilema da escolha da profissão.
57	Alguns sim, às vezes me lembro de palavras que ouvi que carrego sempre comigo. Esses sim foram verdadeiros professores.
58	De alguma forma sim ou bom ou ruim aprendi com eles.
59	Sim muitos me ensinaram a buscar o melhor pela minha vida e é isso que eu faço agora.
60	Sim. Agora vejo como faz diferença, pois me tornei uma pessoa com muitas dificuldades para aprender.
61	Não, pelo contrário desde a minha pré-escola eu fui sempre encorajada os professores me ajudavam muito a me desenvolver estavam sempre no momento que eu precisava até hoje não tenho nada a dizer.
62	Muita diferença, me ensinaram muitas coisas acima de tudo a me reconhecer como pessoa.
63	Sim, tive professores maravilhosos e que sempre me apoiaram.
64	Sim. Alguns a professora Sueli de Português do 1º colegial foi que me deu o maior reforço positivo, em começar a gostar mais da matéria de Português.
65	Não.

### Parte 3 – Informações sobre a escolha profissional

#### 1. Por que escolheu ser professor (a)?

Sujeitos	Respostas
1	Às vezes é um pouco difícil de explicar, me recordo que essa vontade vem desde cedo, quando era criança brincava de escolinha e isso foi influenciando cada vez mais na minha escolha.
2	Na verdade desejo aprender por ter um filho com dificuldade na escola, ele tem 7 anos e esta no 3º ano e possui dificuldade e sinto que a escola tem sido um fardo para ele. Desejo ser Psicopedagoga.
3	Sempre tive vontade de poder transmitir algo de bom e acho que a melhor alternativa é começando pela raiz (criança).
4	Para fazer a diferença dos maus professores que tem por ai.

<b>5</b>	Eu desde criança sonhava em ser professora e continuo lutando para realizar este objetivo. Escolhi esta profissão pois é uma profissão limpa e que estamos sempre em constante aprendizagem é uma maravilha transmitir conhecimento e ao mesmo tempo aprender. É um dom de Jesus pois ele também foi chamado de professor.
<b>6</b>	-
<b>7</b>	Porque me identifico c/ essa Profissão
<b>8</b>	Porque eu mi identifico com está profissão.
<b>9</b>	Gostei muito de alguns professores que tive e como sempre gostei de estudar, acabei optando por ser professora.
<b>10</b>	Um sonho desde criança. A vontade de aprender, ter conhecimento e passar para os que viram. Muitas vezes as pessoas escolhem a profissão de ser professores e não tem DOM. Acabam maltratando, ensinando mal as crianças. Muitas até se arrependem pela profissão e acaba tornando a vida do aluno um inferno, pois não tem o dom de ensinar, de amar e passar o melhor. Porque ensinar é se doar por inteiro.
<b>11</b>	Escolhi ser professora porque tenho certeza que farei a diferença e colaborarei para que o nosso futuro (as crianças ou jovens que vou trabalhar) seja algo do orgulho de todos. Além de me identificar com a área e ser um sonho de infância.
<b>12</b>	Porque gosto de ajudar as pessoas a obterem um pouco de conhecimento.
<b>13</b>	-
<b>14</b>	Por estar na escola desde os dois anos de idade, por segui a minha mãe na área da educação, por ter a oportunidade de auxiliar nessa fase até os dias de hoje, uma semente foi plantada e hoje os frutos já aparecem, para uma futura formação com muitas informações. Gostaria de fazer parte das crianças do ensino fundamental e parte do ensino infantil.
<b>15</b>	Porque gosto de crianças, já trabalho em creche e é muito gostoso trabalhar com as crianças elas são francas, alegres etc. Quero fazer parte desses profissionais os educadores para melhorar o futuro de nossas crianças e o nosso país.
<b>16</b>	Porque amo crianças, amo o que faço, sei que nasci para ser professora.
<b>17</b>	Desde pequeno gostei de brincar de dar aula, e onde eu morava em Pernambuco, minha professora ficou doente, eu tinha 15 anos, já estudava na cidade e morava em esse engenho de cana-de-açúcar, ficava longe da cidade, ai minha mãe que fazia o lanche mim levou e eu dei aula por 1 mês para minha professora. Foi quando nasceu a vontade de ser professora. Comecei fazer o magistério.
<b>18</b>	Além de gostar de crianças, gosto de ensinar aquilo que sei. Tenho um sobrinho que entrou na escola esse ano, ele tem 5 anos e já sabe todo o alfabeto soletrar é a especialidade dele. Eu que ensinei tudo a ele sinal de que tenho dom, pra que desperdiçar?
<b>19</b>	Porque é muito bom estar com pessoas. Principalmente os menores.
<b>20</b>	Por que me identifico muito com crianças e acredito que a partir do momento que você ensina alguém, você aprende mais.
<b>21</b>	Devido ao meu perfil.
<b>22</b>	Por que gosto muito de crianças e tenho paciência para com eles.

23	Na verdade fui um pouco teimosa. Primeiro fiz 3 meses de Engenharia, não gostei. Depois 5 anos e me formei Bacharel em Direito. Porém, durante o curso, prestei concurso público e comecei a lecionar e me apaixonei pela educação. No 2º ano concursada, fui convidada a ser PCP (Professor Coordenador Pedagógico), como desafio 3 escolas ao mesmo tempo. Adorei!!! Enfim, encontrei o meu caminho e hoje curso Pedagogia.
24	Por que é um sonho desde criança, a minha paixão são as crianças, e depois de uma bela experiência que tive de dar aula pra 80 crianças, reparei que esse é o meu caminho certo.
25	Porque eu quero ajuda muitas crianças que tem dificuldade de aprendizagem por isso escolhi ser pedagoga.
26	Desde criança tinha esse desejo, gosto de crianças e me identifiquei com pedagogia. Ajudava na escolhinha da minha igreja a cuidar das criançinhas e amei.
27	Porque eu gosto muito de ensinar. E sei que vou aprender muitas coisas.
28	Para ajudar as crianças no seu desenvolvimento, procurando compreende-las nas suas diferenças e ensinando-as a cada dia se tornar pessoas que lutarão por um futuro de qualidade e respeito à vida.
29	-
30	Não tinha outra opção.
31	Desde a minha infância eu adorava brincar de escolinha e dar aula para as minhas 5 primas isso quando os meus alunos não eram invisíveis. Admiro muito a função de educador de formar cidadãos e adoro ensinar e passar adiante o que sei.
32	Gosto de aprender. Acredito que o professor aprende constantemente quando ensina.
33	Porque eu posso fazer e formar opiniões e gosto muito de crianças.
34	1º Porque atua na área infantil. 2º Para tentar fazer a diferença na vida de alguém, tentar ajudar a essas crianças, que na maioria não tem o apoio em casa dos pais que saem cedo para a luta da sobrevivência neste país, e eu gostaria muito de ajuda-los a conquistar e realizar sonhos, mostrar a eles que é possível sonhar e realizar, que a mudança está nas nossas mãos, e eu quero fazer isso neles ainda crianças e jovens, para que quando estiverem adultos já tenham conquistado e não venham a sofrer tanto quanto eu e muitos que se encontram com dificuldades.
35	Porque gosto de lidar com o público e acho uma profissão árdua e prazerosa.
36	Eu gosto muito de trabalhar com crianças.
37	Porque quando eu era criança sempre brincava na escolinha com as bonecas eram minhas alunas e depois pensei queria ser professora.
38	Quando criança eu pensava se estudasse eu seria professora quando crescesse.
39	Porque eu era mãe voluntária na escola das minhas filhas e com o contato com as crianças e amor que sentia por elas e que me fez tomar essa atitude como dizem os professores fui picada por um vírus, e que sempre ele esteja na minha vida, quando tomo atitude de algo em minha vida e para fazer com amor.
	Sempre foi um sonho e desejo, sempre trabalhei com crianças, e precisava estudar mais um pouco. Ser professor é conhecer melhor as crianças e

<b>40</b>	ajuda-las no que estiver ao meu alcance. Ser professor para mim é tudo.
<b>41</b>	Por incentivo de minha mãe, e depois que entrei no projeto do Governo, vi que ser professor é algo que realmente quero para minha vida. E sem agredir meus alunos, e sim amá-los.
<b>42</b>	Tenho vontade de ensinar, de ajudar a preparar as crianças para o mundo. Com tantas crianças e adolescentes nas ruas, nas drogas, um professor pode fazer a diferença, mostrando um caminho.
<b>43</b>	Na realidade quero ser psicóloga, mas no momento não era viável financeiramente, mas como gosto muito de observar as crianças resolvi fazer pedagogia e depois uma pós em psicopedagogia.
<b>44</b>	Porque tenho um sonho de ser exemplo para alguém, como alguém já foi para mim. Vejo que os educadores de hoje tem mais facilidade para desenvolver a profissão do que antes.
<b>45</b>	Gosto de ensinar gosto do cheiro das escolas porém tenho tido uma fase de cansaço estou aqui e sei que sempre terei que estar estudando para meus alunos futuros.
<b>46</b>	Primeiro por gostar muito de criança. Depois por admirar uma professora da 4ª série. Realmente as crianças necessitam de um grande estímulo para ter sua profissão e seus sentimentos trabalhados, acreditando que são sempre capazes.
<b>47</b>	Por gostar de crianças e por achar que de alguma forma posso contribuir para o futuro delas.
<b>48</b>	Porque eu gosto de crianças.
<b>49</b>	Quando somos pequenos todos nos perguntam o que vamos ser quando crescer. Eu sempre dizia que seria professora ou enfermeira, cresci e perdi muito tempo sem estudar, até que surgiu a oportunidade de trabalhar com crianças e todos me perguntavam se eu era professora. A resposta não, mas como não ser professora trabalhando com crianças, então vamos estudar e nos prepara para isso.
<b>50</b>	Sempre sonhei em poder ajuda as crianças que vive neste mundo. Há pouco tempo visitei uma sala de aula de alunos da quarta série que não sabia ler e nem escrever. E fiquei muito triste em saber que existe muitos professores que não se preocupa com alfabetização das nossas crianças, não se preocupa com o futuro dos nossos jovens, adolescentes.
<b>51</b>	Escolhi porque dentre letras e administração que era o que tinha disponível pedagogia me pareceu mais interessante apesar de não querer especialmente ensinar pretendo fazer pós graduação, por exemplo em psicopedagogia, pelo o que eu entendi, é descobrir a dificuldade das crianças em aprender algo.
<b>52</b>	Pois comecei a trabalhar com crianças e me identifiquei muito com elas. Acho que serei uma ótima professora pois.
<b>53</b>	Primeiro me indentifico com ela e desde pequena dizia que queria ser professora. A minha escolha também foi para alfabetizar adultos. Quando vejo um idoso que não sabe ler, nem pegar um ônibus tem que pedir ajuda ao próximo isso corta meu coração. Tenho certeza que nasci com esse desejo que agora estou realizando.
<b>54</b>	Foi justamente por querer fazer a “diferença”, de querer que as crianças cresçam sendo cidadãos melhores e que saibam lutar pelos seus direitos. Respeitando sempre o outro.

<b>55</b>	Sempre gostei de matemática, mais de tanto gostar, decidir fazer contabilidade mais fiquei decepcionada, pois odiei. Depois de muitos anos, depois que fui mãe e diretora numa igreja como diretora do ministério da criança, fui percebendo que tenho um grande “Dom”, em trabalho para e com crianças.
<b>56</b>	Porque forma pessoas e todos os tipos de profissionais.
<b>57</b>	Na verdade não sei se quero exercer essa profissão. Mas é que adoro, amo crianças pois são pessoas puras, sem maldades e me sinto bem ao lado delas.
<b>58</b>	Quero abrir uma escola.
<b>59</b>	Acho legal você poder fazer a diferença pelos os outros ensinar a eles o que você sabe.
<b>60</b>	Para fazer a diferença.
<b>61</b>	Eu me identifico muito com criança. Gosto de estar ajudando. Tudo que fala em aprendizagem eu gosto.
<b>62</b>	Porque eu acredito na educação e para mim é a única solução para a humanidade.
<b>63</b>	Gosto de está ensinando e gosto da área da educação.
<b>64</b>	Porque fico muito triste com a falta de educação que existe em nosso país e porque gosto de ensinar, e tenho prazer em ver que as pessoas estão aprendendo. Ensinei meu irmão a ler, fiquei muito contente que ele aprendeu rápido.
<b>65</b>	Porque a profissão é belíssima e eu me identifico.

2. Quais as suas expectativas em relação ao curso? Descreva-as o mais detalhadamente possível.

<b>Sujeitos</b>	<b>Respostas</b>
<b>1</b>	Espero que esse curso contribua bastante na minha vida profissional que eu saiba aproveitar ao máximo as disciplinas.
<b>2</b>	Desejo entender o universo infantil no aprendizado e saber que posso ser diferente das que eu tive.
<b>3</b>	Pretendo começar lecionando mais almejo cargos administrativos em escolas.
<b>4</b>	-
<b>5</b>	Eu espero que eu saia daqui preparada, segura, consciente, ativa, colaboradora, disposta a doar amor conhecimento e aberta a aprender novos conhecimentos.
<b>6</b>	-
<b>7</b>	É concluir o curso e atingir o meu objetivo.
<b>8</b>	É atingir o meu objetivo que é concluí-lo.
<b>9</b>	Espero estar qualificada para executar com eficiência minha profissão.
<b>10</b>	As minhas expectativas para o curso é que eu possa aprender muito, absorver tudo de bom, e reciclar tudo de negativo me empenhar ao máximo para ser a melhor professora aliais com humildade ser uma professora fascinante e não ser simplesmente “uma boa professora”.
	Minhas expectativas em relação ao curso são ter o maior desempenho e



11	poder adquirir o máximo do curso, para quando estiver em sala de aula poder passar o melhor ensino para meus alunos.
12	Provavelmente mudarei de curso, porque não quero ficar limitada até a 4ª série. Gostaria de ensinar para o ensino médio. Pretendo me transferir para o curso de letras. Quero me especializar em inglês, porque gosto muito dessa língua.
13	-
14	Estar sempre compreendendo o curso e fazer com que se torne possível e prático na formação.
15	Espero aprender como ensinar as crianças de forma dinâmica e alegre. Espero motivação em relação aos professores e os outros alunos.
16	Espero que através do curso possa me preparar para exercer bem a minha profissão e cada vez mais adquirir conhecimentos para que possa passar para os meus alunos.
17	Que o curso de Pedagogia venha a mim ensinar como comportar-me em palavras, com crianças, como ser uma pessoa comunicativa, principalmente por eu já esta trabalhando em esse meio.
18	Na verdade ainda tenho expectativas, tudo anda da forma que imaginei.
19	Eu gosto do curso. Gosto do ambiente escolar. Pretendo aprender a fazer melhor o que eu já gosto de fazer.
20	Aprender, me tornar uma pessoa com todo conhecimento da área possível.
21	Me preparar para uma coordenação pedagógica ou uma direção.
22	Me tornar um professor que faça a diferença.
23	Buscar o conhecimento teórico para aprimorar a minha prática.
24	São muitas expectativas, já realizei o inicio dos meus objetivos e espero muito mais alcançar o sonho de ser professora.
25	Que eu consiga absorver melhores ensinamentos para passar para meus alunos, sem ser chata com eles ajuda-los a vencer dificuldades.
26	Espero aprender muitas coisas como: como lidar com as crianças, como lidar na sala de aula, espero que eu venha compreender o que os professores aqui nos propõem, pois ainda não sei como me portar, nunca trabalhei na área.
27	Em relação ao curso quero aprender de tudo para colocar em prática na aula.
28	Me auxiliar na área pedagógica com recursos, teorias, experiências que me ajude a compreender o aluno para que tendo conhecimento consigo exercitar a função de Pedagoga com ética e respeito aos alunos.
29	-
30	Conseguir qualificação.
31	Espero aprender sempre coisas maravilhosas como as que eu aprendi até agora. E mais pra frente poder fazer na prática ótimos ensinamentos.
32	Suportes para minha prática pedagógica. Conhecer as cças e com elas aprender. Conhecer o que os teóricos dizem sobre como trabalhar com as cças nesse contexto atual.
33	São em aprender e compreender melhor as crianças e como podemos usar métodos para ajuda-las em suas dificuldades.
34	Aprender teorias que irão me auxiliar na prática.
35	Que eu consiga ser uma profissional de destaque e cada vez mais feliz.
	Sair uma pessoa bem formada e informada o suficiente p/ saber como lidar

<b>36</b>	com os meus alunos sobre todos os aspectos.
<b>37</b>	O curso de Pedagogia é muito bom porque sempre precisa os professores.
<b>38</b>	Quando iniciei eu queria ser uma grande professora, porém agora além disso eu penso que mesmo que eu não exerça estarei me realizando principalmente nas aulas de psicologia aprendi a me conhecer e me aceitar como sou e também a compreender os meus filhos de 15,13,10 e 9 anos isso é maravilhoso.
<b>39</b>	Absorver todas informações possíveis para que meu profissionalismo cresça, como ser humano, e que eu possa ajudar os meus futuros alunos cidadãos de bem e honestos e inteligentes.
<b>40</b>	Para que eu enriqueça meu conhecimento e seja uma profissional melhor possível. Que o que eu aprender tenha coragem de pôr em prática, e humildade para fazer ou exercer a profissão que escolhi.
<b>41</b>	Ser o que a minha professora da 1ª série não foi. E é triste dizer que ainda tem muitas como ela ainda hoje nas escolas.
<b>42</b>	Quero conseguir entender as crianças. Entender o mundo delas. Descobrir formas de ensinar, para que a criança aprenda com prazer.
<b>43</b>	Comecei meio sem vontade, mas agora estou gostando muito! Sei que na prática é diferente, mas tenho aprendido muito com a teoria. Espero mesmo sair preparada e sei que isso depende muito de mim, do meu interesse.
<b>44</b>	Espero que venha a ser a realização completando o que falta em mim e que vim buscar no desenvolver deste.
<b>45</b>	Ser um professor diferente e eficiente.
<b>46</b>	As minhas expectativas que eu possa adquirir um conhecimento a mais, aprofundando melhor as minhas capacidades.
<b>47</b>	As minhas expectativas é conseguir obter o máximo de informações e passar esse conhecimento p/ os alunos em sala de aula, dando o melhor.
<b>48</b>	Desejo ter uma boa formação e ser uma boa profissional e um dia poder fazer a diferença na vida de alguém.
<b>49</b>	Com o curso eu espero me aperfeiçoar, aprender a trabalhar e um dia poder me lembrar das palavras ditas aqui e coloca-las em prática no meu dia-a-dia.
<b>50</b>	Quero aprender muitas coisas importantes e necessária para ser uma profissional eficiente e como lidar com os alunos. Aprender um método de ensino.
<b>51</b>	Espero sair bem preparada para o que eu estou estudando, não somente com um diploma.
<b>52</b>	O curso de Pedagogia é muito bom estou aprendendo muito e espero ter conhecimento suficiente para passar aos meus futuros alunos. Os professores são bem capacitados..
<b>53</b>	Me formar com maior conhecimento adquiridos sai totalmente do escuro p/ brilhar, ensinar entender o próximo, e sempre buscar estudar mais e nunca parar.
<b>54</b>	Eu espero que o curso me proporcione uma experiência a mais, que me ajude a compreender melhor o indivíduo e que me traga um embasamento acadêmico muito forte. Espero aprender o máximo possível, adquirir conhecimento e saber como ajudar para uma educação melhor, quero dizer, que me ajude a transpor tudo o que eu tenho de melhor.

55	Como o meu maior dom é o de cada dia ter horizontes abertos, espero que a cada dia posso está atenta a cada expectativa que o curso possa mim proporcionar.
56	-
57	Bom espero crescer cada dia mais, tanto intelectualmente, como pessoal (eu) e profissionalmente. E quero me dedicar mais e mais.
58	Sempre desejei fazer pedagogia e essa idéia amadureceu quando fiquei desempregada e meu marido me apoiou muito. Tenho várias idéias e quero pôr em prática assim que terminar o curso.
59	Bom espero que o curso possa suprir todas as minhas dúvidas que possa me fazer um bom profissional amanhã.
60	Espero através deste curso me tornar uma professora centrada no aluno porque cada aluno tem a sua história.
61	-
62	Quero sair (terminar) com uma bagagem para poder ensinar meus alunos a pensar.
63	Quero aprender cada dia mais para me aperfeiçoar na área da Educação.
64	*Sair habilitada para dar aula *Aprender tudo que for possível *Ser um profissional diferente.
65	*Obter conhecimento profundo sobre a criança *Aprender a didática e como ensina-la

3. Você se sente, até o momento, satisfeito(a) de sua escolha? Comente.

Sujeitos	Respostas
1	Sim, por saber que isso é o que eu quero.
2	Tenho muita duvida, eu achei que ia ter planejamento de aula, com o ensino o BA-Ba, mais até agora me sinto frustrada. Acho que ainda não chegou a hora destas matérias por esta no 1º semestre.
3	Sim, estive muito tempo sem estudar e estou contente em voltar e ter muitos e novos relacionamentos.
4	-
5	Sim. Eu sempre quis fazer um curso universitário na área da educação mas nunca tive oportunidade devido situações financeiras mas nunca deixei de tentar, tentei 15 vezes até conseguir descontos aqui nesta faculdade.
6	-
7	Sim. Acho que fiz a escolha certa.
8	Mim sinto muito bem.
9	Sim, agora ainda mais.
10	Sim, foi a melhor escolha que eu poderia escolher. Porque sonho deve ter objetivo. Objetivo deve ter meta. Meta com fé em Deus será alcançada.
11	Sim. Estou aproveitando ao máximo e estou muito satisfeita.
12	Não Porque não quero me limitar até a 4ª serie, não é meu objetivo.
13	-

14	Sim, pois a escolha foi muito bem pensada, ciente das barreiras e dificuldades.
15	Sim. Estou gostando muito do curso já aprendi muito.
16	Sim, estou certa que era este o curso que pretendia fazer e estou muito satisfeita.
17	Com certeza, não mim vejo fazendo outra coisa que não seja trabalhar com crianças. Hoje tenho paixão em ser como sou, e ensinar, em deixar um fruto bom em cada escola que passei. Em cada criança que amei, da mais levada a mais tímida.
18	Sim. É o que sempre quis fazer, me sinto muito satisfeita.
19	Muito. O curso está correspondido às minhas expectativas.
20	Me sinto muito satisfeita e não vejo a hora dos estágios para participar e ter uma experiência.
21	Sim, me sinto, pois estou adquirindo o que buscava.
22	Sim. Pois é o que eu quero profissionalmente.
23	Sim! Idem a nº 1.
24	Sim me sinto tão realizada, que até este momento estou aprendendo a dar aula educativa.
25	Sim, porque tudo que aprendi até hoje me ajudou muito, como pessoa.
26	Sim. Estou gostando das aulas e estou aprendendo muitas coisas.
27	Sim. Eu me identifico
28	Claro, pois cada momento aprendendo sobre essas crianças é um desafio de renovação, de vida, que busco como objetivo de conhecer a infância como base da vida (sem medos, traumas e diferenças).
29	-
30	Gosto do que faço às vezes tenho um pouco de dúvidas.
31	Perfeitamente. Adoro a profissão e se Deus quiser finalizarei com sucesso.
32	Sim. O meu pai também foi professor, apesar de ter me colocado no reforço, todos falavam que ele era ótimo professor, por isso decidi que também seria professora.
33	Sim pois estou aprendendo a conhecer e ter outra visão sobre a educação e a criança.
34	*Financeiramente sei que vou ter que trabalhar muito. *Mas acho que alguém precisa vestir a camisa na educação, sei que muitos a vestem já outros fazem de conta, eu pretendo vestir de verdade.
35	Sim, pois estou me identificando com o curso, já que fiz magistério e leciono.
36	Sim pois estou descobrindo cada vez mais que gosto de ensinar e aprender com os meus professores e sinto muita vontade de atuar como Professora/Educadora.
37	Sim, tenho muito sonho para dar aula do ensino fundamental mas não gostaria de trabalhar com adolescentes pois davam trabalho.
38	Sim. Estou me realizando e sinto que fiz a escolha certa quero ajudar as crianças que tive o mesmo problema que tive na infância. Quero também ajudar mulheres que se sente incapazes como eu me sentia.
39	Sim completamente ainda mais porque sou uma aluna pesquisadora não vou cair em uma sala de aula sem ter uma prática.
40	Sinto-me satisfeita pois é o que gosto de fazer, dá aula.

41	Sim! Quando olho para aqueles olhinhos brilhantes e arteiros, sim porque eles não são santos, mais são lindos, querendo amor e aprender a ler e escrever. E você poder ajudar, é muito gratificante.
42	Sim, o Brasil precisa de bons professores, eu desejo estudar muito para conseguir ser uma boa professora.
43	Sim. Me surpreendi com o curso e os conteúdos, e sei que tende a melhorar sempre mais. Tudo que tenho aprendido tem sido muito útil.
44	Muito satisfeito, hoje ainda a situação financeira me persegue querendo atrapalhar o meu sonho, mas vou lutar o que for possível para conseguir terminar este curso, ele está sendo muito importante para mim.
45	Sim entrei em mais 2 cursos diferentes e não me adaptei este é um sonho antigo.
46	Sim. Pois a cada dia admiro o esforço deles ao realizarem seus deveres, a compreensão e a dedicação à professora. O seu comportamento me ânimo para realmente a cada dia estimular. Pois suas experiências são maravilhosas.
47	Sim. Pois eu já havia iniciado outro curso e parei por não sentir que era vocação. Com Pedagogia é totalmente diferente.
48	Sim, me sinto muito satisfeita.
49	No momento eu preciso de algo que me ponha os pés no chão, para trabalhar exige qualificação, pretendo terminar este curso, e depois fazer outro curso.
50	Sim, pois foi tudo que sonhei na minha vida e só agora estou conseguindo realizar. Sinto que é um plano de Deus em minha vida.
51	Até o momento eu estou gostando de algumas matérias, porque existem matérias que são muito teóricas, que parecem não ter nada a ver com o curso, filosofia, sociologia.
52	Sim. Eu me identifico
53	Sim, estou satisfeita, até agora mas tive dúvidas é isso mesmo que eu quero de agora em diante. Tenho certeza de que meu grande sonho de agora em diante se realizará.
54	Sim, porque sempre sonhei em auxiliar as pessoas na aprendizagem e cada dia que aprendo algo novo fico muito feliz.
55	Muito, muito satisfeita. Principalmente com a minha nova experiência. Esta numa sala de aula.
56	Sim, estou me indentificando com o curso e está me ajudando na minha área de trabalho.
57	Sim, pois hoje precisamos mudar a educação do nosso país eu acho que isso depende de nós a nova geração de professores.
58	Sim. É um sonho realizado e que mais para frente me dará frutos.
59	Sim pois sempre trabalhei nessa ária.
60	-
61	-
62	Sim, até o momento não o que reclamar.
63	Sim, como já estou atuando na área pra mim é mais fácil.
64	Sim, a cada dia, porque eu sinto que eu tenho que fazer a diferença, eu percebo que as crianças das escolas públicas e creches estão gritando por socorro!.
65	Sim. É o que esperava.

4. O que você acha que um(a) professor(a) dos anos iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 4º ano) **deve saber** para ser bom(boa) professor(a)?

Sujeitos	Respostas
1	Saber respeitar, entender e lidar com as diversidades vivenciadas no seu cotidiana.
2	Consciência que deve sempre aprender. Procurar aprender novas técnicas. Ser alguém que os alunos digam em diga quero ser igual a ele.
3	Ele de conhecer um pouco de tudo e saber transmitir sempre algo para as crianças, com muito carinho.
4	-
5	Amar Respeitar as diferenças das crianças Cuidar Brincar Cantar Dançar Educar Expressar com clareza Ensinar Interagir Etc.
6	-
7	É lógico ser paciente, fazer cursos se especializar, estudar muito...
8	De mais qualificação profissional.
9	Deve saber se comportar adequadamente com as crianças e possuir conhecimentos nas áreas de atuação.
10	Tudo que pode auxiliar no seu desenvolvimento. Além do aprendizado, ser dinâmico, ser amigo, ser humilde, tentar entender. Procurar sempre está renovada e atualizada. Intender o universo do aluno.
11	Eles devem saber o principal conteúdo, melhor dizendo saber as regras do colégio, e o que vai aplicar aos alunos, porque essa fase é a base para o futuro.
12	Deve ter um conhecimento básico necessário para lecionar todas as matérias. Em especial, deve ter um bom conhecimento em português que é a base para muitas meterias.
13	-
14	Sempre estar atualizado e compenetrado na matéria que escolher para lecionar.
15	Deve dominar a matéria que vai dar, mas mais que isso deve compreender ou tentar compreender seus alunos e suas dificuldades.
16	-

<b>17</b>	Deve primeiro que tudo lembrar que eles são crianças e que querem atenção e compreensão. Depois sim entra com o seu planejamento pedagógico com cada turma, lembrando sempre de que cada um tem sua idade.
<b>18</b>	Deve saber no mínimo lidar com crianças tendo em conta que também são seres humanos. Devem saber também algumas atividades recreativas, afinal criança gosta muito de brincar. Então por que não aprender brincando?
<b>19</b>	Deve saber bem, o que vai ensinar. Deve saber ensinar. Deve saber ouvir Deve saber a hora certa para dar colo e a hora certa para dar broncas.
<b>20</b>	Acima de tudo conhecimento é muito jeito com crianças.
<b>21</b>	Principalmente, entender o aluno.
<b>22</b>	Entender o aluno.
<b>23</b>	Ter humildade, saber ouvir os alunos e outros educadores. Nunca ir contra o que você acredita. Ter formação na área. Gostar do que faz.
<b>24</b>	Primeiro saber a analisar o comportamento de cada criança, e sinceramente deve saber dar aula com amor, se preocupar com cada aluno conforme a dificuldade de aprendizagem.
<b>25</b>	Saber principalmente respeita as diferenças de cada aluno no seu aprendizado, sabendo que cada aluno tem suas dificuldades e facilidades.
<b>26</b>	O professor, na minha opinião, deve entender os alunos, entender o universo de cada um deles, pois são diferentes. Cada aluno tem uma realidade diferente, e o professor deve saber disso.
<b>27</b>	Deve saber as teorias de Wallon, Jean Piaget e Vigotsky. Além de saber
<b>28</b>	- Analisar cada dificuldade do aluno como uma forma de ajuda-lo até onde é adequado para resolver o problema, incentivando, orientando da melhor forma possível.
<b>29</b>	-
<b>30</b>	Saber muito.
<b>31</b>	O professor precisa ter paciência, entender seus alunos, não diferencia-los nunca tratando todos com amor e estar sempre atualizado.
<b>32</b>	Entender como as crianças aprendem. Saber conquista-las com afetividade e com práticas pedagógicas bem definidas.
<b>33</b>	Saber muito ter vários conhecimentos e informações ser flexível e se possível saber como é a vida do aluno fora da escola. Deve ser criativo e afetivo.
<b>34</b>	*1º aprender a respeitar a origem de cada indivíduo *2º ser criativo, para conseguir ensinar a todos, mesmo que tenha que apresentar, uma matéria de várias formas até ter certeza que todos aprenderam. *Buscar conhecimento constantemente.
<b>35</b>	Compreender a realidade do aluno e respeita-lo.
<b>36</b>	Deve saber o máximo possível sobre todas as matérias ou disciplinas e saber como lidar com seus alunos sobre todos os aspectos e fases que a criança possa passar ao longo dos estudos.
<b>37</b>	Acho bom, esse Ensino Fundamental é melhor trabalhar do que outro ensino.

<b>38</b>	Para ser um bom professor ele deve saber olhar o aluno não como um recipiente de informações e sim saber lidar com o ser humano que existe em cada aluno.
<b>39</b>	Em primeiro lugar que ele está lidando com um ser humano e que esse ser humano vai ser aquilo que se reflete nos adultos em sua infância e que além do aluno vem a família desse aluno por trás que dependendo da situação o professor vai ter que ajudar as duas partes.
<b>40</b>	Conhecer seus alunos e suas histórias. Ser uma professora exemplar saber lidar com certas situações que apareceram em seu caminho. E além de tudo amar o que faz.
<b>41</b>	Compreender suas dificuldades, e poder ajudar, e não dificultar.
<b>42</b>	Saber identificar quando o aluno não está bem e tentar ajuda-lo. Saber que o aluno não precisa necessariamente saber ler e escrever na 1ª série.
<b>43</b>	Primeiro ver a criança como ser humano, além de aluno. Ser paciente e saber que a teoria é diferente da prática. Fazer porque gosta e não por obrigação.
<b>44</b>	- Saber em primeiro lugar que estão cuidando de VIDAS PESSOAS e que elas devem ser tratadas com amor, carinho dignidade respeito e muita atenção.
<b>45</b>	Bem humorado e inteligente com idéias próprias e acima de tudo gostar do que faz ou irá fazer.
<b>46</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Primeiro entender seu aluno.</li> <li>• Trabalhar junto com ele sua dificuldade maior.</li> <li>• Ter um conhecimento maior sobre seu aluno.</li> <li>• E buscar cada mais obter mais informação sobre a área.</li> </ul>
<b>47</b>	Deve entender o aluno, saber que cada um tem seu tempo de aprender, passar seu conhecimento de forma mais objetiva possível e preparar sua aula dando o melhor de si.
<b>48</b>	Ele deve passar confiança e segurança para seus alunos, deve ter contato pessoal, conhecer seus alunos e demonstrar que se importa com eles.
<b>49</b>	Isso é imprescindível, porque nessa fase a criança aprende muito e guarda para o resto de sua vida se ela é bem orientada com certeza ela irá bem em todas as séries.
<b>50</b>	Deve saber e entender o aluno em suas diferenças e dificuldades devido o meio em que cada um vive.
<b>51</b>	Eu considero a psicologia muito importante na formação de um professor, todos os professores deveriam saber.
<b>52</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Saber respeitar os alunos participando de perto do aprendizado de cada um.</li> </ul>
<b>53</b>	Ser centrado, dominar o assunto entender as fases do aluno, compreender um aluno, ver a pessoa em vez só aluno.
<b>54</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- que cada aluno tem um ritmo e um tempo para aprender;</li> <li>- que para cada aluno um método diferente funciona;</li> <li>- que o relacionamento professor e aluno deve conter afetividade;</li> <li>- ter um bom embasamento teórico para aplicar.</li> </ul>
<b>55</b>	Deve saber que todos são seres humanos, que estão para ensinar e para aprender, conforme o amor de Deus nosso Pai.
<b>56</b>	Deve ter um diferencial, primeiramente não só pensar em conteúdo mas também ser “direcionado”, fazer um tratamento individual com cada aluno.



57	Um ponto fundamental é saber se relacionar bem com a classe, ter paciência saber que cada aluno tem seu tempo de aprender e sempre estar motivando o aluno.
58	Valorizar o ser humano acima de qualquer coisa e respeitar seus limites.
59	Saber respeitar as diferenças de cada um isso é tudo.
60	O conhecimento.
61	-
62	Deve saber lidar com pessoas e saber ensinar a pensar.
63	Compreender o aluno e estar sempre pronta para ajudar.
64	Saber tratar o aluno como pessoa, para poder ensinar as práticas da matéria que ele dá.
65	Tem que conhecer, gostar e atribuir Wallon, Vigotsky e Piaget. Acima de tudo amar o que faz.

5. O que você acha que um(a) professor(a) dos anos iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 4º ano) **deve saber fazer** para ser bom(boa) professor(a)?

Sujeitos	Respostas
1	Fazer a diferença em um mundo globalizado onde se fala tanto em inclusão deixar as citações de lado e fazer, incentivar e abranger de uma forma geral esse e outros temas. “Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” Paulo Freire. Pedagogia da Autonomia.
2	Artes manuais Aprender escutar Saber ensinar
3	Entender a transformação etária da criança.
4	-
5	Amizades, fazer algo que desperte a criatividade do aluno. Respeitar as diferenças.
6	-
7	Se qualificar e fazer cursos.
8	Se qualificar profissionalmente.
9	Deve saber fazer as crianças aprenderem.
10	Tudo que for o possível, se interessar pelo aluno, procurar sempre ajuda-lo.
11	Deve saber fazer uma boa dinâmica para entreter os alunos, que nesta fase se dispersam e não existe muito interesse.
12	Apresentar a matéria de maneira criativa, para estimular a aprendizagem.
13	-
14	Entender seu aluno em todos os aspectos que este apresentar.
15	A mesma coisa que da 4ª.
16	Deve saber ensinar com amor, vontade e perseverança. E saber buscar sempre respostas para seus alunos.
17	-
18	-

19	Andar, falar, se portar diante de outras pessoas. Deve saber cuidar de pessoas.
20	Deve saber ler e contar história, fazer brincadeiras, ilustrações entre outros.
21	Ter uma boa didática para que os não esqueçam futuramente.
22	Ajudar o aluno.
23	Conversar. Ouvir. Pensar. Observar.
24	Deve saber fazer uma aula dinâmica, nunca deixar a aula cair na rotina, sempre trazer curiosidade, fazer atividades que fazem eles pensar sem ter raiva da matéria.
25	-
26	Deve dominar o assunto, a matéria, ensinar através de atividades lúdicas, assim despertando a curiosidade e o interesse do aluno.
27	-
28	- Trazer sempre assuntos novos para os alunos; - Ter paciência com cada aluno, pois cada um tem seu tempo de aprendizado; - Ser Ético e auxiliar o aluno no que precisar.
29	-
30	Saber muito.
31	Deve usar aulas criativas para que o aluno tenha diferentes formas de aprender.
32	-
33	-
34	*O bom professor deve saber ouvir, ser sensível e observador, ser criativo o tempo todo.
35	Ele deve ser criativo, dialético e carismático.
36	-.
37	Sim. Gostaria de aprender e conhecer qual é a função do professor.
38	Ele deve saber fazer a diferença na vida dessa criança, saber compreendê-la e usar de sabedoria para detequirar a problemática e ajuda-la a solucionar.
39	Saber olhar um todo não só o aluno e sim o meio que ele vive.
40	Deve saber estimular suas aulas fazer com que seja agradável para seus alunos. Saber fazer de tudo um pouco, ser criativa, e saber que as crianças será o cidadão amanhã.
41	Alfabetizar e letrar, com muita paciência e recurso para o aluno.
42	- Fazer aulas didáticas - Teatro - Contar histórias
43	Ser criativo sempre.
44	Planejar a sua aula e desenvolver no contexto que adapte a cada série. Ter conhecimento e se sentir segura do que faz.
45	Ele deve saber compreender o seu aluno entrar no ritmo deles e aos poucos leva-lo para seu ritmo.
46	- Saiba desenvolver trabalhos para o bem estar do aluno, tanto emocional como profissional, desenvolvendo a capacidade de cada um. - Ter conhecimento da disciplina.

47	Tratar todos os alunos, como se eles tivessem o mesmo tempo de aprender, deve saber ser um bom professor.
48	Ele deve compreender e amar seus alunos. Saber fazer uma aula, dinâmica sem cansar as crianças.
49	Deve ter conhecimento e acima de tudo deve ter amor ao próximo
50	Resposta 4º
51	Idem (4).
52	Saber dialogar com os alunos.
53	Dominar o seu conhecimento cada vez mais.
54	- Ouvir os seus alunos - Procurar atender a todos e individual. - Sempre procurar ver a problemática do problema. - Não ter preconceitos formados - Saber que o aluno é o centro da aprendizagem e etc.
55	-
56	Deve saber um conteúdo pedagógico mas também ter um conhecimento de vida.
57	-
58	-
59	-
60	Que os alunos aprendam, e sempre participem das aulas.
61	-
62	Deve saber fazer pensadores
63	Gosta do que faz e ver o aluno como um todo.
64	Deve saber bem o conteúdo. Aplicar na prática e saber interagir.
65	Não ter preconceito em relação aos alunos nem medo de quebrar barreiras.

6. Você espera fazer a diferença na vida de seus (suas) futuros (as) alunos (as)?

Como?

Sujeitos	Respostas
1	Sim através de uma pedagogia centrada em respeito ao próximo e para que os alunos aprendam a aceitar as diferenças que estão por toda parte.
2	Com certeza, sendo diferente ao ensinar não somente as matérias didáticas, mais ensinando as matérias relacionadas.
3	Sim, pretendo conseguir transformar muita coisa na formação dos alunos que infelizmente não tem muitas condições familiares, mas com certeza com uma boa formação, irá contribuir positivamente para um futuro melhor.
4	-
5	Sim. Espero que eu seja uma professora marcante amorosa e inesquecível espero que todos alunos quando lembrarem de mim lembrem com saudade e carinho.
6	-
7	Me qualificar fazendo cursos estudando, estudando.
8	Que seja um bom alunos.
9	Sim, desejo ajudar positivamente na vida de meus alunos.

<b>10</b>	Sim, me empenhando ao máximo!
<b>11</b>	Pretendo concerteza agir da melhor forma possível, sendo “amiga” e conquistando o aluno durante as atividades aplicadas.
<b>12</b>	Sim, levando o conhecimento de forma criativa, para estimular os alunos, e marcar a vida deles.
<b>13</b>	-
<b>14</b>	Sim. Com todas as formas possíveis e diferentes de lecionar.
<b>15</b>	Estudando muito agora, e depois sabendo passar pra eles a matéria de forma dinâmica, alegre. Saber compreender as crianças e amá-las acima de tudo.
<b>16</b>	Sim, quero ser uma professora “diferente”, uma professora envolvida com os seus alunos que faça o seu trabalho mas com amor.
<b>17</b>	Espero com certeza, e tenho certeza que eu faça totalmente diferença na vida de cada pequenino que eu cuido.
<b>18</b>	Sim, Quero ser reconhecido como a professora legal (paciente). Que quando passarem para outra série (ano) não se esqueçam daquilo que eu passei.
<b>19</b>	Espero que sim. O mundo fora das escolas e dentro dela está caótico. Se eu conseguir amenizar isto, se conseguir dar carinho, se puder ser lembrada como eu me lembro dos meus professores, principalmente dos anos iniciais, já ficarei satisfeita.
<b>20</b>	Sim, fazendo parte individual do conhecimento deles.
<b>21</b>	Fazer com que eles se amem e possam se dar valor desde pequenos.
<b>22</b>	Entendendo-os e ajudando-os nas suas dificuldades.
<b>23</b>	Sim, sendo uma boa recordação em suas vidas, ensinando com o coração e respeitando a individualidade de cada aluno.
<b>24</b>	Sim, primeiramente ter uma boa amizade com eles, uma certa liberdade para que eles vejam em mim uma amiga e depois uma professora. Fazer cada aula, um momento, uma aprendizagem diferente, utilizando desenhos, jogos, e até excussões.
<b>25</b>	Ensinado a eles de uma nova forma de educar, ensinando a eles que estudar pode virar diversão a partir de jogos educativos.
<b>26</b>	Com certeza. Como uma pessoa que ensino de uma maneira que contagie, sendo professores fascinantes.
<b>27</b>	-
<b>28</b>	Sim, fazendo valer apenas cada momento, aproveitando o máximo e valorizando a criatividade de cada um pela sua maneira de ser.
<b>29</b>	-
<b>30</b>	Sim. Estudando, lendo, lendo estudando, formando e informando das atualidades, praticando lendo experiência.
<b>31</b>	Educa-los com muito amor e carinho e dar a eles o máximo de atenção possível.
<b>32</b>	Respeitando sua individualidade, seu modo de aprender, com o que se identificam mais, o que mais gostam de aprender.
<b>33</b>	Sim vou fazê-los pensar na resposta e vou ser uma professora centrada neles.
<b>34</b>	Com certeza, sendo além de um mediador do conhecimento um bom amigo.
	Sim. Levando eles a compreender o mundo em que vivem e lutar por seus

<b>35</b>	“Direitos”.
<b>36</b>	Sim procurando desenvolver o meu trabalho com carinho e sempre procurando saber mais para ensinar e até aprender com meus alunos.
<b>37</b>	Sim, espero se eu conseguir ser pedagoga pois tenho muito sonho e gosto muito de crianças.
<b>38</b>	Com certeza, sendo além de professora ser amiga conquistar a confiança deles faze-los sentir que eu torço pelo futuro deles principalmente proficional
<b>39</b>	Sim, ser o ponto positivo, ser amiga, ser professora, ser a segurança deles um ponto que eles pode confiar que vão encontrar ajuda.
<b>40</b>	Procurarei, ajuda-los não só no ensino como no seu emocional, sendo amiga, e conselheira, conhecendo cada aluno para que eu faça a diferença quando estiver com eles. Irei estimula-los de forma que me respeite, não porque sou professora, mais por me considerarem e verem como uma amiga.
<b>41</b>	Sim! Mostrando sem respeito, sem autoridade.
<b>42</b>	Sim, aulas divertidas, gostosas, músicas, danças.
<b>43</b>	Sim “Fugindo” do padrão, das regras, inovando, sendo amiga e professora.
<b>44</b>	Sim. Sendo proficional, amigo, carinhoso sabendo entende-los e procurar marcar a vida de cada um.
<b>45</b>	Sim com certeza isso é uma coisa lógica pois se eu não for um bom professor ele lembrará e o mesmo se eu for um bom professor.
<b>46</b>	Sim. Trabalhando meus alunos por um todo, tanto na vida emocional como profissional. Questionando, deixando eles criticarem, envolvendo ao meio da sociedade.
<b>47</b>	Sim. Sendo uma boa professora.
<b>48</b>	Sendo uma prof. amiga, sem autoritarismo demonstrando que o aluno também pode ensinar muito.
<b>49</b>	Com certeza. É difícil de falar como, porque cada pessoa tem um jeito diferente, existem problemas a serem trabalhados de maneira diferente, portanto somente no dia-a-dia podemos saber se fizemos a diferença na vida destes pequenos ou não.
<b>50</b>	Sim, preocupando com a aprendizagem de cada um deles e aplicando um método que todos possa compreender.
<b>51</b>	Não acredito muito nisso, acredito que posso ser uma boa profissional, e não que eu possa fazer milagre. De repente eu posso fazer um ótimo trabalho na escola chega em casa a mãe bate o pai chega bêbado, enfim não adianta muito, o bom é que a criança vai gostar de estar na escola, mas não que eu vá fazer diferença em sua vida.
<b>52</b>	Claro, acho que é a vontade de muitos prof <sup>o</sup> .
<b>53</b>	Sim, começando assim: Buscar entender o aluno ter paciência, ensinar brincando aproximar do aluno, e principalmente a respeitar o próximo independente de suas etnias.
<b>54</b>	Sim, da mesma forma que os meus professores fizeram e fazem na minha, auxiliando eles a se questionar e refletir sobre tudo na vida e o que se pode melhorar. Saber que de todas as esperiências podemos tirar proveito.
<b>55</b>	A sim, lendo compreensivo e rígido com doses certas de amor.
<b>56</b>	Como um bom professor deve ser... Ensinar de formas diferentes e

	variadas.
57	Sim, sendo amiga sempre, sendo uma professora presente, que participe de todos os momentos que passar com o aluno. Motivando-os sempre a querer aprender mais e mais. Pra que eles lembrem sempre de mim, como uma professora que participou da vida deles.
58	Sim. Como ainda estou estudando.
59	-
60	Sim. Aplicando tudo o que aprenderei.
61	Sim, sendo uma boa professora ouvindo (porque)
62	Sim, sendo um “marco” na vida deles deixando minha marca positiva.
63	Sim educando, dando atenção.
64	Sim com certeza, passando tudo que aprendi e vou aprender na faculdade. E tratando-os como <u>pessoa</u> que isso não está acontecendo hoje em dia.
65	Sim, quero abrir seus olhos para o mundo em que vivemos e mostrar que eles podem ser alguém de valor.

7. Você se imagina como professor(a) em 2020? Justifique sua resposta.

Sujeitos	Respostas
1	Sim. Estou me preparando para isso, nesse ano se Deus quiser terei muitas experiências e já saberei dizer se fiz a diferença!
2	Sim, estou me dedicando ao máximo e sei que posso ser diferente, vou fazer a diferença. Estudando, lendo e me dedicando.
3	Não, até lá quero chegar a um outro cargo.
4	-
5	Sim, pois o meu objetivo é este concluir o curso, e lecionar nas escolas publicas da periferia e se eu for embora daqui serei professora lá no sertão nordestino levarei muito conhecimento daqui e serei muito feliz com meus alunos.
6	-
7	Imagino que vai ser melhor do que hoje.
8	Uma professora com muito conhecimento para poder ensinar os alunos.
9	Não, pois não sei como o ensino vai estar até lá.
10	Não me imagino como professora em 2020, deve talvez que não exista mais, pois a evolução está muito avançada e os professores serão os computadores.
11	Já nesta época, pretendo estar no meio da educação, porem tenho muitas metas a ser alcançadas, não tendo uma maior certeza da minha profissão.
12	Sim, de preferência lecionando em uma faculdade.
13	-
14	Sim, pois até lá aprenderei muitas coisas e passarei também muitas informações e amplos conhecimentos.
15	Sim. Por isso estou estudando procurando estudar e aprender mais. Depois de formada pretendo fazer Pós-graduação.
16	Sim, me imagino uma professora formada, bem preparada e pronta para ajudar os meus alunos a absorverem conhecimentos que levarão para toda

	vida.
17	Sim, pois estou estudando para isso, hoje fico com integral, mais sonho em ter meu jardim e maternal. Estou na espera da resposta de Deus.
18	Na verdade não. Vou lecionar como professora até terminar psicologia (minha futura faculdade) pretende ser Psicopedagoga.
19	Sim. Sei que estarei com mais de cinquenta anos, estarei mais cansada do que já estou, mas muito mais experiente.
20	Sim, me imagino com alguns alunos muito queridos e outros que sempre irão me procurar e manter o contato.
21	Não, pois a minha intenção é a direção para trabalhar com a minha equipe perfeitamente.
22	Sim e um ótimo professor.
23	Sim, não consigo pensar em mim sem fazer parte da educação.
24	Me imagino ser uma professora que faça diferença na educação.
25	Sim, porque batalhei muito para chegar até aqui, e quero fazer a diferença entre os professores.
26	Sim, pois é uma profissão que eu gosto, e pretendo me aposentar dando aula.
27	-
28	Sim, sempre ativa a receber novos conhecimentos; trabalhar a dinâmica e diversas formas de linguagem em sala para o desenvolvimento dos alunos.
29	-
30	-
31	Sim, quero sempre me aperfeiçoar se Deus quiser com outras faculdades, mas o meu objetivo é a área da educação.
32	Sim. Estou estudando, aperfeiçoando-me para desempenhar essa profissão da melhor forma possível.
33	Sim porque eu vou estudar e fazer pós graduação e mestrado na área de educação.
34	Sim pois é para isto que eu estou estudando, mas quero ser mais que um simples professor, quero ser um Educador.
35	Sim. Já fui e até lá pretendo lecionar e trabalhar na parte de <u>RH</u> em empresa.
36	Sim pois é o que gosto de fazer como uma profissional..
37	Sim, mas depende do professor consegue aposentar mais cedo.
38	É difícil com 54 anos as coisas vão estar bem diferentes. A forma de educação hoje eu acho muito liberal eu trabalho em uma escola com uma turminha de Jardim II eles falam cada coisa que me assusta imaginem em 2002. Não sei responder.
39	O futuro pertence a Deus, mas eu me imagino ser professora em 2010 se assim Deus permiti.
40	Não eu imagino como professora em 2010. E imagino ser uma professora de sucesso.
41	Ainda não! Mas acho que vai ser bem diferente, as crianças de hoje já são espertas, ate lá não sei.
42	Sim, dando aula em escola do estado, são os alunos mais carentes.
43	Não, porque não pretendo exercer como professora e sim como psicopedagoga.
44	Sim. Se Deus me permitir eu quero esta com salas de aula sim..

45	Não ainda não o ano 2020 ta longe primeiro eu quero aprender muito e depois pensar em 2020. Em 2020 quero ter minha escola com professores formados por mim.
46	Procuro desenvolver meu trabalho com grande utilidade, mostrando realmente conhecimentos, se preocupando com o bem estar deles, e não apenas com o conteúdo.
47	Sim. Espero ser um bom professor em 2020.
48	Me imagino uma prof. bem mais qualificada.
49	Esta data é muito longa, mas eu pretendo estar trabalhando, como o curso é para me capacitar com certeza eu estarei dando aula nesta data.
50	Um professor que se preocupa com a aprendizagem do aluno e não aquele que só quer ir pra sala de aula receber o seu salário.
51	Não me imagino, como eu já comentei pretendo fazer uma pós e seguir outro caminho.
52	Sim, estou me capacitando p/ isso.
53	Ainda não, estou procurando viver um ano a cada vez.
54	Procuro pensar de como ser uma boa educadora agora, no dia de hoje, procurar plantar coisas boas hoje para colher os frutos no amanhã.
55	Não, se Deus quiser farei outros cursos, para ser uma Diretora.
56	Não sei se é isso que eu pretendo fazer até lá.
57	-
58	Talvez. Ainda não sei.
59	-
60	Não.
61	Sim, porque eu agarrei esse curso por amor a essa profissão.
62	Sim, como uma ótima professora.
63	Sim quero sempre está envolvido com a educação.
64	Sim, me imagino experiente e mais seguro e inovador até lá.
65	Sim, é pra isso que estou estudando.

8. O Magistério foi/está sendo, de fato, uma escolha profissional? Em caso negativo, qual profissão você gostaria de ter? Justifique.

Sujeitos	Respostas
1	No momento não me vejo em outra área, mas falando profissionalmente eu saberia me dedicar ao máximo a qualquer área disponível.
2	Psicologia ou enfermagem por gostar de lidar com as pessoas de forma direta, porem a mensalidade está muito elevado para o meu orçamento.
3	Sim, pois sempre haverá campo para o aprendizado.
4	-
5	-
6	-
7	Escolha Profissional
8	Foi uma escola proficional.
9	Sim.
10	É uma boa escolha profissional.



11	Tanto uma escolha profissional, como a conquista de um sonho
12	Em partes sim. Além do ensino, me interessa muito por música, e gostaria de fazer uma faculdade para que pudesse me aprofundar no assunto.
13	-
14	Sim. Em caso, gostaria de trabalhar com a mente humana, ou seja psicóloga.
15	Sim. No magistério você aprende bastante coisa prática é diferente de faculdade.
16	Sim, sempre quis ser professora.
17	Sim, está sendo. Não vejo um lado negativo, pois sempre tive certeza do que eu queria.
18	Não fiz o Magistério.
19	A minha primeira opção, sempre foi serviço social. Quando optei pelo magistério, foi porque como professora sempre se é um pouco assistente social.
20	Sim, muitas pessoas fazem o magistério e conseguem se equilibrar e depois se formam como professores.
21	Professor, pois não me ergo em outra mesmo nas dificuldades.
22	Sim.
23	Sim, acho que já respondi em outras questões.
24	-
25	Não cursei.
26	Sim, eu quero dar aula até chegar a minha aposentadoria na aula.
27	-
28	Profissional e realização Pessoal.
29	-
30	-
31	Sim. Acho essencial para que o professor esteja apto e seguro para coordenar uma sala de aula com sucesso. E embora não seja valorizado como deveria, já que forma médicos, engenheiros etc., é uma profissão gostosa já que não cai nunca na monotonia pois cada aula é diferente da outra.
32	Sim. Apesar de todas as dificuldades, acredito que a educação é a melhor saída para mudar a realidade, por isso estou lutando para conseguir essa formação.
33	Sim porque ele o auxilia para futuramente vc fazer faculdade de Pedagogia.
34	Estou satisfeita com a escolha.
35	Sim. Gosto de lecionar mas principalmente de 5ª a 8ª.
36	Não fiz magistério.
37	Bom mas se a professora nunca formou da faculdade e é melhor fazer o curso de Pedagogia porque ajuda e ensina melhor para os alunos.
38	Até o momento sim. Gosto muito de criança, gosto de ser útil e isso me realiza.
39	Não está sendo negativo ao contrário está me ajudando muito principalmente o meu lado positivo e as minhas perspectivas.
40	Não está sendo negativo para mim. Agora se fosse mais nova um pouco tentaria a medicina pois gostaria de me especializar na área de Pediatria.
41	Não fiz magistério.
42	Eu não fiz magistério.
	Psicóloga, mas não foi viável então optei por pedagogia depois

43	psicopedagogia.
44	Sempre me identifiquei muito com vendas seria uma opção em caso de não continuar esta.
45	Não acho o magistério uma má escolha e gostaria de continuar com a escolha de magistério e pedagogia.
46	Sim. Algo mais desenvolvendo cada professor a demonstrar seu conhecimento. E colocando mais incentivo aos alunos.
47	Sim. Muito antes de trabalhar na área eu já havia optado em ser professora, ter entrado nesse mercado só confirmou o que eu já havia escolhido.
48	Não gostaria de fazer outra coisa, sempre quis ser prof.
49	O magistério para mim agora é uma questão de segurança para um mercado promissor, depois eu pretendo também entrar na área da saúde.
50	Sim.
51	Nutricionista.
52	Não sei, alguma profissão que trabalhasse com o público gosto de contatos com pessoas.
53	Não é o caso de negativo: na verdade mesmo eu gostaria de ser Psicóloga e depois professora, mas as condições não permitiu então uni o útil ao agradável
54	Sim, como já afirmei acima sempre quis ser uma educadora.
55	Com certeza esta é a minha profissão, trabalhar com os pequeninos.
56	Por enquanto estou me identificando mas não sei do futuro estou decidindo.
57	Não acho que não dão importância p/ quem não fez magistério. Bom se não estivesse cursando Pedagogia gostaria de cursar enfermagem pois é uma área linda onde um ajuda o outro e onde deve ter carinho, atenção e paciência.
58	Sim, para meu projeto será importantíssimo.
59	Sim, apesar de não querer estar só em sala, quero fazer parte da Coordenação de uma Escola auxiliando todos à minha volta.
60	Sim.
61	O magistério está sendo uma escolha se não for desta vez a profissão que está no meu plano seria enfermagem.
62	Sim, está sendo.
63	Psicologia da educação.
64	Sim, pra mim foi uma escolha que eu tomei desde os meus 14 anos e a cada dia que passa tenho mais certeza que vou fazer a diferença na vida dessas crianças carentes.
65	Não cursei magistério mas sempre tive essa convicção.

9. Coloque no espaço abaixo outros comentários que você considera importantes sobre magistério, profissão, escolha profissional, mercado de trabalho, escola etc.

Sujeitos	Respostas
	Muitas vezes as pessoas escolhem uma determinada profissão por vários fatores é o caso do professor, as vezes parece mais cômodo ser professor, é ai

<b>1</b>	que ele depara com as frustrações. Ser professor como dizia Paulo Freire exige criticidade, exige pesquisa, exige reflexão crítica sobre a prática. Ensinar exige comprometimento.
<b>2</b>	Acha que essa área já está ficando um pouco saturado, porém se for em escola pública tem em retorno financeiro melhor.
<b>3</b>	-
<b>4</b>	-
<b>5</b>	É importante que o professor tenha calma compreensão e nunca estacionar. Sempre em busca de novos conhecimentos e cultivar os amigos ajudando, aprendendo e orientando.
<b>6</b>	-
<b>7</b>	Profissão importante para os alunos.
<b>8</b>	Uma profissão muito importante para nós professores e para os alunos.
<b>9</b>	Acho importante que as pessoas que se formam em cursos profissionais estejam confiantes em sua atuação.
<b>10</b>	-
<b>11</b>	-
<b>12</b>	-
<b>13</b>	-
<b>14</b>	Estar conhecendo a profissão é muito importante. O magistério pedagógico, requer um conhecimento e responsabilidade mútua com o outro alguém.
<b>15</b>	A profissão escolhida é muito importante porque é uma coisa que faz parte da sua vida. Porque passamos muito mais tempo no trabalho que na nossa casa. O mercado de trabalho é competitivo e precisamos dar o melhor de si.
<b>16</b>	É importante que o professor esteja sempre buscando conhecimento e repassando esse conhecimento para o aluno, mas de forma gostosa e interessante, a profissão não é fácil mais com amor, força de vontade e dedicação a recompensa é maravilhosa.
<b>17</b>	Acho uma profissão muito desvalorizada financeiramente. Deveria ser mais reconhecida.
<b>18</b>	Fiz o auxiliar de enfermagem e agora estou fazendo pedagogia. O curso foi muito bom, mas se tivesse começado a faculdade no lugar do curso já teria terminado ou estaria terminando. Escolher a profissão certa e na hora certa é melhor do que fazer a escolha errada e na hora errada.
<b>19</b>	-
<b>20</b>	-
<b>21</b>	Magistério não é uma profissão apenas mais sim um amor que cada professor deve ter.
<b>22</b>	A minha profissão eu já escolhi.
<b>23</b>	Avaliação do aluno: acredito na avaliação do aluno como indivíduo único na sociedade, que merece respeito as suas individualidades e deve ser avaliado como um todo e não dividido em áreas (partes).
<b>24</b>	-
<b>25</b>	Não Cursei.
<b>26</b>	O + importante é que nós aprendemos e passamos conhecimentos. Sempre aprendemos coisas diferentes, com os diferentes alunos. É uma profissão difícil, mas compensadora, pois aprendemos coisas para a vida.
<b>27</b>	-

<b>28</b>	Nesta profissão, precisamos explorar o estágio para absorver o máximo de informações e experiências que serão úteis na aplicação dos alunos futuramente.
<b>29</b>	-
<b>30</b>	-
<b>31</b>	-
<b>32</b>	Magistério é a profissão que escolhi apesar de encontrar escolas que me deixam meio preocupada, porque acredito numa coisa e tenho que fazer outra.
<b>33</b>	-
<b>34</b>	A escolha profissional deve ser feita com amor e principalmente consciência, principalmente quando se trata de magistério, pois sabemos que é uma profissão que exige muita dedicação.
<b>35</b>	Ser professor hoje, implica muita responsabilidade já que vivemos num caos social, para ser professor de fato, tem que gostar realmente do que faz, pois vários são os descasos com essa profissão.
<b>36</b>	Importante buscar sempre mais informações p/ ser um ótimo profissional e exercer sua função sempre com muito amor e dedicação.
<b>37</b>	Sou promotora da loja mas espero se eu conseguir ser promovida para trabalhar dentro da empresa no RH ou na parte do escritório.
<b>38</b>	Creio que em qualquer profissão o amor tem que vir antes de qualquer coisa, dessa forma teremos profissionais dedicados, felizes e realizados.
<b>39</b>	É importante para que erros do passado ou professores como antigamente não aconteça mais na vida das nossas crianças.
<b>40</b>	Trabalho com crianças quase 20 anos mas para mim esta profissão ou esta formação será muito importante. Pois com certeza terei mais facilidade de expressar assuntos que não conhecia e que no curso estou conhecendo.
<b>41</b>	-
<b>42</b>	Antes de escolher uma profissão é preciso pensar muito, principalmente nessa área.
<b>43</b>	-
<b>44</b>	-
<b>45</b>	Acho importante que os formados em magistério continuassem estudando sempre, pois esta escolha profissional é gratificante e quanto ao mercado de trabalho é uma área que tenho pra mim que não faltará trabalho.
<b>46</b>	Alguns professores não estão sendo mais valorizados, depois que querem tirar o magistério. Isso é injusto deveria permanecer, tanto mais oportunidades ao que não tem. Em relação à faculdade tem um reconhecimento maior.
<b>47</b>	Eu só tenho a dizer que seja qual for a escolha da nossa profissão, ela deve ser escolhida com o coração. Dinheiro é importante, mas não nos realiza profundamente.
<b>48</b>	-
<b>49</b>	- O mais importante de tudo isso é ter carinho por qualquer uma e o mais importante é que exista amor porque se não tiver amor não se consegue fazer nada nesta vida.
<b>50</b>	-
<b>51</b>	É uma profissão muito linda, ensinar crianças educá-los, mas não é uma profissão valorizada.

<b>52</b>	Acho que cada um deve escolher a profissão que realmente gosta, pois é uma coisa que vai durar muito tempo em nossas vidas.”E devemos trabalhar com amor”.
<b>53</b>	-
<b>54</b>	Hoje, os professores não são valorizados como se deve, mas a educação é muito importante porque sem educação o que será do amanhã? “um caos”.
<b>55</b>	Para escolhermos uma profissão é muito difícil, porém ser profissional é mais difícil ainda. O mercado de trabalho tem bastante pessoas que escolheram uma profissão, de certa forma a escola tem culpa por isso, por deixarem pessoas desclassificada entrarem para o mercado de trabalho, dando autorização de capacitação para tal profissão.
<b>56</b>	Fazer o que gosta.
<b>57</b>	-
<b>58</b>	-
<b>59</b>	-
<b>60</b>	-
<b>61</b>	O ser humano hoje precisa de educador. Pra que isso aconteça precisamos passar pelo magistério para que a profissão venha acontecer.
<b>62</b>	Apesar das dificuldades que virão, estou muito feliz por escolher esta profissão.
<b>63</b>	Todos os cursos proficonalizantes são bons e nos ajuda
<b>64</b>	*magistério > entender do assunto *profissão > gostar do que faz *mercado de trabalho > entrar para fazer a diferença
<b>65</b>	-

## APÊNDICE III – Grade Curricular do 1º ano de Pedagogia da Instituição Formadora

Grade Curricular do 1º ano de Pedagogia da instituição formadora

<b>1º SEMESTRE</b>	
<b>DISCIPLINA</b>	<b>CARGA HORÁRIA (h/a)</b>
Sociologia Geral	40
Língua Portuguesa	80
Psicologia da Educação I	80
Filosofia Geral	40
Metodologia Científica I	40
Filosofia da Religião	40
Didática e Novas Tecnologias de Comunicação e Informação	40

<b>2º SEMESTRE</b>	
<b>DISCIPLINA</b>	<b>CARGA HORÁRIA (h/a)</b>
Filosofia da Educação	40
Sociologia da Educação	40
História da Educação	40
Fundamentos Curriculares da Educação Infantil	40
Psicologia da Educação II	80
Metodologia Científica II	40
Didática	40
Educação Étnica	40
Pesquisa Educacional e Prática Pedagógica I	50

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)